

Web revista Página de debates

Questões de
LINGUÍSTICA
E
LINGUAGEM

QUESTÕES DE
LINGUÍSTICA
E
LINGUAGEM

WEB REVISTA
PÁGINA DE DEBATES

QUESTÕES DE
LINGUÍSTICA
E
LINGUAGEM

ISSN: 1984 - 5227

V. 01. Ed. 26
Março de 2020

EXPEDIENTE

A *Web-Revista* Página de Debate: linguística e linguagem, a partir da edição no. 24, passou a ser uma publicação da Editora e Livraria Pantanal.

A *Web-Revista* foi doada pelo Núcleo de Estudos em Análise do Discurso, coordenador pelo Prof. Dr. Marlon Leal Rodrigues e esta Editora, ressaltamos que as linhas teóricas e as temáticas continuarão sem alteração. As edições publicadas no site do Centro de Pesquisa e Análise do Discurso – CEPAD -, será transportado para o site da Editora de forma gradativa sem perder o endereço de registro.

A *Web-Revista* contará com a colaboração dos professores e de núcleos de pesquisa para continuar a publicação de artigos, resenhas de livros e dissertações/tese.

Em decorrência dos atrasos das edições, teremos uma publicação mensal até a normalização das edições, este aspecto não acarreta nenhum tipo de prejuízo acadêmico para os autores, consultores e parceiros.

Apoiadores:

- Centro de Pesquisa em Análise do Discurso - CEPAD
- Núcleo de Estudos em Análise do Discurso – UEMS
- Núcleo de Estudos em Análise do Discurso – Alto Araguaia – UNEMAT
- Núcleo de Pesquisa e Estudos Sociolinguísticos e Dialetológicos – UEMS
- Laboratório Sociolinguístico de Línguas Não-Indoeuropeia e Multilinguismo - UEMS

Publicação mensal por linha teórica ou por tema que integram os estudos linguísticos.

Editores

Jauranice Rodrigues Cavalcanti
Marina Célia Mendonça
Nara Maria Fiel de Quevedo Sgarbi
Paulo Cesar Tafarello
Marlon Leal Rodrigues
Wedencley Alves Santana
Romilda Meire da Silva Barbosa
Elisângela Leal da Silva Amaral
Rosimar Regina Rodrigues de Oliveira
Valéria Faria Cardoso
Celso Abrão dos Reis

www.linguisticaelinguagem.cepad.net.br/ -até edição 23/
<http://ojs.pantanaleditoraeditorialivraria.com.br/index.php/discursividade>

ISSN - 1984 – 5227

Web revista Página de debates

Questões de
LINGUAGEM

Edição 26 – Março de 2020
Artigo recebido até 25/01/2020
Artigo aprovado até 27/02/2020

Editor da Edição no. 26, Março de 2020

Prof. Me. Ovídio da Conceição Batista Júnior
Prof. Me. Celso Abrão dos Reis
Prof. Dr. Marlon Leal Rodrigues

Conselho Editorial e Consultores

Antônio Carlos Santana de Souza (NEC/UEMS)
Cosme Batista dos Santos (UNEB-BA)
Jauranice Rodrigues Cavalcanti (UFTM/NEAD)
Luiza Helena Oliveira da Silva (UFT)
Maria Angélica Freire de Carvalho (UFPI)
Marina Célia Mendonça (UNESP/ARARAQUARA/NED)
Marlon Leal Rodrigues (UEMS/NEAD/UFMS)
Nara Maria Fiel de Quevedo Sgarbi (UNIGRAN)
Nilsa Brito Ribeiro (UFPA)
Wedencley Alves Santana (UFJF//NEAD)

Diagramação e Projeto Gráfico

Paulo Cesar Tafarello - UNEMAT

Web Revista Página de Debate: Linguística e Linguagem	Editora e Livraria Pantanal - MS	Vol. 01	No. 26	Março 2020	Pp.: 000	ISSN: 1983 - 6740
---	-------------------------------------	---------	--------	---------------	-------------	-------------------------

Editora e Livraria Pantanal

Endereço: Rua: Clarinda Garcia No. 1476

Bairro: Jardim Progresso

Três Lagoas – MS

Cep: 79 640 150

Site: www.pantanaleditoraeditorialivraria.com.br

Telef.:

End. Eletrôn.: editora@pantanaleditoraeditorialivraria.com.br

Contato e envio de trabalhos: linguisticaeinguagem@pantanaleditoraeditorialivraria.com.br



Edição 26 – Março de 2020
Artigo recebido até 25/01/2020
Artigo aprovado até 27/02/2020

SUMÁRIO

Apresentação

Prof. Me. Ovídio da Conceição Batista Júnior
Prof. Me. Celso Abrão dos Reis
Prof. Dr. Marlon Leal Rodrigues

Artigos

O Uso dos Símbolos na Comunicação Digital

Gladis Adriane Vitorino Vargas Bueno – PG/UEMS

Caminhos para a Linguística Forense

Katherine Cristine Costa Camargo – G/UEMS

Viva o lado Coca-Cola da vida: análise de um discurso publicitário

Wélida Alves – G/UEMS

A Designação da Palavra Cultura: um sentido entre tantos outros

Adriana Diunisio Trindade Rodrigues – PG/UEMS

Rosimar Regina Rodrigues de Oliveira – NEAD/UEMS – UNEMAT

A Arbitrariedade ou a Motivação do Signo Linguístico

Flávio Nascimento da Silva – G/UEMS

A queda do “s” na Desinência Verbal de Número e Pessoas

Web revista Página de debates

Questões de
LINGUAGEM

Edição 26 – Março de 2020
Artigo recebido até 25/01/2020
Artigo aprovado até 27/02/2020

Pedro Paulo de Souza Fattori – UEMS

Análise do Discurso de Professor Atuante em Sala de Aula de Escola Pública

Marly Custódio Da Silva – UEMS

Memórias Didático-Pedagógica: experiências de um profissional da educação básica

Aline Cléia de Matos – G/Pedagogia/UEMS

Ariane Calazans Mori – G/ Pedagogia/UEMS

Pollyana de Oliveira – G/ Pedagogia/UEMS

Priscila Batista Mendes de Oliveira – G/ Pedagogia/UEMS

Saiaca Naise Silva dos Santos – G/ Pedagogia/UEMS

Marlon Leal Rodrigues – NEAD/UEMS

APRESENTAÇÃO

A *Web Revista Página de Debate: linguística e linguagem*, na edição no. 27 apresenta uma diversidade de temáticas e áreas diversificadas. Se de um lado pode parecer que haja ausência de algo que os aproxima, do outro, a questão exatamente ter textos que de diversidades teóricas, fato que possibilita um tipo de leitura adversa.

Nesse sentido, nada melhor do que deixar os autores nos apresente algo de suas reflexões:

Gladis Adriane Vitorino Vargas **Bueno** aborda alguns dos sentidos dos *emotions* que n contemporaneidade, com o advento das ferramenta digitais se constituem como forma de comunicação e interação social:

A gramática serve apenas para prescrever o que é a norma culta e a filologia investiga a origem das palavras no desenvolvimento histórico das línguas; as pessoas, todavia, se comunicam no mais das vezes sem prestar atenção em tais conhecimentos. Daí que a função primordial da linguagem é a comunicação e o uso da norma culta nem sempre é adequado para a diversidade de situações sociais que vivemos. Por exemplo: se estamos em um ambiente descontraído, simplesmente conversando com os amigos, provavelmente soaria mal um linguajar formal, técnico, porquanto pareceria uma tentativa de ostentação ou algo semelhante. Apresentaremos o mundo visual dos emojis e explicaremos porque se tornaram os “queridinhos” da comunicação virtual e tão perfeitos para campanhas de marketing.

Katherine Cristine Costa **Camargo** e Marlon Leal **Rodrigues** apresenta de forma sintética uma área que se pode considerar nova dentro dos Estudos Linguística, estamos falando da Linguística Forense:

Com base em pressupostos científicos da linguística e da área jurídica, o presente artigo visa salientar a importância da confluência de ambas para resolução de crimes. Linguística Forense em uma análise investigativa pode proporcionar estudos e provas benéficas para a sociedade brasileira carente de informações confiáveis. Em âmbitos sociais como simples manuscritos, mensagens, cartas, fotos, áudios, tonicidade da voz, palavras flutuantes, textos jurídicos, escritos de redes sociais, bem como em outros meios, a língua pode revelar traços de perfilamento que na área jurídica servem como provas periciais, ainda muito pouco conhecida no Brasil, essa área vem sendo estudada, pesquisada e salientada como de suma importância para a eficácia de profissionais tanto na área jurídica como na área de Letras. O

artigo aborda com pesquisa bibliográfica pontos importantes dessa área, bem como a aplicabilidade em diversos âmbitos inimagináveis do cotidiano.

Wélida **Alves**, a partir dos discursos publicitários de refrigerante, apresenta uma possibilidade de análise da propaganda da Coca-Cola:

Este artigo objetiva compreender o funcionamento do discurso publicitário. Assim, busca respaldo na Análise do Discurso que estabelece relações entre discurso, poder e ideologia. Como material de análise linguística optamos por analisar um comercial da marca de refrigerante Coca-Cola, veiculados pela televisão. Desse modo, são abordados os conceitos de formação discursiva e formação ideológica (Fiorin, 2005). Foram levados em conta, além de aspectos da linguagem verbal, outros provenientes da linguagem não verbal. Quanto aos recursos presentes na linguagem verbal, busca-se observar e descrever algumas estratégias linguístico-discursivas utilizadas pela esfera publicitária, capazes de persuadir e/ou convencer os telespectadores. A linguagem pode, ao mesmo tempo, gozar de certa autonomia em relação às formações sociais e sofrer as determinações da ideologia.

Adriana Diunísio Trindade **Rodrigues** e Rosimar Regina Rodrigues de **Oliveira** a partir da Semântica do Acontecimento nos apresenta uma análise a respeito de uma crônica da Revista Veja:

É na crítica apresentada pelo jornalista, conselheiro editorial da Editora Abril, e colunista das revistas *Veja* e *Exame*, José Roberto Guzzo, que será observado o sentido da palavra “cultura”. O texto intitulado “Supremo Tribunal Cultural”, publicado na revista *Veja*, em 25 de fevereiro de 2015, será analisado pelo viés da Semântica do Acontecimento como enunciação, como a Reescrituração, Articulação e Domínio Semântico de Determinação (DSD).

Flávio Nascimento da **Silva** e Marlon Leal **Rodrigues** faz uma ligeira discussão a arbitrariedade do signo e sua motivação:

Este artigo objetiva abordar algumas teorias sobre a arbitrariedade ou a motivação do signo linguístico. Desde os filósofos gregos até os contemporâneos, são discutidos aspectos que envolvem as relações entre as palavras e os objetos que designam, entre o significante e o significado. O trabalho abordará estas perspectivas apontadas por meio da obra *Curso de Linguística Geral* (2000), de Saussure e *A estilística*, de Monteiro (1991).

Pedro Paulo de Souza **Fattori** e Marlon Leal **Rodrigues** fazem uma abordagem da queda do /s/ em desinência verbal da Língua Portuguesa:

Este trabalho tem por objetivo comprovar a ocorrência linguística da queda do “s” da desinência verbal de número e pessoas, utilizando para tais estudos primeiramente conceitos teóricos adquiridos através de gramáticas históricas sobre a linguagem e a língua, a história da península ibérica, desenvolvendo assim nossa língua portuguesa, noções de fonética e fonologia, e os fenômenos de metaplasmos.

Marly Sustódio da **Silva** apresenta uma análise do discurso do que se possa conceituar com professor atuante em sala de aula:

O presente artigo tem como objetivo analisar aspectos do discurso do professor em escola pública. Para tanto, foi aplicado um questionário aos professores de forma que esses pudessem emitir conceitos pessoais relativos à profissão. A partir das regularidades discursivas observadas na materialidade linguística que apontam para esses conceitos, chegamos às representações sobre tais. Apoiando-se em pressupostos teóricos do linguista russo Bakhtin (1986), segundo os quais a linguagem é instância ideológica por excelência, presentes na obra *Marxismo e filosofia da linguagem*, procuramos analisar o discurso do profissional como efeito de sentido.

Aline Cléia de **Matos**, Ariane Calazans **Mori**, Pollyana de **Oliveira**, Priscila Batista Mendes de **Oliveira**, Saiaca Naise Silva dos **Santos** e Marlon Leal Rodrigues apresenta entrevista com professores da rede pública de ensino fundamental e básica, dão a palavra a professores que muitas vezes são falados em suas práticas de ensino:

O presente trabalho foi desenvolvido pelas acadêmicas do 3º ano do curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS. A proposta tem por finalidade a retomada das memórias didático-pedagógica dos profissionais da educação. A profissão professor é cercada de desafios a serem superados, embora haja inúmeras funções do profissional. É uma profissão rodeada de desvalorização e precariedade. Além da agressão física e verbal, que vem marcando o fim da segunda década do século XXI, cada vez mais o professor exerce função além do conteúdo, a educação de valores que deveria ser função das famílias dos educandos. Diante de fatos, observados e anunciados constantemente, foi

Web revista Página de debates

Questões de
Linguagem

Edição 26 – Março de 2020
Artigo recebido até 25/01/2020
Artigo aprovado até 27/02/2020

elaborada uma entrevista com o objetivo a Memória Didático-Pedagógica de profissionais da educação.

Esperamos que todos tenham uma ótima leitura que gere muitas reflexões>

Desta Terra de Três Lagoas, Março de 2020

Prof. Me. Ovídio da Conceição Batista Júnior
Prof. Me. Celso Abrão dos Reis
Prof. Dr. Marlon Leal Rodrigues

Núcleo de Estudos em Análise do Discurso

O USO DOS SÍMBOLOS NA COMUNICAÇÃO DIGITAL

Gladis Adriane Vitorino Vargas Bueno
PG/UEMS

Resumo: A gramática serve apenas para prescrever o que é a norma culta e a filologia investiga a origem das palavras no desenvolvimento histórico das línguas; as pessoas, todavia, se comunicam no mais das vezes sem prestar atenção em tais conhecimentos. Daí que a função primordial da linguagem é a comunicação e o uso da norma culta nem sempre é adequado para a diversidade de situações sociais que vivemos. Por exemplo: se estamos em um ambiente descontraído, simplesmente conversando com os amigos, provavelmente soaria mal um linguajar formal, técnico, porquanto pareceria uma tentativa de ostentação ou algo semelhante. Apresentaremos o mundo visual dos emojis e explicaremos porque se tornaram os “queridinhos” da comunicação virtual e tão perfeitos para campanhas de marketing.
Palavras-Chave: Língua, Gramática, Emotins.

Introdução

A linguagem é a forma de comunicação do ser humano, a verbal e a escrita. A escrita humana começou com formas figurativas, que acompanharam a evolução da humanidade.

Saussure, tendo uma visão mais ampla do fenômeno da comunicação, cria um novo paradigma para o estudo do mesmo. Ora, se muitas pessoas sequer conhecem as regras gramaticais e se expressam bem, se há povos que sobreviveram por séculos sem desenvolver a escrita, é sinal que a linguagem é algo mais complexo que a mera organização gramatical e a busca do étimo das palavras. A gramática serve apenas para prescrever o que é a norma culta e a filologia investiga a origem das palavras no desenvolvimento histórico das línguas; as pessoas, todavia, se comunicam no mais das vezes sem prestar atenção em tais conhecimentos. Daí que a função primordial da linguagem é a comunicação e o uso da norma culta nem sempre é adequado para a diversidade de situações sociais que vivemos. Por exemplo: se estamos em um ambiente descontraído, simplesmente conversando com os amigos, provavelmente soaria mal um linguajar formal, técnico, porquanto pareceria uma tentativa de ostentação ou algo semelhante.

Com a evolução dos meios de comunicação, entre a criação da prensa e a popularização da internet, pode haver quem tenha apostado que as imagens estavam destinadas ao desaparecimento na linguagem escrita.

Mas a poesia concreta, em que o posicionamento das letras e palavras é usado para formar desenhos, e depois os emoticons e emojis, vieram para mostrar que essa é uma tendência que nunca abandonou a comunicação.

A atenção do adulto médio não é mais do que um par de minutos. Um estudo da Microsoft descobriu que as pessoas perdem a concentração depois de apenas oito segundos - isso é um segundo mais rápido do que o movimento de um peixe dourado.

O cérebro humano está preparado para entender imagens; processamos informações visuais 60.000 vezes mais rápido que o texto. Quando se tratava de divulgar sua mensagem durante os primeiros dias da Internet, a palavra escrita era o melhor método. Mas hoje recebemos cinco vezes mais informações do que há 30 anos.

A partir de 2009, a estimativa é que consumimos 34 gigabytes de informação ou 100.500 palavras, fora do trabalho em um dia normal. Esse número sem dúvida aumentou, e quase todas as grandes redes sociais usaram esses dados para aumentar a importância e a importância do conteúdo visual.

Jornalistas e escritores como Vladimir Nabokov (1899-1977), autor de “Lolita”, há muito já davam sugestões de que era necessário incluir um sinal gráfico para expressar sentimentos. Em uma entrevista ao jornal “The New York Times” em 1969, Nabokov disse: “Eu sempre penso que deveria existir um sinal tipográfico especial para o sorriso – algum tipo de marca côncava, um parênteses voltado para cima”. Atualmente, 63% das mídias sociais são compostas de imagens. Isso abriu uma série de oportunidades criativas para a comunicação. É provável que você já tenha visto centenas de emojis preenchendo feeds sociais e mensagens de texto. Apresentaremos o mundo visual dos emojis e explicaremos porque se tornaram os “queridinhos” da comunicação virtual e tão perfeitos para campanhas de marketing.

Emoticons x emojis

Antes de começar acredito ser importante que saibamos diferenciar emoticons e emojis (sim, são diferentes).

Emoticon é a junção das palavras inglesas emotion (emoção) e icon (ícone). Consiste em símbolos tipográficos usados em conjunto com o propósito de formar figuras que ajudem a simular emoções humanas, como a tristeza ou a alegria, por exemplo.

Contada várias vezes ao longo da história da era da internet a história conta que em setembro de 1982 o cientista da computação Scott Fahlman sugeriu no fórum do site da Carnegie Mellon University que :-) e :- (poeria ser usado para distinguir o tipo de comentários. Pouco tempo depois veio o nome, “emoticon”.

Ao contrário de emoticons, emojis são imagens reais, de tudo, desde um conjunto de unhas pintadas, para um fantasma ligeiramente lunático. Os emojis foram criados na década de 1990 por uma empresa de comunicação japonesa, estas imagens pequenas, digital ou ícones são usados para expressar uma ideia ou emoção nas comunicações eletrônicas.

Onde emoticons foram inventados para expressar a emoção em ambientes onde nada além do texto básico está disponível, emoji são extensões para o conjunto de caracteres usados pela maioria dos sistemas operacionais de hoje, Unicode¹.

Uma recente pesquisa do Google descobriu que a palavra mais escrita via SMS ou chat em 2014 não era uma palavra, mas um desenho de coração vermelho. De acordo com a empresa, a imagem e suas variações aparecem bilhões de vezes por dia pelo mundo. Comidas, animais, transportes, pessoas, sentimentos.

Tipos de Emojis

Os emojis, como antes já dito, são representações gráficas usadas para transmitir uma ideia, emoção ou sentimento. Esses símbolos são muito populares em comunicações online, como nas redes sociais, SMS e aplicativos de comunicação instantânea, como o Whatsapp.

O Whatsapp é um dos aplicativos de comunicação onde os emojis são mais utilizados. Em muitos casos, esses pictogramas podem substituir frases inteiras, transmitindo a mensagem do locutor com apenas um símbolo.

No entanto, muitas dessas imagens gráficas podem ser mal interpretadas, ou utilizadas de forma errada. Logo abaixo estão os Emojis mais populares no Whatsapp:

- Sorridente (Grinning Face)

¹ Unicode é um padrão que permite aos computadores representar e manipular, de forma consistente, texto de qualquer sistema de escrita existente.

Este emoji é representado por um rosto com uma grande boca sorridente, mostrando os dentes. Este símbolo costuma ser usado para mostrar a felicidade ou alegria da pessoa em relação ao conteúdo previamente apresentado na mensagem.

- Chorando de Rir | LOL (Face With Tears of Joy)

Este emoji significa que a pessoa está rindo tanto, que seus olhos chegam a lacrimejar, dando a impressão de que está chorando. Normalmente é usado quando alguém quer deixar claro que algo é muito engraçado. A popularidade deste símbolo é tão grande que em 2015 foi considerada a "Palavra do Ano", de acordo com o Oxford English Dictionary.

- Suando frio ou Trabalho pesado (Downcast Face With Sweat)

Este emoji é representado por uma cara triste ou neutra com uma gota de suor escorrendo pela cabeça. Costuma ser usado nas mensagens de texto para transmitir a sensação de frustração, preocupação ou decepção com algo. Assim como o nome do emoji sugere, esse símbolo também pode ser usado para mostrar como determinada pessoa está fisicamente ou emocionalmente cansada.

- Mandando um beijo carinhoso (Face Blowing a Kiss)

Representado pela imagem de um rosto piscando e com um pequeno coração próximo da boca, como se estivesse soprando. Muito popular e costuma ser usado quando a intenção é enviar um beijo muito carinhoso para a outra pessoa. Existem muitos emojis de beijos, mas este é um dos mais utilizados.

- Silêncio | Rosto sem boca (Face Without Mouth)

Com olhos, mas sem boca. Este emoji representa o ato de ficar calado. Costuma ser usado quando alguém deseja deixar clara a sua opção de não fazer comentários sobre algo, mesmo tendo várias coisas para falar sobre o assunto. Mas, também pode ser usado para expressar a incapacidade de comentar determinado assunto, principalmente quando a pessoa fica sem palavras perante algo que acabou de ler, por exemplo.

- Revirando os olhos (Face With Rolling Eyes)

Usado para representar o sentimento de tédio, desprezo ou desdém por alguém ou pelo assunto em questão na conversa. Dependendo do contexto, este emoji também pode ser utilizado para indicar o uso de um comentário sarcástico.

- Chorando ou Lagrimando (Crying Face)

Este emoji mostra que o interlocutor está chateado ou magoado com alguma coisa, mas não ao ponto de estar desesperado ou histérico.

- Careta (Grimacing Face)

Este costuma ser constantemente confundido com o emoji "Sorrindo" (Grinning Face), mas o seu significado é totalmente diferente deste. Essa careta é muito usada para representar situações que são desconfortáveis ou desfavoráveis para o interlocutor. Também pode significar que a pessoa está nervosa ou pouco confortável com determinada situação. Ainda pode ser interpretado como um sinal de gozação do interlocutor, que não está falando seriamente sobre um assunto, por exemplo.

- Rosto Neutro (Neutral Face)

Este emoji representa a ausência de qualquer tipo de emoção em particular. Normalmente usado quando algo é tão desinteressante que não existe nenhuma manifestação de sentimento adequado para ser expressada.

- Pensativo (Thinking Face)

É um emoji bastante popular, usado quando alguém quer mostrar que está pensando ou refletindo sobre algo. Também pode ser útil, em alguns casos, para representar de forma sarcástica o questionamento feito sobre a autenticidade de uma declaração, por exemplo. Este é um dos poucos smileys que mostra a mão.

- Abraçando (Hugging Face)

Um smiley com as mãos abertas e rosto sorridente. É usado quando o objetivo é transparecer o carinho e afeto que temos pela outra pessoa, desejando abraçá-la. Normalmente é enviado quando realmente desejamos abraçar o interlocutor mas, não podemos devido a distância. A imagem deste emoji costuma variar bastante de acordo com o dispositivo (iOS, Android, Windows, etc), por isso ele pode parecer um pouco diferente da imagem mostrada acima.

- Irritado e frustrado (Face With Steam From Nose)

Esse smiley é representado com uma fumaça saindo do nariz, transmitindo a ideia de irritabilidade, frustração e desdém de uma pessoa em relação a algo. Por norma, esse emoji costuma ser usado quando o interlocutor está ficando irritado com algum assunto, principalmente se for algo que este considere frustrante ou insignificante.

- Dormindo (Sleeping Face)

Esse emoji significa que o interlocutor está com muito sono, sendo o "Zzz" no topo da cabeça do smiley o símbolo que indica a sonolência. Costuma ser usado em duas principais ocasiões: para mostrar que a pessoa está literalmente dormindo (com sono) ou para mostrar o total desinteresse que alguém tem em um assunto por achá-lo muito entediante.

- Sonolento

Assim como o emoji anterior, este também é usado para mostrar que a pessoa está com sono ou entediada com o conteúdo da conversa.

Diferente do "sleeping face", este é representado por uma bolha de água no nariz. Essa é uma representação muito comum nos animes e mangás para indicar que os personagens estão dormindo profundamente.

- Olhos de coração

Este emoji é usado para mostrar que o interlocutor está apaixonado por algo ou alguém. Normalmente as pessoas enviam esse emoji como sinônimo de "eu te amo" ou "eu amo isso".

- Gritando

Este emoji é baseado no personagem do quadro O Grito do artista norueguês Edvard Munch. Normalmente é usado para expressar a ideia de medo, pavor ou grande surpresa em relação a algo.

- Olhos

O emoji dos dois olhos abertos como se estivessem atentos costuma ser usado para indicar que o interlocutor está prestando atenção em alguma coisa. É normal usar como resposta a algum comentário que a pessoa aprove ou que esteja curiosa.

- Soco para frente

Este emoji representa um punho fechado, como se o interlocutor estivesse dando um soco na direção da outra pessoa.

- Braço musculoso

Esse emoji consiste em um braço flexionado mostrando o músculo. Costuma ser usado como um sinal de força, determinação e resistência do interlocutor.

- Dedos cruzados

Este emoji é usado para mostrar o desejo do interlocutor de que algo se concretize ou para transmitir boa sorte para alguém.

- Mão tremendo (Waving Hand) waving hand

Este emoji é representado por uma mão com sinais que simbolizam o seu movimento. Costuma ser usado como um gesto de cumprimento, seja para dizer "olá" ou "tchau".

- Indicador levantado

Esse emoji é representado por uma mão com o dedo indicador levantado para cima. Costuma ser usado para simbolizar que a pessoa deseja fazer uma pergunta ou um comentário pontual sobre algum assunto em específico. Outra utilização deste emoji é para realçar a importância de alguma coisa que foi dita anteriormente, ou seja, a mensagem que aparece logo acima do emoji. Desta forma, o interlocutor fica com a impressão de que o dedo indicador do emoji está apontando para a referida mensagem.

- Levantando as mãos

Simboliza duas mãos levantadas para o ar. É usado para representar a celebração de algo, como uma boa notícia que estava a ser muito esperada. Também pode ser usado para expressar a devoção da pessoa por Deus, agindo como um sinônimo de "aleluia".

- Mãos juntas

Na cultura japonesa, o símbolo que representa duas mãos juntas pode significar um gesto de agradecimento. No entanto, no ocidente é comum o seu uso para simbolizar o ato de rezar (torcer) para algo.

Algumas interpretações também sugerem que este emoji seja usado como sinônimo de "high five", um cumprimento onde duas pessoas batem a palma da mão como sinal de comemoração. Percebe-se que esse emoji sofreu um deslocamento de sentido, sendo utilizado de formas diferentes em regiões distintas.

- Pessoa tapando a cara

Este emoji representa uma pessoa cobrindo o rosto com sua mão. É usado para expressar o sentimento de descrença, vergonha e frustração em relação ao comportamento de alguém ou de determinada situação.

- Pessoa se curvando

Originalmente, este emoji foi criado para representar um código de etiqueta da cultura japonesa conhecido como dogeza. Este gesto demonstra o grande respeito que um indivíduo tem pelo outro, e costuma ser usado para expressar um pedido de desculpa.

No entanto, no ocidente, outros significados foram atribuídos a este emoji, como uma pessoa fazendo flexões, uma pessoa deitada recebendo massagem, entre outras interpretações.

- Gesticulando um Não

Este emoji é representado por uma pessoa formando um "X" com os seus braços. Esse sinal pode ser interpretado como uma resposta negativa a algo. É muito comum o uso deste emoji para mostrar que o interlocutor não concorda com determinada coisa ou situação, por exemplo.

- Gesticulando um OK

O emoji que representa uma pessoa com os braços por cima da cabeça, formando uma espécie de círculo, é usado para expressar o mesmo que "OK". Ou seja, quando alguém usa este emoji está transmitindo a mensagem de que "está tudo bem" ou aprovando algo.

- Erguendo a mão

Representa a figura de uma pessoa com uma mão levantada para o ar, como se fosse perguntar ou responder a algo.

- Pessoa com a mão dobrada

Também conhecido como Information desk person, esse emoji é caracterizado como uma pessoa com o braço levantado e a mão dobrada, como se estivesse carregando uma bandeja invisível.

Existem inúmeras interpretações possíveis para este emoji, mas as mais populares estão associadas com a ideia de transmitir sarcasmo ou atrevimento.

- Encolhendo os ombros

É comumente usado para indicar a indiferença do interlocutor sobre o conteúdo do assunto. Também pode expressar a falta de conhecimento da pessoa em determinado tema, por exemplo. Este emoji se originou a partir do emoticon ¯_(ツ)_/¯, que ainda pode significar o mesmo que "tanto faz" ou "não sei de nada".

Conclusão

Ao longo dos anos, as formas de comunicação passaram por diversas transformações. Desde os primórdios onde se valiam dos hieróglifos para registrar a história das civilizações, há uma busca por uma

forma de expressão de fatos por meio da escrita. Ao contrário do que acontecia no passado, onde poucas pessoas tinham acesso a escrita, sendo um privilégio dos nobres, hoje uma grande parte da população mundial conseguem se comunicar por meio dos signos, que é a relação arbitrária entre um significado e um significante, como descrito por Ferdinand Saussure, em outras palavras é a relação entre um conceito e uma imagem sonora. E esse fenômeno da comunicação foi objeto de seus estudos

Antes o estudo da expressão era, sobretudo, o da gramática, em que se propõe reger o uso da linguagem e o da filologia, em que se busca a origem das palavras ao se relacionar línguas atuais com as antigas. Saussure, ao ampliar sua visão acerca do fenômeno da comunicação, desenvolve um novo olhar para o estudo do mesmo. Questiona acerca dos povos que sobreviveram por séculos sem desenvolver a escrita e mesmo assim conseguem se comunicar, para ele isso é sinal de que a linguagem é algo mais complexo que a mera organização gramatical e a busca do étimo das palavras. Simplifica que a gramática serve apenas para prescrever o que é a norma culta e a filologia investiga a origem das palavras no desenvolvimento histórico das línguas; as pessoas, todavia, se comunicam no mais das vezes sem prestar atenção em tais conhecimentos. Daí que a função primordial da linguagem é a comunicação e o uso da norma culta nem sempre é adequado para a diversidade de situações sociais que vivemos. Somos moldados de acordo com o ambiente onde estamos e dessa vivência surgem os sotaques, que difere de uma região para outra. E a comunicação muda de acordo com o lugar e a situação Por exemplo: se estamos em um ambiente descontraído, simplesmente conversando com os amigos, provavelmente soaria mal um linguajar formal, técnico, porquanto pareceria uma tentativa de ostentação ou algo semelhante.

Saussure, ao promover esta nova abordagem no estudo das línguas, é tido por muitos como o fundador da Linguística Moderna, que se propõe a ser a ciência da língua. Além disso, por entender que a comunicação não se dá tão somente pelo uso das palavras, mas também por gestos, olhares, roupas, cortes de cabelo e quaisquer elementos que possam ser usados como signos. Trata-se da Semiótica, estudo dos fenômenos culturais considerados como sistemas de significação, tenham ou não a natureza de sistemas de comunicação; o funcionamento dos signos e da linguagem em geral.

Devido à necessidade do mundo contemporâneo, cada vez mais tecnológico, surgiu assim novas formas de comunicação, deixando de ser algo somente do mundo real, mas no mundo chamado “virtual”. As pessoas encontram-se nos chamados espaços virtuais, que cada vez mais tem sido parte da rotina de muitas pessoas.

Para se fazer amigos não é mais necessário sair de casa, basta apenas procurar em “redes sociais” essas novas amizades, ter o pedido aceito e pronto é só começar a conversação. E não é somente nas redes sociais, existem também vários outros canais de comunicação virtual onde a linguagem utilizada é mais rápida e concisa, nesses ambientes os emojis são tidos como “queridinhos” de uma gama de usuários. Não se sabe o real motivo para esse fenômeno, talvez seja pelo fato da facilidade em para expressar sentimentos e emoções é necessário apenas uma imagem. Temos que levar em conta também a questão da significação, uma vez que uma única imagem tem vários significados, podendo ser utilizada de forma irônica por exemplo.

Os estudiosos da evolução humana previam uma nova etapa nesse processo ao longo dos anos, pode não ter sido da forma como imaginaram, com mudanças anatômicas ou fisiológicas no corpo humano, mas não podemos negar que essa nova forma de comunicação seja essa um tipo de evolução que tem feito história e mudado o comportamento de muitas pessoas. Se para melhor ou pior, não cabe aqui julgar, mas o fato é que a cada dia que passa a contar mais adepto dessa forma de linguagem que agrada não somente jovens e crianças, mas também a terceira idade tem aderido essa nova maneira de se comunicar.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

https://istoe.com.br/382254_HIEROGLIFOS+MODERNOS/. Acesso 30/06/18

<https://pt.linkedin.com/pulse/evolu%C3%A7%C3%A3o-da-linguagem-de-emoji-e-o-uso-na-comunica%C3%A7%C3%A3o-priscila-milk>. Acesso em 30/06/18.

<https://ricardovigna.wordpress.com/estudos-de-semiotica-e-filosofia-da-linguagem/1-1-a-importancia-da-linguagem/>. Acesso em 30/06/18

<https://sproutsocial.com/insights/emoji-marketing/>. Acesso em 30/06/18

<https://vestibular.uol.com.br/resumo-das-disciplinas/atualidades/emojis-imagens-que-substituem-as-palavras-na-comunicacao.htm>. Acesso em 12/11/18.

<https://www.significados.com.br/emojis-emoticons/>. Acesso em 12/11/18.

CAMINHOS PARA A LINGUÍSTICA FORENSE²

Katherine Cristine Costa Camargo³
G/Letras/UEMS
Marlon Leal Rodrigues
NEAD/UEMS

RESUMO: Com base em pressupostos científicos da linguística e da área jurídica, o presente artigo visa salientar a importância da confluência de ambas para resolução de crimes. Linguística Forense em uma análise investigativa pode proporcionar estudos e provas benéficas para a sociedade brasileira carente de informações confiáveis. Em âmbitos sociais como simples manuscritos, mensagens, cartas, fotos, áudios, tonicidade da voz, palavras flutuantes, textos jurídicos, escritos de redes sociais, bem como em outros meios, a língua pode revelar traços de perfilamento que na área jurídica servem como provas periciais, ainda muito pouco conhecida no Brasil, essa área vem sendo estudada, pesquisada e salientada como de suma importância para a eficácia de profissionais tanto na área jurídica como na área de Letras. O artigo aborda com pesquisa bibliográfica pontos importantes dessa área, bem como a aplicabilidade em diversos âmbitos inimagináveis do cotidiano.

PALAVRAS-CHAVE: Linguística e Direito, Linguística Forense, CiberCrime.

Paths to Forensic Linguistics

ABSTRACT: Based on the scientific assumptions of linguistics and the legal area, this article aims to highlight the importance of confluence of both to solve crimes. Forensic Linguistics in an investigative analysis can provide studies and evidence beneficial to the Brazilian society lacking reliable information. In social environments such as simple manuscripts, messages, letters, photos, audios, tone of voice, floating words, legal texts, writings of social networks, as well as in other means, the language can reveal profiling traits that in the legal area serve as evidence which is still very little known in Brazil, this area has been studied, researched and emphasized as of utmost importance for the effectiveness of professionals in both the legal area and the area of Literature. The article approaches with bibliographical research important points of this area, as well as the applicability in several unimaginable areas of daily life.

KEY WORDS: Linguistics and Law, Forensic Linguistics, CiberCrime.

Introdução

É de amplo conhecimento que a comunicação é capaz de perpassar importantes áreas da atividade humana, se não, todas. A falta de conhecimento e do uso da linguística por profissionais de diversas áreas não possibilita aos mesmos uma competência eficaz em sua atuação, não ter um conhecimento linguístico pode sobretudo causar prejuízos para a carreira profissional.

² Trabalho feito para a disciplina de Linguística II ministrado pelo Prof. Dr. Marlon Leal Rodrigues, UEMS – Campo Grande-MS.

³ Acadêmica do curso de Letras Português / Espanhol da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Campo Grande-MS.

Ainda há muitas áreas que não reconhecem a importância dos estudos linguísticos, mas é importante salientar que na sociedade atual, os profissionais que se voltam a pesquisar em como as relações humanas são realizadas através de sistemas semióticos, sem dúvida, são profissionais que se sobrepõe profissional, seja ela da área de Humanas ou não. Outro aspecto importante é que na sociedade pós moderna as relações humanas estão sofrendo uma grande variedade linguística em seus cotidianos, uma delas é a linguagem virtual, que por si só substitui a escrita por símbolos e suas respectivas expressões, mas esse não é o único caminho que a linguística pode ser analisada, o presente artigo visa salientar sua importância assim como nas áreas de letras, pedagogia, comunicação, ciências sociais, biologia, psicologia, a Linguística se aplica de forma fundamental na área de Direito, a Linguística Forense.

Dentro dos estudos da linguagem, a Linguística forense caminha a passos largos como uma nova área para profissionais de Letras, abre espaços no mercado de trabalho que atualmente se restringem à educadores, e especialistas em tradução, em parceria com o Direito, a linguística Forense é capaz de conduzir investigações usando apenas uma frase escrita, uma foto, um áudio e analisa por detalhes e por outro campo de visão, algo ainda não levado em consideração. Sua importância é de propriedade única.

A linguística Forense é uma disciplina acadêmica recém-criada, muito atuante nos países de língua inglesa, utilizada no auxílio de investigação policial, mas também como prova pericial. Sua atuação consiste na aplicação de métodos e conceitos científicos da linguística em contextos forenses. Tal como o personagem Sherlock Holmes dizia, “os pequenos detalhes são sempre os mais importantes”.

Linguística Forense

Este estudo sustenta, apoiado em Norman Fairclough (2001) que o Discurso é linguagem falada ou escrita, compreendo-o como um modo de ação sobre o mundo e sobre os outros, uma prática e não apenas uma representação do mundo, que se encontra em uma relação dialética entre a prática social e a estrutura social e que é moldado e socialmente constituído. COLARES, Virgínia. P. 230. 2016.

A Linguística Forense é um ramo da linguística aplicada na investigação de bilhetes de suicídio, chamadas de emergência, comunicações de ameaça, cartas anônimas, verificação de plágio, textos jurídicos, por exigência do atual fluxo de crimes pela internet, mensagens e grupos de redes sociais. Importante frisar que no conjunto citado acima há três áreas na qual a Linguística Forense busca desenvolver em sua análise.

Linguagem e Direito

A linguagem escrita nos documentos jurídicos, analisa a linguagem legal, características peculiares de estatutos e contratos, descreve problemas que surgem por profissionais da área jurídica para se comunicar entre eles ou por uma audiência leiga, outro tipo de texto abordado que curiosamente faz parte do nosso cotidiano em jornais, revistas, entrevistas televisivas e que por vezes é incomum prestarmos atenção no papel linguístico ali inserido, estão os documentos expedidos durante o trabalho do mensalão no Supremo Tribunal Federal do Brasil, documentos expedidos por Delegacias Policiais, as Instruções para um Tribunal do Júri, Trechos da Constituição, Diálogos ocultos por ofícios dentro do Senado, ou seja, a linguística jurídica é extremamente prolixa, podemos levar horas analisando páginas e páginas indecifráveis para leigos.

Existem duas tendências de estudo do discurso jurídico: a primeira contempla a linguagem “da” justiça, preocupando-se “com a significação específica que as palavras adquirem no âmbito da justiça – o ‘juridiquês’ e relações intersociais”, e a segunda contempla a linguagem “na” justiça, objetivando “dar conta de dados linguísticos coletados na Justiça como unidades pragmáticas, nas quais a intervenção entre indivíduos, o contexto situacional e a função comunicativa integram o processo de produção de sentido”. Alves (2003, p. 84-85)

Apesar da crescente linguagem virtual e da proporção que isso causa negativamente para o ensino da língua portuguesa, o mundo legal, ou seja jurídico é essencialmente escrito, por isso dentro da área de direito os campos nos quais linguistas podem se especializar são vários, dentre eles estão os Direitos Linguísticos, Tradução Forense, Direito Comparado, a Filosofia do Direito, a Interpretação da lei, etc. O mundo jurídico aborda diferentes tipos textuais, a análise desses gêneros é de suprema importância para a compreensão, o trabalho do linguista forense pode produzir uma comunicação mais eficaz e democrática entre profissionais de direito e linguagem.

Contextos Forenses

Nessa área os especialistas em linguística forense se concentram na linguagem oral das interações jurídicas, em fóruns, entrevistas, jornais, discursos, entre outros contextos, examina complicações na interação como por exemplo um interrogatório ou entrevista psicológica com uma vítima vulnerável, seja ela menor de idade, em choque traumático, deficientes mentais, testemunhas oculares que estão sob proteção, pessoas que não falam a mesma língua, assim, mais um leque de opções nas quais os linguistas forenses podem atuar se expande, como em interrogatórios policiais, desvantagens linguísticas diante da lei, réus pro-se, diálogos em contextos prisionais, dentre outros.

Linguagem como evidência

Em tribunais de júri ou conflitos jurídicos, há uma necessidade de provas para comprovação das informações ali esplanadas, isso é fato. Outro fato é que a análise da linguística pode ser usada em todos os tipos de conflito no âmbito jurídico, as ferramentas usadas para análise linguística nesses casos podem ser de ordem fonética, léxico-gramática ou pragmática. Um exemplo, de ordem fonética, pode ser notado facilmente em interrogatórios, dados como sotaque, pronuncia de palavras regionais, gírias faladas em determinada região, tonalidade da voz no uso de palavras, fatos esses são levados em consideração para desvendar uma pessoa até então incógnita.

Linguística Forense do CiberCrime

“A linguística forense é utilizada no auxílio à investigação policial, mas também como prova pericial. Uma das suas áreas fundamentais, nas ciências forenses, é a análise de autoria de documentos suspeitos manuscritos, mas sobretudo os incluídos em comunicações eletrônicas”, Rui Sousa-Silva.

Como citando na introdução do presente artigo, há todo um desenvolvimento tecnológico que faz parte do cotidiano das pessoas, tal desenvolvimento abre um leque de opções e variadas formas de crimes por redes sociais. Diariamente, pessoas negras sofrem discriminação na área virtual, crianças estão disponíveis como

pratos cheios para pedófilos, pessoas publicam status sobre suas vidas pessoais e se tornam vulneráveis em roubos, sequestros e até mesmo extorsão, frequentemente há relatos de mulheres e homens enganados e persuadidos por “supostos” namorados virtuais a depositarem quantias de dinheiro e depois são abandonados, há um manancial de crimes de assédio, perfis falsos nas redes sociais, usurpação, dentre outros. Vivemos na era eletrônica, e no CiberCrime, uma análise textual simples em busca de desvendar a autoria desses crimes não é suficiente.

Em uma série de televisão, chamada “Criminal Minds”, disponível em um canal fechado AXN, há mais de dez anos, um grupo de perfilhadores buscam desvendar crimes cometidos por Serial Killers, muitos dos episódios dessa interessantíssima série, são baseados em fatos reais, é importante frisar também que a maioria dos episódios baseados em fatos reais, para chegar até os criminosos a equipe faz uma análise minuciosa de cada passo que a vítima fez antes do ocorrido, utiliza a linguística forense para analisar as mensagens trocadas anteriormente, diários, histórico de pesquisas na internet, bem como se deixaram algum bilhete ou carta, analisam a grafologia daquele documento. Coube mencionar essa série, principalmente por entre os policiais participantes da equipe, ter especialistas em linguística, e é de mínimo conhecimento ainda que a forma como ocorre a escrita, a comunicação, torna-se primordial para se chegar a conclusão do crime. Uma equipe do FBI, capaz de analisar, desvendar e prevenir um crime, fazendo o perfilamento do assassino com base na escrita e expressão, realmente incrível!

A linguística forense também pode ser utilizada num cenário de aparente suicídio. Imagine-se que há suspeita de que uma nota de suicídio não foi escrita pela pessoa encontrada morta, exemplifica. Nesses casos, o que se faz é comparar o estilo de escrita com documentos dessa mesma pessoa para perceber se foi ela a escrever ou não, ou se o fez coagida. No caso de haver suspeitos, o perito compara ainda a nota com textos destes.”

É importante frisar o quanto a linguística forense pode contribuir para a percepção dos fatos, no caso citado acima, sobre suicídio, atrelado aos meios de comunicação pelas redes sociais, há muitos relatos de jovens que após se suicidarem deixaram vestígios de que tal fato foi induzido e coagido por videogames, devemos citar vários casos de participantes do “Baleia Azul”, também coagidos por injúria e bullying, fatos que só foram descobertos depois de uma análise de linguística Forense.

O Suicídio é um problema que pode ser prevenido com base em uma análise linguística, é perceptível como é de suprema importância. Levando em consideração a forma preventiva da linguística, vale relatar um caso ocorrido recentemente, fato esse narrado no presente artigo, no qual a autora é testemunha ocular, o suicídio de uma acadêmica de publicidade da Universidade Católica Dom Bosco de Campo Grande, Mato Grosso do Sul, na Cachoeira do Inferninho. “Sozinha, a jovem chegou ao local em um carro, deixou-o estacionado e seguiu em direção do penhasco, onde um grupo de rapel se encontrava, sem cumprimentar nenhuma das pessoas ali, sentou-se, fumou um cigarro, ficou ali próximo das pessoas por cerca de mais de 40 minutos, ao notar a presença de uma pessoa diferente, um dos participante de Rapel, perguntou se a mesma tinha interesse em descer, a jovem, de forma simpática respondeu que ‘desceria de outra maneira’, como havia uma trilha, essa resposta não despertou espanto. Alguns minutos depois desse diálogo, o grupo ali notou a chegada de um grupo do corpo de bombeiros, ao descerem da viatura, a jovem tomou impulso dando três passos para trás e pulou. Todas as pessoas ficaram chocadas com o acontecimento. Porém, os bombeiros não, afirmando que receberam uma ligação anteriormente da suposta jovem, se identificando e avisando que havia uma mulher que pretendia se suicidar, analisando a ligação foneticamente, os bombeiros notaram que é tratava da própria jovem. Na mesma tarde, em notícias do acontecimento em site de notícias, é revelado que a jovem havia feito um texto horas antes no Instagram e compartilhado.” Um trecho do texto está descrito abaixo:

“Alinm_eu vou sentir saudade do meu mini long. dos meus livros. das pulseirinhas que a glenda me deu. vou sentir falta daquela minha calça jeans frouxa. do belchior e da bruxinha que ficam na mesa do meu quarto. sentirei falta do meu violão e falta nunca toca-lo para as pessoas. sentirei saudade das camisetas largas e dos meus cigarros. saudade das cachoeiras e da vida noturna. vou sentir falta de conversar com a lua e me sentir tão pequena olhando as estrelas. sentirei falta dos sorrisos amigos. dos abraços acalentadores. dos rocks in rolls, mpbs e sambinhas calmos. vou sentir tanta saudade dos carnavais e dos halloweens. dos momentos. de todos os seres humanos que cruzaram a minha existência e a fizeram singular e cheia de cores. sentirei falta da embriaguez que umas cervejas ou -aquela- bamboa proporcionavam. vou sentir uma falta imensurável do boi, o cachorro mais doido que o planeta terra acolheu. sentirei saudade da minha família -mãe, pai, vó, irmãos, primos, tios. das noites de vinhos e massas (campo largo e miojo). vou sentir saudade das séries de desenho animado e das pipocas com manteiga que sempre me acompanhavam. das luzes do cinema se apagando e do gostinho de batata recheada de creme branco/frango/acrécimo de provolone/batata palha. vou sentir tanta falta do mar, da maresia de andar a cavalo....” Aline Machado

Assim, o texto continua mencionando que ela sentirá falta, sentirá saudades. Em uma análise simples, nota-se que mesmo sendo de seu conhecimento, ela não usa em nenhum momento letras maiúsculas, expressando a serenidade, bem como a falta de pretensão e o sentido vago. Observa-se também que a mesma deixa registrado a importância que sua vida teve, já escrevendo que sentirá falta, indicando que não terá mais essas coisas em seu futuro. O texto também revela características dela, como estilo musical, o jeito de se vestir, que a mesma gosta de animais, que é fumante, dentre outras. Tal fato ocorrido, em uma simples análise já indica que ela planejava ir embora ou cometer o suicídio. De qualquer maneira, a ligação e o texto deixado nas redes sociais, deram a conclusão da morte como homicídio, já que poderia ter sido um acidente, e o responsável pelo rapel no local poderia ter sido penalizado.

“À análise de comunicações eletrônicas, aparentemente banais, mas que possam ocultar significados potencialmente criminais”. Por exemplo, trocas de mensagens entre terroristas, suspeitos de tráfico humano, de pornografia e de aliciamento de menores através da internet que utilizam palavras como códigos. Vai estudar os significados dessa linguagem. Desde já, adverte que não acede a dados privados das pessoas, mas sim, a fóruns de discussão, por exemplo. Rui Sousa-Silva.

Concluindo, em um ambiente virtual a linguística forense vem ganhando cada vez mais espaço, principalmente na resolução de crimes e ainda há um vasto trabalho por linguistas forenses a ser explorado no Brasil, pesquisadores, profissionais acadêmicos, agentes de polícia, interpretes, tradutores, professores de linguagem, advogados, psicólogos e estudantes de diferentes áreas, compartilham suas pesquisas e produções sobre linguística forense.

Considerações Finais

Considerando que a Linguística Forense constitui um campo interdisciplinar, na confluência da Linguística com Direito, mas sobretudo, igualmente com outras áreas, é utilizada no auxílio de investigações policiais, como também na produção de prova pericial. Uma das áreas fundamentais que se aplica a Linguística

Forense é na análise de documentos judiciais, manuscritos suspeitos, interrogatórios policiais e principalmente em comunicações eletrônicas.

Um dos maiores desafios para os profissionais da área de Letras é ‘dar entrada’ em discursos legais em todos os sentidos, como analistas e como participantes destes discursos. É preciso estudar o código linguístico com muito afinco, para que, de igual a igual, dialogar com profissionais das áreas legais com o mesmo poder de análise e confiança. Também é importante frisar que o presente artigo justapõe duas áreas, e fortalece suas articulações, fato que pode causar grande impacto na sociedade brasileira, atualmente carente de poderes legais confiáveis. Nota-se que é uma questão prioritária no âmbito brasileiro a formação de profissionais nessa área, e que infelizmente ainda são poucos os estudantes que tem optam por tal seguimento, tanto na área jurídica como na de linguística.

O compartilhamento de conhecimento e experiências de ambas as áreas contribuem significativamente para a formação de novas gerações, para práticas acadêmicas e profissionais. A Linguística Forense é uma ponte fundamental de troca de saberes entre as duas áreas e deve ser estudada com muita prioridade e respeito para a atual sociedade.

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Nilson Teixeira de. **Gramática completa para concursos e vestibulares**. São Paulo: Saraiva, 2009.

ALVES, Virgínia Colares Soares Figueiredo. **Inquirição na Justiça: Estratégias Linguístico-Discursivas**. Porto Alegre: Sérgio Antônio Fabris, 2003.

ALVES, Virgínia Colares Soares Figueiredo. **Linguagem e Direito**. São Paulo: Cortêz, 2016.

DUCROT, Oswald. **Princípios de Semântica Linguística: Dizer e não dizer**. São Paulo: Cultrix, 1977.

Web revista Página de debates

Questões de
LINGUAGEM

Edição 26 – Março de 2020
Artigo recebido até 25/01/2020
Artigo aprovado até 27/02/2020

GOFFMAN, Erving. Footing. In: RIBEIRO, B.T; GARCEZ, P. (orgs.) **Sociolinguística interacional**. São Paulo: Loyola, 2002.

PEDRO, Emília Ribeiro (Org.). **Análise Crítica do Discurso**: Uma perspectiva sociopolítica e funcional. Lisboa: Caminho, 1998.

SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral**. Trad. De Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1995.

SCHNACK, C. M.; PISONI, T. D.; OSTERMANN, A. C. **Transcrição de fala: do evento real à representação escrita**. Entrelinhas, v. 2, n. 2, 2005.

SYTIA, Celestina Vitória Moraes. **O Direito e suas instâncias linguísticas**. Porto Alegre: Sergio Antônio Fabris, 2002.

Weil, Pierre. **O Corpo fala: a linguagem silenciosa da comunicação não-verbal**, por Pierre Weil e Roland Tompakow. 64. Ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

Sites Consultados

<https://www.publico.pt/2017/07/31/sociedade/noticia/linguistica-forense-cada-um-de-nos-tem-uma-maneira-unica-de-escrever-1780804> Acesso em 10 de dezembro de 2017.

<http://justificando.cartacapital.com.br/2015/07/30/o-papel-da-linguistica-forense-em-uma-investigacao/> Acesso em 9 de dezembro de 2017.

<http://www.revel.inf.br/files/5a6b743927809a74b88510a52ba8d218.pdf> Acesso em 9 de dezembro de 2017.

Web revista Página de debates

Questões de
LINGUAGEM

Edição 26 – Março de 2020
Artigo recebido até 25/01/2020
Artigo aprovado até 27/02/2020

http://apcforenses.org/?page_id=520 Acesso em 9 de dezembro de 2017.

<http://mundoeducacao.bol.uol.com.br/gramatica/uso-letras-maiusculas-minusculas.htm> Acesso em 9 de dezembro de 2017.

VIVA O LADO COCA-COLA DA VIDA: ANÁLISE DE UM DISCURSO PUBLICITÁRIO⁴

Wélida Alves⁵

PG/UEMS

Resumo: Este artigo objetiva compreender o funcionamento do discurso publicitário. Assim, busca respaldo na Análise do Discurso que estabelece relações entre discurso, poder e ideologia. Como material de análise linguística optamos por analisar um comercial da marca de refrigerante Coca-Cola, veiculados pela televisão. Desse modo, são abordados os conceitos de formação discursiva e formação ideológica (Fiorin, 2005). Foram levados em conta, além de aspectos da linguagem verbal, outros provenientes da linguagem não verbal. Quanto aos recursos presentes na linguagem verbal, busca-se observar e descrever algumas estratégias linguístico-discursivas utilizadas pela esfera publicitária, capazes de persuadir e/ou convencer os telespectadores. A linguagem pode, ao mesmo tempo, gozar de certa autonomia em relação às formações sociais e sofrer as determinações da ideologia.

Palavras-chave: Publicidade. Discurso. Ideologia. Persuasão. Coca-Cola.

Introdução

A publicidade está presente no dia a dia de todos nós e é transmitida por meio de variados meios de comunicação de massa. Somos cercados por ela, podemos dizer até que somos “bombardeados” pela criatividade advinda dos publicitários. *Slogans* ficam gravados em nossa memória, explosões de cores e imagens que nos deixam admirados, excitados, e talvez, propensos a adquirir os produtos apresentados através desse gênero. As ideias em torno da sociedade de consumo estão relacionadas aos fatos originários da realidade social, fazendo com que se crie uma análise a respeito de cada uma das características que norteiam essa dimensão permitindo que o consumo assuma um papel importante na sociedade. Para tanto são usadas algumas estratégias persuasivas, para melhor obter os resultados desejados pelas empresas e respectivos publicitários,

⁴ Artigo científico elaborado como Trabalho de Conclusão da disciplina “Seminários em Análise do Discurso” sob a orientação do Prof. Dr. Marlon Leal Rodrigues.

⁵ Formada em Letras, Professora, Mestranda em Análise do Discurso. Welida.alves@hotmail.com

assim a publicidade torna-se capaz de agregar valores como amor, felicidade e prazer a produtos comercializados.

O discurso publicitário foi o objeto de estudo neste trabalho em razão, principalmente, de seu poder de influência, persuasão e sua presença marcante em nossa sociedade. Independente da maneira em que é veiculada trata-se de um discurso elaborado com objetivos muito precisos, uma vez que busca fazer com que seus interlocutores acreditem no que é veiculado e adquiram o produto mostrado.

A pesquisa tem como objetivo analisar e compreender o discurso persuasivo publicitário observando os recursos verbais e não verbais, a fim de reconhecer e refletir sobre o poder que esse discurso alcança ao ser usado muitas vezes para gerar a necessidade de consumo.

O corpus utilizado para análise foi o discurso persuasivo publicitário do refrigerante Coca-Cola, na campanha lançada no Brasil em 2006, com o tema: “Viva o lado Coca-Cola da vida”.

Discurso, Segundo os Estudos em Análise do Discurso

A palavra discurso, em sua origem, de acordo com Orlandi (2003 p.15), exprimi a ideia de curso, de percurso, de movimento e, sendo assim, discurso é a palavra em movimento, é a prática de linguagem. Ao pensar em análise do discurso, buscamos entender a língua fazendo sentido na construção do homem e da sua história, fator que leva em conta as condições de produção dessa linguagem e a forma dela materializar a ideologia.

O termo discurso, pois, refere-se ao uso da língua em um contexto específico, ou seja, à relação entre os usos da língua e os fatores extralinguísticos presentes no momento em que esse uso ocorre, por isso o discurso é o espaço da materialização das formações ideológicas, sendo por elas determinado.

Mas não se trata apenas de uma transmissão de informação e por isso não se deve confundir discurso com fala. Para entender melhor essa diferença, o autor José Luiz Fiorin, no livro no qual trata das relações entre Linguagem e Ideologia explicita bem esta distinção:

Discurso são as combinações de elementos linguísticos (frases ou conjuntos constituídos de muitas frases) usadas pelos falantes com o propósito de exprimir seus pensamentos, de falar do mundo

exterior ou de seu mundo interior, de agir sobre o mundo. A fala é a exteriorização psicofísico-fisiológica do discurso. Ela é rigorosamente individual, pois é sempre um eu quem toma a palavra e realiza o ato de exteriorizar o discurso. (2005, p.11)

Em síntese, discurso é a exteriorização da ideologia e fala, a exteriorização do discurso. A partir da definição dada por Fiorin (2005), entendemos que um discurso não é um amontoado de frases, mas é composto por uma estrutura na qual é possível identificar e diferenciar em seu interior uma sintaxe e uma semântica. Trata-se de um conjunto de ideias organizadas de maneira que possa influenciar no raciocínio e, às vezes, até no sentimento do leitor ou ouvinte. Além de ser a expressão de uma ideologia, a forma do homem mostrar seu espaço, de interagir com o meio e ainda de transformar a si mesmo e a realidade em que vive.

Por ser a exteriorização de uma ideologia, podemos afirmar que o discurso, diferentemente da fala, não é independente, uma vez que traz consigo todos os elementos que influenciaram na criação da ideologia do criador do discurso, como, o acesso aos bens culturais, ao processo de escolarização e todo o aprendizado que o indivíduo adquiriu ao longo de sua vida, na qual estabeleceu laços de interação social com os demais.

Discurso e ideologia são, portanto, dois pilares que se sustentam, já que o discurso é elaborado a partir de um conjunto de crenças, valores e visões de mundo de um determinado grupo ou instituição que se sustenta através de tal discurso. Além disso, tal discurso sempre se apresenta ao grupo como coerente aos seus interesses.

O Que é Ideologia

Ao pensarmos sobre o que a palavra ideologia significa para nós, logo pensamos em uma opinião ou crença que sustentamos ao longo de nossa vida ou em um valor que nos conduz ao longo da vida. Entendemos que quando falamos em ideologia, estamos falando em pensamentos e visões que nos foram passados, que passaremos para futuras gerações e que tomamos como verdade para nosso estilo de vida.

De acordo com o dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, a palavra Ideologia é definida como:

Um sistema de ideias (crenças, tradições, princípios e mitos) interdependentes, sustentadas por um grupo social de qualquer natureza ou dimensão, as quais refletem, racionalizam e defendem os próprios interesses e compromissos institucionais, sejam estes morais, religiosos, políticos ou econômicos.

Podemos, então, concluir que a ideologia está diretamente ligada às ideias, pensamentos e visões de mundo de um indivíduo ou de um determinado grupo social. Fiorin (2005), linguista estudioso das relações entre o texto e o discurso, nos ajuda a entender melhor esse conceito quando define ideologia como uma visão de mundo de uma classe social, o modo como uma determinada classe explica a sua realidade.

Podemos, assim, concluir que numa formação social existem tantas visões de mundo quantas forem as classes sociais, uma vez que todas deixam marcas de sua visão de mundo, valores e crenças, ou seja, de sua ideologia, no uso que fazem da linguagem. A partir desse conceito, Fiorin (2005) também explica que não há conhecimento neutro, já que ele(o conhecimento) sempre expressa um ponto de vista de determinada sociedade. “O indivíduo não fala e não pensa o que quer, mas o que a realidade impõe que ele pense e fale” (2005, p. 43).

Sob essa concepção teórica, podemos concluir que nenhum indivíduo é livre ideologicamente, pois todas as suas ideias e pensamentos são influenciados pelo contexto social no qual ele está inserido.

Os estudos na Análise do Discurso (AD, daqui em diante), ainda, estabelecem que a ideologia dominante pode ser entendida como a ideologia da classe dominante. Vimos que a ideologia é constituída pela realidade e constituinte da realidade. Não é um conjunto de ideias que surge do nada ou da mente privilegiada de alguns pensadores. Por isso, diz-se que “ela é determinada, em última instância, pelo nível econômico” (FIORIN, 2005, p. 30). Isso significa, então, que o modo de produção determina as ideias e os comportamentos dos homens e não o contrário.

Fiorin (2005) destaca, porém que é preciso não ver o nível ideológico como simples reflexo do econômico, pois “ele tem seu conteúdo próprio e suas próprias leis de funcionamento e desenvolvimento” (p.31). Isso significa que não existe determinação direta e mecânica da economia, mas uma determinação bastante complexa.

A ideologia forma e é formada através da realidade e com base nisso podemos afirmar, então, que a linguagem é o reflexo da realidade visto que a comunicação no dia-a-dia dos homens se dá através da linguagem. Como seres humanos recorreremos à linguagem para nos expressar. É por meio da linguagem que interpretamos a realidade que nos cerca, porém trata-se de uma interpretação construída historicamente a partir de uma série de filtros ideológicos que todos nós temos, mesmo sem nos darmos conta de sua existência. Esses

filtros constituem uma formação ideológica, que é um conjunto de valores e crenças a partir dos quais julgamos a realidade na qual estamos inseridos.

Mesmo que inseridos em formações sociais bastante diferenciadas, o discurso circula em esferas de comunicação as quais o modelo econômico tem sua base no sistema capitalista. O dinheiro é a base da troca para adquirir produtos e serviços. Portanto, as formações sociais, mesmo que distintas, produzem e consomem bens materiais. Evidentemente que em uma sociedade com tal formação, vender produtos e bens de consumo são atividades corriqueiras. Perguntamo-nos, como a sociedade, então, seleciona os produtos para comprar diante de tantas ofertas? Levando em conta o discurso publicitário que nos interessa especialmente, pretendemos verificar como ele faz para convencer/persuadir seus consumidores.

Estratégias de Persuasão no Discurso Publicitário

Como já abordado, o discurso é a expressão de uma ideologia e, portanto, representa opiniões, tece crenças, mitos e valores. Sendo assim, a formação ideológica deve ser entendida como a visão de mundo de uma determinada classe social, isto é, um conjunto de representações, de ideias que revelam a compreensão que uma dada classe tem do mundo.

Como não existem ideias fora dos quadros da linguagem, entendida no seu sentido amplo de instrumento de comunicação verbal ou não-verbal, essa visão de mundo não existe desvinculada da linguagem. Por isso, a cada formação ideológica corresponde uma formação discursiva, que é um conjunto de temas e figuras que materializa uma dada visão de mundo (FIORIN, 2005, p. 31).

O discurso publicitário, então, se utiliza de diversas estratégias para atingir seu público-alvo, sempre a favor de seus interesses. Tais estratégias são de caráter discursivo e textual.

Interessa-nos no escopo deste trabalho, contudo, observar como as estratégias de caráter argumentativo podem auxiliar na construção do discurso publicitário. Isso porque este tipo de texto apresenta características capazes de persuadir e/ou convencer seu auditório. Desde a antiguidade clássica se estabelece uma diferença entre persuadir e convencer. O filósofo Aristóteles (384-322 a.C.) descreveu uma teoria da argumentação na qual esmiuçava seu funcionamento e poder de persuasão. Ela ficou conhecida como Retórica.



Edição 26 – Março de 2020
Artigo recebido até 25/01/2020
Artigo aprovado até 27/02/2020

Mas é o Prof. Luiz Antônio Ferreira (2010, p.15) quem nos auxilia na compreensão da diferença entre o persuadir e o convencer:

Persuadir: Mover pelo coração, pela exploração do lado emocional, coordenar o discurso por meio de apelos às paixões do outro. Convencer: Mover pela razão, pela exposição de provas lógicas, coordenar o discurso por meio de apelos ligados ao campo da racionalidade.

Podemos, então, levar em conta que persuadir é levar alguém a aceitar o ponto de vista do outro, não impondo as palavras, mas de modo habilidoso valorizando sentimentos e se condicionando em duas partes: a primeira da exploração da emoção e a segunda, da afetividade.

A persuasão também busca fundir em si três ordens de finalidade. Segundo o autor, a primeira ordem é a de ensinar, ou seja, é o lado argumentativo do discurso, a segunda finalidade é comover ou atingir o sentimento, ou seja, é o lado emotivo do discurso, e a terceira é agradar, chamar a atenção do leitor ou auditório, ou seja, é o lado estimulante que movimenta o gosto. Quem persuade leva o outro a aceitar determinada ideia, valor e preceito.

O discurso e a persuasão caminham juntos. Dificilmente veremos um discurso livre de estratégias persuasivas, visto que ao evidenciar uma tese a partir de uma opinião o que se deseja é convencer alguém ou um público sobre a “veracidade” do que está sendo anunciado. Embora nem sempre seja anunciada uma “verdade”, a qualidade e estratégias de persuasão usadas no discurso faz com que a semelhança ou proximidade com a verdade convença os interlocutores sobre o que é propagado. De acordo com Citelli (2007, p.15):

É possível que o persuasor não esteja trabalhando com uma verdade – entendido o termo naquele sentido de construção social e não de pretensa referencia positiva, muitas vezes carregada de maniqueísmo e moralismo-, mas apenas com verossimilhança. Isto é, algo que brinca de verdade, que se assemelha ao verdadeiro, processo garantido através de uma lógica que faz o símile (similar, parecido) confundir-se com o vero (verdadeiro, original).

Podemos, então, associar o que foi descrito acima ao funcionamento da mensagem publicitária, ligando-a principalmente à segunda e à terceira ordens de finalidade definidas por Luiz Antônio Ferreira (e já

citada anteriormente). Ambas têm por finalidade atingir o sentimento do leitor, trabalhar o lado emotivo, além de agradar, chamar atenção do leitor ou público, movimentando o gosto do mesmo.

Entendemos que o discurso publicitário é fortemente persuasivo por influenciar e refletir os costumes e comportamentos da sociedade, impondo direta ou indiretamente os valores do produto. Além de criar e mostrar um mundo perfeito, idealizado ao seu público, estabelece um padrão de beleza e de vida nele, mesmo que não seja verdadeiro, mas que o induz a consumir o produto para alcançar tal padrão.

De acordo com a autora Nelly de Carvalho (2002, p.18) por ter um objetivo muito claro, as palavras são muito bem escolhidas na publicidade em função de sua força persuasiva. A escolha do léxico deixa de ser meramente informativa ao tentar mudar a atitude de seus receptores.

O discurso publicitário é veiculado pela mídia com o objetivo de se vender um produto ou serviço, para um público-alvo também chamado de consumidor. São utilizados recursos estilísticos e linguísticos, métodos de persuasão e sedução através de apelos emocionais e racionais. Para alcançar o objetivo proposto e ser efetivamente persuasiva, a linguagem publicitária busca uma aproximação com o seu público, utilizando textos com linguagens simples e simpática, sempre em busca de uma intimidade com o público, tornando, assim, o produto a ser vendido familiar ao seu público. Os artifícios persuasivos utilizados são correspondidos por resultados como animação do ego do público, motivação, envolvimento emocional, simpatia e cumplicidade, identificação com o apelo do produto, o que faz acreditar que a sua adesão o torna superior em *status* ou qualificação, fazendo com que a pessoa acredite que possuir os objetos é alcançar a felicidade.

Ainda de acordo com Nelly de Carvalho (2002, p.17): “O discurso publicitário é um dos instrumentos de controle social e para bem realizar essa função, simula igualitarismo, remove da estrutura de superfície os indicadores de autoridade e poder substituindo-os pela linguagem da sedução.”.

A História e o Sucesso das Campanhas Publicitárias da Coca-Cola

Sinônimo de sucesso por estar presente em todo o mundo, inclusive nos cantos mais remotos do planeta, a Coca-Cola foi criada em 1886 por um farmacêutico cujo nome era John Pemberton, na cidade de Atlanta, nos Estados Unidos. A mistura de um xarope de cor caramelizada com água gaseificada se tornou uma saborosa bebida batizada oficialmente pelo contador de Pemberton, Frank Robinson, no dia 8 de maio de

1886. Pemberton não tinha ideia do sucesso que seu experimento quase acidental faria e vendeu a empresa em 1891 para Asa Griggs Candler por apenas U\$\$ 2,3 mil. Candler se tornou o primeiro presidente da empresa e, com uma visão de vendedor nato, foi ele quem viu que a Coca-Cola era uma marca a ser explorada e fez questão de garantir que seu logo seria mantido. A caligrafia criada pelo contador Ronbinson, em 1886, é a mesma até os dias de hoje. Há quem propaga que isso é um dos principais motivos do sucesso de comunicação da marca.

Ao longo de mais de um século, as propagandas da marca Coca-Cola sempre foram inovadoras e cativantes, na maioria das vezes valendo-se de um apelo emocional, o que pode ter ajudado a solidificar a marca e levar o produto a milhões de casas em todo o mundo. A primeira experiência com a publicidade foi na gestão de Candler, que utilizou formas brilhantes de apresentar a bebida ao maior número de pessoas possíveis, através de relógios, balanças e calendários com propaganda da marca distribuídos entre farmacêuticos, além da criativa ideia de distribuir cupons que poderiam ser trocados por um copo, o que incentivava inúmeras pessoas a experimentarem a bebida. Essas atitudes tomadas por Candler foi garantia de sucesso da empresa.

Duas décadas após sua criação, a bebida já era conhecida e admirada por muita gente e, conseqüentemente, também era imitada por muitos. Pensando nisso, as propagandas da marca passaram a ter como foco incentivar os consumidores a exigirem a verdadeira, sempre enfatizando a originalidade do refrigerante Coca-Cola. Como comemoração pelos vinte anos da empresa e esteio dessa campanha de exclusividade, foi lançado um concurso que escolheria a nova garrafa da bebida. O *design* escolhido para a nova embalagem se valeu de contornos únicos que facilitavam a identificação até mesmo pelo tato.

Juntamente com a opção pelo desenho da caligrafia, a garrafa de vidro também é um dos segredos de sucesso da marca, já que com o passar dos anos transformou-se em identidade cultural aceita pelas sociedades de vários países, de maneira que qualquer pessoa ao redor do mundo consegue identificar o produto, mesmo que esteja em cores diferentes ou não contenha rótulos.

Quando a empresa estava sob a gestão de Robert Woodruff, um especialista em marketing, começou uma revolução na comunicação da marca. Ocorre a primeira campanha lançada fora da nação americana. A empresa também se tornou a patrocinadora da equipe dos EUA nas Olimpíadas de 1928, em Amsterdã. Nesta

ocasião, ela imprimiu a marca em trenós de corrida de cachorro no Canadá e nas paredes de arenas de touros na Espanha, todos no mesmo ano.

Com a visão de que a Coca-Cola deveria estar ao alcance de todos, Woodruff permaneceu sob a gestão da empresa por 60 anos e nesse tempo desenvolveu sua visão com mais uma invenção mirabolante: a distribuição da Coca-Cola através das embalagens *six-pack* e também a instalação gratuita de um abridor de garrafas fixo na parede com o nome da empresa e que era distribuído gratuitamente de casa em casa por lindas mulheres.

Mais um passo marcante que fortaleceu a marca ocorreu em 1931. Naquele ano o ilustrador Haddon Sundblom criou um anúncio de fim de ano usando a imagem de São Nicolau. Até então não havia uma imagem universal do Papai Noel, pois cada lugar mostrava a imagem de acordo com sua cultura.

Anos mais tarde, após a segunda Guerra Mundial, se valendo dos valores ideológicos infligidos nas sociedades capitalistas, tais como a conquista de um estado de prosperidade e felicidade, a Coca-Cola começou a veicular mensagens que imputavam valores de prosperidade e otimismo, valendo-se de imagens que traziam a família como foco. Além da família reunida, a sensação de alegria e felicidade promovida por isso também deveriam ser veiculadas. Esse procedimento se repete até os dias de hoje. Algumas publicidades realizadas desde várias décadas atrás se valiam e ainda se valem de slogans cujo tema enfatiza a importância da manutenção do estado de ser absolutamente positivo do indivíduo que bebe o refrigerante.

Em 1993 foi lançada a campanha publicitária cujo tema era “sempre Coca-Cola”. Para tanto, além do recurso verbal, agregaram ao slogan a imagem dos adoráveis e simpáticos ursos polares. Tais ursos permaneceram nas diferentes campanhas até o ano de 2004 e depois retornaram em 2006, mesmo ano em que foi lançada a campanha com o *slogan* “viva o lado Coca-Cola da vida”, selecionado para análise nos próximos tópicos. Evidentemente que a marca busca constantemente encontrar elementos criativos e, mais do que isso, convincentes. Isso, com certeza, contribui para a manutenção do sucesso de vendas do produto em todo o mundo.

Viva o lado Coca-Cola da vida: A terceira idade⁶

⁶<http://www.youtube.com/watch?v=gO4vthJgJsl>

Este vídeo da Coca-Cola, lançado na campanha de 2006, cujo tema era: “ Viva o lado Coca-Cola da vida”, tem como protagonista um idoso que se encontra alojado em um asilo. Ao ser abordado por uma enfermeira que lhe oferece uma garrafa de Coca-Cola, ele rapidamente aceita a bebida, afirmando-lhe que nunca tivera tomado uma antes. Após beber o refrigerante, ele se pergunta, porém, quais outras coisas ainda não havia feito em sua vida tão longeva. Na sequência aparecem cenas que apresentam o Sr. Carlos experimentando situações de vida as quais, talvez, nem ele mesmo tenha imaginado fazer antes, como tatuar o corpo, dar saltos ornamentais, andar de motocicleta e visitar uma praia de nudismo. Logo em seguida, aparece a cena da enfermeira, que ao procurar pelo protagonista, se depara com a sala vazia. A partir daí, surge a imagem do Sr. Carlos em outro local, uma avenida bastante movimentada, em meio à inúmeras pessoas.

Podemos observar que neste comercial há uma inversão de valores, enquanto que resgata a figura do idoso, normalmente tido como incapaz e infeliz pela sociedade capitalista. Ele, então, alude ao que é concretamente o cotidiano de milhões de idosos atualmente e em que esse cotidiano poderia se transformar. Também é consensual na nossa sociedade que em um abrigo ou asilo para idosos não é nada reconfortante ou atraente, pois eles são obrigados a conviverem apenas com pessoas da mesma faixa etária e se sentem rejeitadas pela família por estarem em tal situação. Consequentemente, pensam ser incapazes de realizar outras atividades, e mais, seu tempo para exercer algo novo e extraordinário já tenha passado.

O material publicitário, porém, reverte as concepções mais arraigadas da sociedade, passando a imputar ao idoso senão o mesmo vigor, ao menos os mesmos anseios e desejos dos mais jovens. Também os idosos podem almejar a sensação de liberdade, de vivenciar o inusitado, o que é perigoso.

Novamente aqui o que está subentendido é o valor positivo que a solidariedade promove. Afinal, ela revela simpatia, ternura ou piedade pelos mais velhos.

Ao abordar o Sr. Carlos, a enfermeira traz consigo um carrinho, que contém Coca-Cola, ao em vez de medicamentos, atribuindo ao refrigerante a cura para as insatisfações e desprazeres vivenciados por pessoas mais velhas. Podemos observar que pelos trajes, maneira de falar e postura do Sr. Carlos, provavelmente ele foi um homem sério, responsável e comprometido e que muitas vezes deixou de fazer coisas que poderiam satisfazer a si próprio por conta da responsabilidade assumida frente aos mais novos, os filhos, por exemplo. Mas naquele momento, ao experimentar o refrigerante, se propõe a pensar sobre tantas coisas que nunca fez e

a partir daí ele começa a viver de outra forma; tatua em seu peito uma frase “mi vida loca” e obtém a aprovação de outro idoso que exclama a frase: “- irado!, expressão geralmente usada entre jovens ao se referirem a algo muito bom. Em seguida, fica bem nítido no VT o rosto do protagonista dizendo: “- vamos nessa!” e impulsionando o corpo para saltar de um trampolim que o leva para o fundo de uma piscina de um clube aquático. Enquanto ele salta, ouve-se seu grito de excitação “- Ihuuuuul!”. A próxima cena mostra o protagonista em uma moto grande e verde, dirigindo em alta velocidade em uma rodovia, e também dando um grito, como se estivesse emocionado, feliz e empolgado. Em seguida, aparece Sr. Carlos caminhando sem camiseta, em uma colônia de nudismo, junto a pessoas jovens, o que pode remeter à ideia de paraíso, como se ali fosse o jardim do Éden, pois o protagonista termina a cena junto a uma jovem que segura uma maçã. A cena seguinte mostra a mesma enfermeira que oferecera Coca-Cola ao protagonista procurando por ele, mas deparando-se agora com a sala do asilo vazia. Na sequência, o Sr. Carlos aparece caminhando entre inúmeras pessoas, em trajes despojados e tipicamente urbanos. Por fim, aparece o *slogan* “ viva o lado Coca-Cola da vida”, o que nos remete a ideia de estímulo para a busca de realizações e satisfações pessoais, independente de idade.

Acreditamos que a empresa Coca-Cola quis com esse anúncio mostrar que a oportunidade de se sentir bem, realizar atividades que nos satisfaça é conquistada por meio do consumo da bebida. Além de alertar as pessoas para a importância de vivenciar momentos bons e marcantes para a vida. Bebe o refrigerante Coca-Cola torna-se um exemplo dos atos que devem ser vivenciados intensamente, conforme é objetivado pelo slogan “ viva o lado Coca Cola da vida”

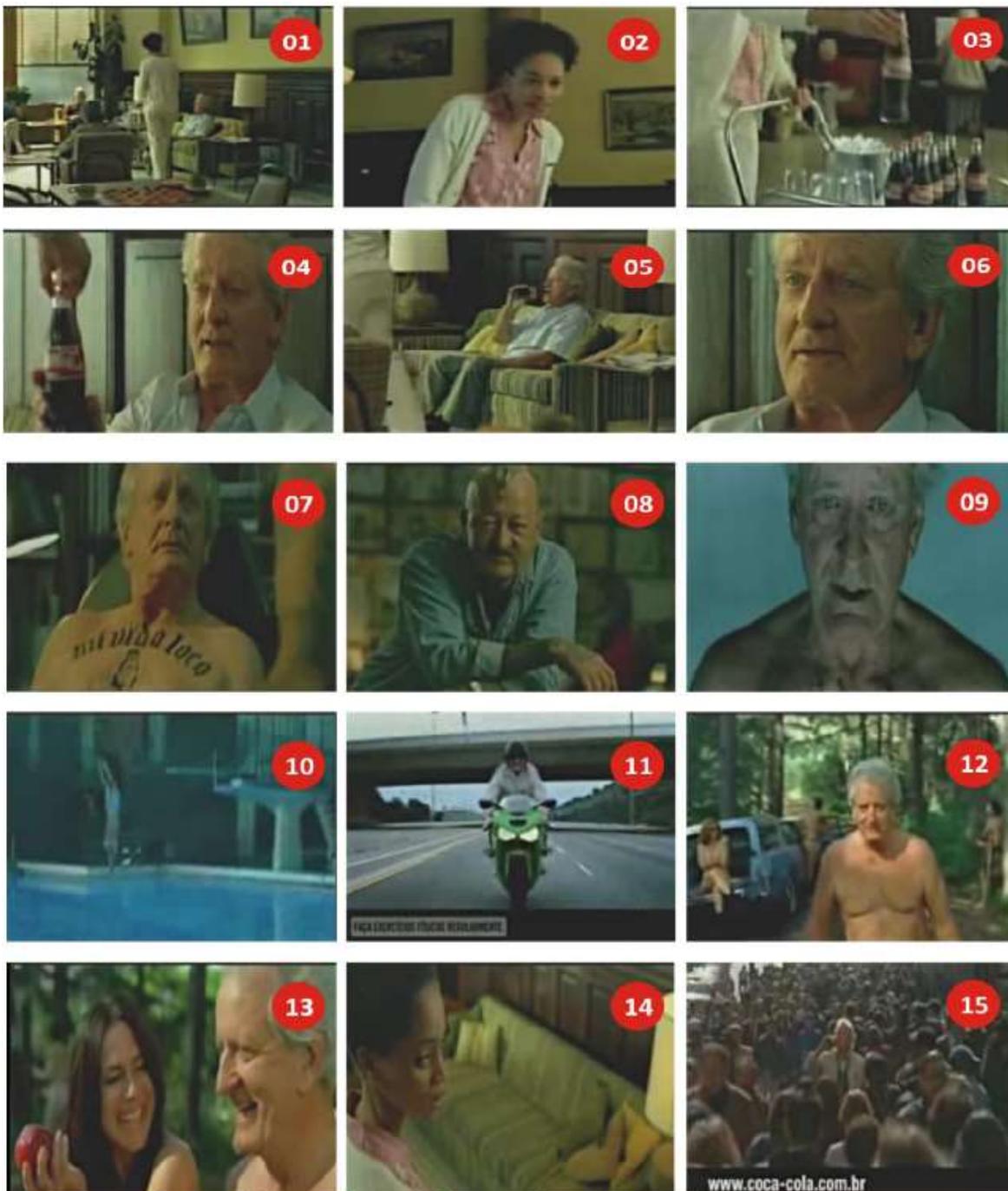




Imagem 2: Síntese do VT, Viva o lado Coca Cola da vida.

No enunciado “viva o lado Coca-Cola da vida” temos novamente a presença de um período simples, com a presença de um único verbo conjugado na forma imperativa (viva). O gramático Sacconi (1994) define período simples como sendo uma frase expressa por uma só oração ou por um só predicado. O modo verbal imperativo é bastante comum nos slogans publicitários. Contudo, seu sentido não é traduzido como uma ordem, mas como um convite, visto que assim o imperativo deixa de carregar consigo um tom mais forte e agressivo e passa a ter um sentido bem mais ameno e simpático.

O slogan ao em vez de impor ao consumidor que beba o refrigerante, o aconselhasse a fazê-lo porque, afinal, a bebida seria capaz de ajudar as pessoas a deixarem os problemas de lado e começarem a dar valor para as coisas boas da vida e que trazem felicidade. Neste comercial, o tema abordado remete a tudo aquilo que pode trazer alegria, euforia e entusiasmo diante da vida.

Essa sensação de paz advém do fato do refrigerante ser capaz de provocar uma mudança de comportamento social: o desprendimento, o desapego, o altruísmo, a generosidade, e mais, a permissão para a liberação dos anseios e desejos são incentivados. Afinal, é para se viver da vida o seu lado bom.

É possível considerar que nesta formação discursiva há valores ideológicos arraigados na sociedade, mas que se mostram camuflados. Quais seriam esses valores enraizados cuja publicidade escamoteia intencionalmente? O fato de haver o lado ruim. Sim, porque se há o lado bom da vida é porque existe o lado ruim. O lado ruim seriam nossos defeitos, “pecados”, preconceitos e tudo aquilo que a sociedade nos impõe: tenho que ser bom profissional, marido, namorado, filho, estudante. Tenho que ser íntegro, honesto, ético, solidário, simpático, educado. Como me libertar, então, desta pressão social que me traz tanta angústia?

Ficando nu, tatuando meu corpo, enfrentando meus limites diante da natureza (a velocidade e o pulo para dentro das profundezas da água são exemplos disso), mesmo que na velhice.

Este fator é confirmado por Carvalho, ao relatar um dos recursos próprios da língua:

Organizada de forma diferente das demais mensagens, a publicidade impõe, nas linhas e entrelinhas, valores, mitos, ideias e outras elaborações simbólicas, utilizando os recursos próprios da língua que lhe serve de veículo, sejam eles fonéticos, léxico-semânticos ou morfossintáticos. (...) Léxico-semânticos: criação de termos novos; mudanças de significado; construção ou desconstrução de palavras; clichês, frases feitas, provérbios; termos emprestados; e usos conotativos e denotativos. (Carvalho, 2002, p. 13)

Podemos observar neste *slogan* que as palavras que iniciam e terminam a frase têm o mesmo radical, ou seja, são palavras cognatas porque ambas apresentam o mesmo elemento mórfico que contém o sentido básico da palavra. São palavras cognatas, mas que possuem classe morfológica distinta: no início do enunciado há o verbo *viver* (conjugado no modo imperativo: viva) e no final o substantivo feminino abstrato *vida*. Entendemos que com esta estratégia a empresa reforça o sentido metonímico pretendido. Nesta propaganda o substantivo abstrato *vida* dá conta não daquilo que somos capazes de ver, pegar, cheirar ao nosso redor, mas daquilo que podemos apenas imaginar e sentir. A vida é entendida como o período de um ser vivo compreendido entre o nascimento e a morte; sua existência. Mas como mensurá-la? Nós, seres humanos, não somos capazes de fazer nossa existência.

Há ainda mais uma consideração que consideramos pertinente e que merece ser destacada: optar por elaborar um *slogan* no qual palavras cognatas estejam presentes num mesmo período do enunciado, que é simples, com um único verbo, pode ter outra intenção, qual seja, a de se valer da aliteração, outra figura de linguagem capaz de criar no *slogan* um efeito de estilização. Levar em conta aspectos prosódicos sempre contribui para o sucesso de um *slogan* porque são eles quem dão conta das particularidades dos sons das palavras, cujos acentos e entoação ajudam na sua construção rítmica.

Considerações finais

Como já estudamos anteriormente, a publicidade tem como objetivo elaborar discursos que sejam persuasivos, tal como já mencionados. São vários os recursos de natureza textual-discursiva capazes de atingir seu auditório muito mais pela emoção (persuadir) do que pela razão (convencer). Após a descrição da campanha publicitária apresentada, podemos perceber, o objetivo e as estratégias persuasivas são: fazer com que as pessoas encontrem felicidade, satisfação, prazer na vida etc. Os anúncios do refrigerante foram sempre muito marcantes e influentes, sempre provocaram um impacto significativo, já que seu maior objetivo sempre foi o de assegurar que todos tenham a coca como sua bebida preferida. Para tanto, o apelo emocional se tornou uma tônica.

O sucesso da marca pode estar na união da qualidade do produto com imagens e palavras desejadas por seus consumidores.

Pode-se observar no comercial a escolha de personagens que chamam a atenção do leitor por suas características que agradam a todos. Na campanha publicitária, temos como protagonista um idoso, personagem que comove os receptores, pois um idoso exige cuidado por já estar mais velho, transparece cansaço, mas experiência, faz alusão a lembranças de personagens importantes na vida da maioria das pessoas, como pais e avós, estes fatores prendem a atenção do telespectador comovendo-os.

Outro fator importante que explora o lado sentimental do telespectador no vídeo é contexto voltado para o substantivo abstrato felicidade. Embora nos vídeos não seja citada a palavra, nem no slogan o apareça, o que é mostrado nos remete a ideia de que o refrigerante irá nos proporcionar esse sentimento. No vídeo (viva o lado coca cola da vida) se inicia com o protagonista, o idoso Sr. Carlos, sem animação, quieto e sozinho, mas após ingerir a bebida, além de se propor a refletir sobre as inúmeras coisas que deixou de fazer na vida, ele deixa o asilo em que está instalado para realizar coisas que lhe proporcionam prazer, e o “ buscar prazer na vida” , ou fazer coisas que nos agradam na ideologia de todas as classes sociais é sinônimo de felicidade.

Neste trabalho, enfim, pudemos perceber que a Coca-Cola reafirma conceitos e ideias simbólicas que são trabalhadas continuamente nos seus diversos materiais publicitários. Portanto, o que podemos concluir é que essas decisões particulares sobre como falar determinados temas no discurso publicitário, além de se repetirem constantemente, nunca serão livres totalmente, já que todos os membros de um grupo social expressam, em alguma maneira, a formação discursiva que reflete a sua ideologia.



Edição 26 – Março de 2020
Artigo recebido até 25/01/2020
Artigo aprovado até 27/02/2020

Referências bibliográficas

CARVALHO, Nelly de. **Publicidade: A linguagem da sedução.** São Paulo: Ática, 2002.

CITELLI, Adilson. **Linguagem e Persuasão.** São Paulo: Ática, 2007

FERREIRA, Luiz Antonio. **Leitura e Persuasão.** Princípios de análise retórica. São Paulo: Contexto, 2010

FERREIRA, Mauro. **Aprender e praticar gramática.** São Paulo: FTD, 1992.

FIORIN, José Luiz. **Elementos de Análise do discurso.** São Paulo: Contexto, 2004

Teoria dos signos. In: Introdução à linguística I. Objetos teóricos. São Paulo: Contexto, 2010.

Linguagem e Ideologia. São Paulo: Ática, 2005.

HOUAISS, Instituto Antonio. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa.** Rio de Janeiro: Objetiva. 2001.

MARTINS, Jorge. **Redação publicitária.** São Paulo: Atlas, 1997.

ORLANDI, Eni P. **Análise de Discurso.** Princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 2003.

COCA-COLA, <http://www.cocacolabrazil.com.br/coca-cola-brasil/historia-da-marca/> (Acesso em 23-08-2013)

COCA-COLA, Comercial 2006 - <http://www.youtube.com/watch?v=gO4vthJgJsI> (Acesso em 27-10-2013)

DOCUMENTÁRIO, A História da Coca Cola- <http://www.youtube.com/watch?v=RE3VTXTNfxk> (Acesso em 23-08-2013)

GEOGRAPHIC, National. Documentário MegaFabricas –disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=xlffs1ijtic> (Acesso em 23-10-2013)

A DESIGNAÇÃO DA PALAVRA CULTURA: UM SENTIDO ENTRE TANTOS OUTROS

Vivendo se aprende; mas o que se aprende mais é só a fazer outras maiores perguntas.

João Guimarães Rosa, em 'Grande Sertão: Veredas'

Adriana Diunísio Trindade Rodrigues – G/UEMS

Rosimar Regina Rodrigues de Oliveira – NEAD/UEMS - UNEMAT

RESUMO: É na crítica apresentada pelo jornalista, conselheiro editorial da Editora Abril, e colunista das revistas Veja e Exame, José Roberto Guzzo, que será observado o sentido da palavra “cultura”. O texto intitulado “Supremo Tribunal Cultural”, publicado na revista Veja, em 25 de fevereiro de 2015, será analisado pelo viés da Semântica do Acontecimento como enunciação, como a Reescrituração, Articulação e Domínio Semântico de Determinação (DSD).

Palavras-chave: Sentido – Palavra – Cultura.

ABSTRACT: Its in the criticism written by the journalist José Roberto Guzzo, editorial advisor of Editora Abril and columnist in Veja and Exame magazines, 'which will be observed on the sense of the word "Culture". The text titled "Supremo Tribunal da Cultura" published in Veja magazine, on February, 25th, 2015, will be analyzed by means Event Semantics, Enunciation, as the Rewriting and Articulation on the Semantic Domain of Determination.

Keywords: Sense – Word – Culture.

Introdução

O objetivo desse trabalho é apresentar o sentido da palavra “cultura”, na crônica de um jornalista brasileiro, publicada nos primeiros meses do ano de 2015. O texto parte de uma crítica à política cultural do governo, que naquele momento era o atual.

A revista Veja, na qual foi publicado o texto que será analisado, circula entre diversos grupos sociais, mas tem maior êxito nas classes mais abastadas financeiramente. Assim, a revista “pode” reproduzir um sentido único do que é Cultura no país, e esse sentido pode ser tomado como verdade para seus leitores. É preciso considerar que a Veja é uma revista de grande circulação, possuindo bons números de tiragem e conseqüentemente, aceita na sociedade.

Ao abordar o texto “Supremo Tribunal da Cultura” foi buscada a compreensão do que está designado como cultura no Brasil, pois nele a palavra Cultura está reescriturada por diversas palavras, principalmente por arte, em alguns momentos do texto. É preciso considerar que, já há algum tempo tem ocorrido uma discussão ampla, em redes sociais e mídia, em geral, sobre o que é ou não Arte para a sociedade brasileira.

A “onda” de críticas, em relação às exposições de obras de artes que estão ocorrendo em alguns museus e galerias no país, estão causando polêmicas acerca da compreensão social do que se pode denominar arte ou não arte na atualidade. A busca por uma definição sobre o que pode ou não pode ser considerado arte ou cultura, tornou-se inquietação social, mas não é uma busca por uma definição exata do que é ou não arte que exponho aqui, e sim uma análise da palavra “cultura” pelo viés da semântica. Deste modo é analisada a significação da palavra Cultura nos enunciados considerando ao acontecimento em que ela está funcionando.

Guimarães (2005, p. 07) diz que “semântica do acontecimento...uma semântica que considera que a análise do sentido da linguagem deve localizar-se no estudo da enunciação, do acontecimento do dizer”

O objetivo, não é ocupar-se com o sentido geral da questão “cultura”, e sim discutir o sentido da “palavra cultura” no texto analisado.

A palavra Cultura

Consideraremos o estudo etimológico de BOSI (2008) a palavra cultura surgiu há muitos séculos e sua origem é latina.

“A palavra cultura é latina e sua origem é do verbo colo”. Colo significa, na língua romana mais antiga, eu cultivo (...). A primeira acepção de colo estava ligada ao mundo agrário. Inicialmente, a palavra cultura, (...) significava *aquilo que deve ser cultivado*. Era um modo verbal que tinha sempre alguma relação com o futuro (uro e ura são formas verbais que indicam projeto, indicam algo que vai acontecer).

Ainda de acordo com o autor (ibidem) “Esse significado material da palavra durou até os romanos conquistarem a Grécia [...]; os gregos tinham já uma palavra para o desenvolvimento humano que era Paidéia.”

Para os Gregos, cultura era denominada Paidéia e, esta, por sua vez, não carrega o sentido de algo particular de um grupo, e sim toda evolução do homem, o homem como totalidade; o homem como humano;

o homem como ser pensante capaz de aprender e ensinar. Conforme Jaeger (2001) foi através da concepção gregoriana de homem como ser pensante, capaz de aprender e ensinar, que, ao longo do tempo, se chegou ao conceito de cultura dos dias atuais.

”Hoje estamos habituados a usar a palavra cultura não no sentido de um ideal próprio da humanidade herdeira da Grécia, mas antes numa acepção bem mais comum, que a estende a todos os povos da Terra, incluindo os primitivos. Entendemos assim por cultura a totalidade das manifestação e formas de vida que caracterizam um povo: A palavra converteu-se num simples conceito de valor, um ideal consciente...” (JAEGER, 2001, p. 06).

Continuando com a diferença de sentido da palavra cultura entre os Gregos e os dias atuais, tem-se ”o que hoje denominamos cultura não passa de um produto deteriorado, derradeira metamorfose do conceito grego originário. A paidéia não é para os gregos um “aspecto” exterior da vida [...] incompreensível, fluido e anárquica” JAEGER (2001, p. 14).

Para os Gregos, a cultura não é um conjunto de conhecimentos e costumes de determinado grupo, o sentido da palavra vai além de fronteiras, não é individual.

”A sua descoberta de homem não é a do *eu* subjetivo, mas a consciência gradual das leis gerais que determina a essência humana [...] Este ideal de Homem, segundo o qual se devia formar o indivíduo não é um esquema vazio, independente do espaço e do tempo. É uma forma viva que se desenvolve no solo de um povo que persiste através das mudanças históricas... (JAEGER, 2001: 14.).

Na perspectiva de Eagleton, cultura é antônimo de natureza, assim como Bosi apresenta a palavra cultura tendo origem latina, com uma significação original de lavoura. “Um dos seus significados originários é lavoura [...] Neste sentido, cultura significa uma atividade, e passar-se-ia muito tempo até designar uma entidade”. Eagleton (2003, p.11).

Assim, de sua etimologia à sua designação dos dias atuais, a palavra cultura apresenta semanticamente, juntamente com a humanidade, uma transição de rural para urbana. Na medida em que o homem foi se transformando, a designação da palavra cultura foi alterando-se,

“A ideia de cultura significa, então uma dupla recusa: do determinismo orgânico, por um lado, e da autonomia do espírito, pelo outro. Trata-se de uma recusa simultânea do naturalismo e do idealismo [...] Os seres humanos não são meros produtos dos meios envolventes, mas estes também não são totalmente moldáveis pela arbitrária automodelação dos primeiros”. (Eagleton 2003:15).

A palavra cultura deixa de aflorar a designação de lavoura e assume o sentido de tradição. Assim, “cultura enquanto forma de vida é uma versão estetizada da sociedade”. Eagleton (2003, p.39). Desta forma, crenças e predileções torna-se também, noção de cultura dentro do texto que será analisado. Tem-se então, a palavra cultura, demasiada ampla, de designação, dificultando uma única descrição do seu sentido.

A perspectiva da Revista Veja

Em relação a *Veja*, onde o texto que será analisado foi publicado, tem-se a mesma como uma revista bem-conceituada e que apresenta uma grande circulação no Brasil. De acordo com August (2005), “*Veja* tem a maior circulação no país, dentre as revistas informativas, com grande inversão e alto poder de repercussão. É ainda a quarta maior revista do mundo...”.

No início, a *Veja* tinha como “alvo” a política. Começou como uma revista de manchetes e destacou grandes movimentos políticos no país. A mudança de foco ocorreu devido à baixa aceitação do público, o que consequentemente, causou um baixo retorno financeiro, tornando inviável sua tiragem. Surgiu então a necessidade de mudar o enfoque da revista. “Em 1995, o chefe da sucursal da revista do Rio de Janeiro, Anselmo Góis, já afirmava que era necessário abrir mão do enfoque político e econômico mais profundo para conservar a tiragem da revista. Era necessário ceder às exigências do mercado para sustentar esse padrão...”. AUGUSTI (2005).

”O discurso de autoajuda ao qual *Veja* dá lugar nas reportagens de comportamento, costuma pregar a exigência de uma força ou poder interior, que estimula o indivíduo para o caminho da concretização de seus ideais e, consequentemente, da realização pessoal e da felicidade. O indivíduo torna-se, então, responsável por seu sucesso ou derrota, incorporando a este discurso a promessa de impotência...” (AUGUSTI, 2005).

Por ter grande circulação e boa conceituação entre os leitores de revistas, a sucursal consegue chegar aos seus leitores-alvos (classes média e alta), e assim, “pode servir como formadora de opinião” dentro da sociedade brasileira.

A Teoria da Enunciação – Acontecimento de linguagem.

Para que se possa atingir uma melhor compreensão da análise que seguirá, é necessário entender o que é enunciação. Nessa medida, conforme Guimarães, enunciação é o funcionamento da língua. Ou seja, ao colocar a língua em funcionamento, faz-se uma atividade enunciativa. Eduardo Guimarães, (2005, p. 11) diz que “a enunciação, enquanto acontecimento de linguagem, se faz pelo funcionamento da língua”.

É nos enunciados que se constituem os lugares sociais dos locutores, o modo como língua e sujeito se relacionam na significação do texto.

No texto, o locutor fala na posição social de jornalista, da alta sociedade conservadora. Observa-se no discurso entonado politicamente oposição ao governo do país que se diz eleito, em sua maioria de votos, pela classe assalariada. Esta oposição é observada em:

- “as figuras que mandam desde 2003 na máquina pública brasileira”
- “Seu grão-vizir no momento é o doutor Juca Ferreira, ministro da cultura”
- “governado pelo PT do Fernando Haddad”

Em “...É a vitória do Bolsa Cupim...” tem-se um manifesto de oposição aos projetos de assistência social do governo.

Fica claro que se trata de uma voz da alta sociedade quando o enunciador cita lugares históricos internacionais, os quais, assalariados não tem condições financeiras de conhece-los.

- “não é o Coliseu de Roma ou a Catedral de Notre-Dame de Paris”

Também em “sepultou as arcadas sobre um amontoado de rabiscos e borrões e desenhos deformados”, o locutor desclassificando a “arte do grafite”, que denominada como arte de rua, tornou-se cultura popular.

O lugar do dizer do enunciador, potencializa a “falta de cultura” no país. Expõe o conflito de desigualdade entre os elementos que compõem a cultura nacional, marginalizando a cultura popular. A desigualdade expõe-se no dizer do jornalista, que afirma pertencimento a uma “única cultura,” a cultura que é “certa”. A outra cultura que acontece dá-se, na cena enunciativa, porque a cultura “certa” está acontecendo, existe.

A temporalidade também compõe o acontecimento enunciativo. Essa temporalização não se caracteriza pela gramática condicionada ao discurso, mas no tempo em que o acontecimento se encontra. Por exemplo, ao ler um texto já publicado há algum tempo, o acontecimento enunciativo não será passado, ele continuará presente, sendo assim, ele continuará no tempo em que está. Com isso, tem-se a temporalidade determinada pelo acontecimento e não o tempo impondo o acontecimento.

Guimarães (2005, p.12) diz que “o acontecimento instala sua própria temporalidade” e continua dizendo que “não é o sujeito que temporaliza, é o acontecimento. O sujeito não é assim a origem do tempo da linguagem. O sujeito é tomado na temporalidade do acontecimento”. Ou seja, se constitui o acontecimento.

Domínio Semântico de Determinação.

Esta análise será desenvolvida, observando como a cultura é designada no texto intitulado Supremo Tribunal Cultural. Segundo Guimarães (2002, p.09) a designação é a “significação enquanto algo próprio das relações de linguagem e também, e por isso mesmo, enquanto uma relação simbólica exposta ao real, enquanto uma relação tomada na história.”

A oposição entre “Cultura certa” e “Cultura errada” no texto, historicamente ocorre pelo fato de que o Brasil é um país que foi colonizado por Portugal, que é um país europeu. A Europa foi palco de grandes eventos culturais, políticos e econômicos que influenciaram o mundo. O conceito de cultura na europeu se dividiu devida as diferenças religiosas econômicas.

E “A separação cultural ocorreu a partir de duas vertentes, no qual, de um lado está a civilização romana grega, ambas representantes da parte europeia, do outro lado os representantes asiáticos, árabes, hindus e chineses. Essa foi uma separação de valor cultural e nem tanto físico, pois o que foi levado em conta foram as disparidades culturais, religiosas e econômicas, singulares a cada grupo”. Freitas (site UOL).

Para o enunciador, a “Cultura certa” do país deve seguir ao padrão europeu, que é a de alto valor financeiro, produzida e aceita pela burguesia.

Assim, fazer uma análise da significação da palavra Cultura, tendo como embasamento teórico a Semântica do Acontecimento só será possível observando-a a palavra nos enunciados em que ela ocorre. Estes enunciados integram o texto em questão, Supremo Tribunal da Cultura, e sendo assim, para apresentar a designação de Cultura, será preciso analisa-la no texto.

Contudo, não se define algo apenas pelo objeto que ele pode se referir com enunciações específicas. É necessário pensar as palavras relacionadas a outras que estão em seu entorno, observando-as no enunciado enquanto elemento de um texto. É preciso estudar as palavras nas relações que constroem, ou seja, para saber o que a palavra, nesse caso, Cultura, significa, é preciso observar seu funcionamento no texto e observa-la nos enunciados em que se encontra.

A partir dessas observações será estabelecido o Domínio Semântico de Determinação (DSD), que é uma teoria que busca a compreensão do sentido em relação ao funcionamento da linguagem em certo espaço da enunciação, ou seja, é uma forma de compreender o sentido das palavras que se relacionam em um determinado texto. Mas isso só é possível, porque, no que se refere a Semântica do Acontecimento, as palavras são passíveis de distinções e, esta, se dá porque se refere a significação possível, estabelecendo relação com a linguagem, com o mundo e com o sujeito enunciador na relação entre linguagem e história.

Assim, buscar a significação da palavra Cultura no texto Supremo Tribunal da Cultura, só será possível a partir da relação dessa palavra com outras palavras, estabelecendo um Domínio Semântico de Determinação.

Nesta busca pela compreensão do funcionamento da linguagem em um texto, é necessário considerar que enunciação segundo Guimarães, constituindo-se por dois procedimentos: a) procedimentos de articulação; b) procedimentos de reescrituração.

Esses procedimentos são caracterizados pelas marcas textuais que direcionam palavras diversas que se relacionam em sentido.

“De modo geral vou considerar dois tipos de procedimentos: a reescrituração e a articulação. A reescrituração é o procedimento pelo qual a enunciação de um texto rediz insistentemente o que já foi dito fazendo interpretar uma forma como diferente de si. Este procedimento atribui (predica) algo ao reescriturado”. (GUIMARÃES 2000, 2002)

O procedimento de Articulação produz uma relação de sentido, estabelecido pela proximidade entre os elementos linguísticos e também com o locutor/enunciador em relação com a linguagem. Este procedimento se refere ao modo “como o funcionamento de certas formas afetam outras que elas não redizem” Guimarães (2004, p.08).

O procedimento de articulação deve ser observado no texto, assim, “é preciso considerar que Guimarães (2011, p.19), conceitua o texto como “uma unidade de sentido que integra enunciados no acontecimento de enunciação”. Contudo, deve-se observar o texto como unidade de significação e que ele é integrado ou integra os enunciados, lembrando que enunciados são integrados por elementos linguísticos de diversos níveis de significação.

Conforme Guimarães, (2000, 2002) os “procedimentos de articulação dizem respeito às relações próprias das contiguidades locais. De como o funcionamento de certas formas afetam outras que elas não redizem”.

Além da articulação, de acordo com Guimarães (idem), o procedimento de reescrituração também é de suma importância para a constituição do sentido do texto. Não se trata de gramática, mas sim de como uma expressão se reporta a outra na enunciação. Esse procedimento busca redizer o que já foi dito com os mesmos ou diferentes termos da língua produzindo outros sentidos. Sendo assim, este usa de repetição de palavras ou mesmo de palavras diferentes para reproduzir.

“O procedimento de reescrituração é aquele em que uma palavra rediz o que foi dito reproduzindo significação para o termo reescriturado.” OLIVEIRA (2013, p. 79).

Para constituir um D.S.D., deve-se relacionar a reescrituração e a articulação, pois este não se trata apenas dos próprios termos léxicos do enunciado, mas de uma relação que uma palavra mantém com a outra num domínio semântico relativo.

No texto que aqui será analisado, a palavra Cultura torna-se determinante ao sentido de outras palavras que se encontram no mesmo.

Considera-se também no DSD as relações de sinonímia e as de antonímia. Sinonímia, em momentos em que há determinação direta do sentido, já que esta vem como palavras sinônimas as que se relacionam no texto como determinantes, e as antonímias, assim como as antônimas, que se determinam por oposição.

A Análise

Analisando a palavra “cultura” empregada no texto, utilizando o conceito de D.S.D., pode-se dizer que a palavra cultura brasileira é reescrita diversas vezes ao longo do texto, a começar pelo título que reescreve por “cultural” e articulada por “Supremo Tribunal”, sendo que a expressão “Supremo Tribunal” remete-nos a Supremo Tribunal Federal (STF), que é a maior instância Jurídica do país, a última instância em que se pode recorrer. Não havendo possibilidade de contestação às suas decisões.

Nessa medida, se há um “Supremo Tribunal Cultural”, o que esse tribunal define enquanto cultura não poderá ser questionado. O Locutor, segundo Guimaães (2005, ps24;26), que “para se estar no lugar de L é necessário estar afetado pelos lugares sociais” [...] “não se apresenta senão enquanto predicado por um lugar social distribuído por uma deontologia do dizer”, no texto, esse Locutor x – o x marca o locutor enquanto falante da língua e na origem daquilo que anuncia - cria e classifica esse ‘Supremo Tribunal da Cultura’ como uma entidade dotada de poder político partidário e incapaz de produzir algo que não seja prejudicial a cultura do país. O Locutor x demonstra, claramente sua oposição ao partido político que esta presidindo o Brasil.

O país possui um sistema eleitoral democrático, que dá ao cidadão o direito de escolher seu representante dentro do poder legislativo através do voto direto, sendo este anônimo e seguro. O Presidente da República foi eleito ao receber a maioria dos votos da população brasileira, tornando-se o representante legal dentro do quadro legislativo nacional.

O Locutor x, apresenta o “Supremo Tribunal da Cultura” como uma instituição que existe há doze anos, desde o ano de 2003. O partido político, cujo representante está à frente do governo, o Partido dos Trabalhadores (PT), elegeu, junto à população, o Presidente da República também a partir deste mesmo ano e desde então, vem reelegendo e elegendo seus candidatos à presidência da república. Assim, o Locutor x nomeia, como membros deste tribunal, “figuras políticas” ligadas ao Partido dos Trabalhadores e que estão atuando no governo do país em alguma instância.

Sabe-se que o Supremo Tribunal Federal (STF) é uma instituição cujos membros são ministros, indicados pelo presidente da república, que formam um corpo de juízes capazes de julgar qualquer processo de valor judiciário, declarando a sentença final aos julgamentos que lhes forem destinados. Assim tem-se o “Supremo tribunal da Cultura” também constituído por “ministro” intitulados pelo Locutor x, são eles o Ministério da cultura, as Secretárias Culturais, Fernando Haddad, prefeito da cidade de São Paulo, e o Ministro da Cultura Juca Ferreira.

Haddad polemizou ao permitir que artistas grafiteiros, utilizassem faixadas públicas para exporem suas artes, atitude que causou apoio e críticas da população. O Locutor x se mostra contrário a essa permissão, pois no texto denomina a arte do grafite como “rabiscos, pichações, borrões e deformidades”.

- “a prefeitura resolveu convocar grafiteiros amigos para pichar”
- “um amontoado de rabiscos, borrões e desenhos deformados”

Todas essas pontuações, esclarecem a posição política do Locutor x, ficando clara a sua oposição ao governo atual, e além, sua oposição ao Partido dos Trabalhadores.

- “governada pelo PT”

Desta forma, o Locutor x determina que no Brasil existem duas culturas, a “Cultura boa” e a “Cultura ruim”, ou seja, a “cultura certa” e a “cultura errada”.

- “Além de se negarem a fazer o trabalho pelo qual são pagas, querem, acima de tudo, decidir o que é cultura nesse país e o que não é - ou o que é cultura certa e o que é cultura errada”

Cultura.

⊥

Cultura certa | Cultura Brasileira | Cultura errada.

A cultura certa, segundo o discurso, é a história do país relacionada nos seguintes termos de articulação e encontrados em:

Museu do Ipiranga; Biblioteca do Rio de Janeiro; Museu nacional de Belas Artes, Construções das Cidades Históricas de Minas Gerais e Norte; Cultura que está aí; Arte burguesa; Cultura excludente; Arcos do Jânio, nos seguintes trechos:

- “O Museu do Ipiranga, monumento básico da cultura de São Paulo, está fechado até 2022; é uma proeza que se candidata ao livro dos recordes da cervejaria Guinness. A formidável Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro vive esperando o padre para receber a extrema-unção. (Ainda recentemente passou meses a fio sem ar condicionado, com temperaturas internas que chegaram aos 50 graus. Nos últimos doze anos o governo fez três planos de carreira para seus funcionários; não cumpriu nenhum). O Museu Nacional de Belas artes, também no Rio, com 200 anos de história e sua notável fachada de estilo Renascença francesa, é humilhada por goteiras. As construções das cidades históricas de Minas Gerais e do Norte, relíquias únicas da arquitetura colonial brasileira, podem virar entulho. Cinquenta anos após a fundação, Brasília, a capital do Brasil Potência, ainda não tem um museu decente”

- “São contra, é claro, essa cultura “que está aí”

- “ex-secretário da Cultura da prefeitura de São Paulo e marechal de campo no combate contra o modelo de cultura “excludente”

- “Para executar sua “política de cidadania e cultura”, a prefeitura resolveu convocar grafiteiros amigos para picar os “Arcos do Jânio”, um modesto conjunto de arcadas que alivia um pouco a paisagem de deserto do centro de São Paulo”. Esses arcos nunca fizeram mal a ninguém. Não são o Coliseu de Roma ou a Catedral de

Notre-Dame de Paris, mas é o que temos – e, já que temos tão pouco, supõe-se que esse pouco deveria ser deixado em paz”

Assim, os termos seguintes determinam Cultura Boa.

Cultura Boa.

⊥

Museu do Ipiranga.

⊥

Biblioteca do RJ.

⊥

Museu de Belas Artes.

⊥

Cons. Das Cidades Históricas

⊥

Cultura que está aí.

⊥

Arte burguesa.

⊥

Cultura Excludente.

⊥

Arcos do Jânio.

Já em Cultura que está aí, Arte burguesa e Cultura excludente, o texto imprime um sentido de valor financeiro, cultura cara, de alta sociedade, uma cultura para poucos. A cultura elitizada.

A “cultura que está aí” e a “cultura excludente” referem-se à cultura denominada certa, que atua em maior escala no atual momento do país. Uma cultura que possui poder aquisitivo e que só pode reverencia-la ou adquiri-la pessoas financeiramente abonadas, que possuem poder aquisitivo “a altura dessa cultura”.

Em arte burguesa, a palavra arte, é uma forma de articulação de cultura, já que esta arte, direciona-se a pinturas, esculturas, objetos artísticos, considerados de grande valor cultural e, nesse caso de burguesa, financeiro também.

A palavra arte é a mais clara reescrituração da palavra cultura no texto; aparecem em “Museu Nacional de Belas Artes”, “arte burguesa, “arte dos desvalidos” e “arte da periferia”. Ambas acompanhadas de seus predicados referem-se à cultura. São denominações que direcionam a algo maior, ao discurso do texto, que articula a palavra cultura.

São valores que transcendem a historicidade do Brasil e enquadram-se também no financeiro-social de um país capitalista.

Já a Cultura Errada aparece descrita como: cultura popular; arte dos desvalidos, arte de periferia, política cultural atual.

Descreve-se assim, a Cultura Errada:

Cultura errada.

⊥

Cultura Popular.

⊥

Arte dos Desvalidos.

⊥

Arte de Periferia.

⊥

Política Cultural Atual.

Fica evidente que os termos usados para descrever essa cultura, remete ao popular, a sociedade de baixa renda, ao proletariado.

Os trechos abaixo demonstram descrição de cultura popular no texto.

“no Brasil de hoje isso quer dizer “cultura popular”. Basicamente, trata-se de um conjunto de atividades exercidas por pessoas que não sabem pintar, escrever, compor uma melodia, fazer um filme ou montar uma peça de teatro capazes de interessar alguém”.

“Para executar sua “política de cidadania cultural, a prefeitura resolveu convocar grafiteiros amigos para pichar os “Arcos do Jânio” [...] sepultou as arcadas sob um amontoado de rabiscos, borrões e desenhos deformados”. Oficialmente, isso é “arte da periferia”. Na prática, trata-se apenas de degradar a superfície de um muro”.

Duas culturas dentro de um único país, de um mesmo povo.

Determina também a política cultural atual como uma política que apoia a cultura errada e reescreve ou articula esta, utilizando dos seguintes termos: Ministério da cultura; Mamutes culturais; Secretarias de cultura; Cultura da prefeitura de São Paulo; Cultura política; Supremo Tribunal Cultural; Política de cidadania cultural; Política de cultura.

A política atual volta-se a facilitar o acesso da cultura e da arte a população mais carente do país, e este fato, aos olhos do Locutor x, faz desmerecer a cultura histórica já existente.

Evidencia-se essa marca de política que apoia a cultura errada em:

- “Se alguém, seja lá pelo motivo que for, quer impedir que alguma tarefa útil seja executada na cultura brasileira, pode chamar o Ministério da Cultura; o resultado é 100% garantido. E as secretarias de Cultura, ou outros mamutes culturais do poder público – haveria algum risco de fazerem algo de bom? Fiquem todos sossegados: não há o menor perigo de que venha a acontecer, também aí qualquer coisa que preste” [...] ”É a vitória do Bolsa-cupim”.

Também em:

- “Mas as figuras que mandam desde 2003 na máquina pública brasileira não se contentam com isso. Além de se negarem a fazer o trabalho pelo qual são pagas, querem, acima de tudo, decidir o que é cultura nesse país e o que não é”. E em: “São contra, é claro, essa cultura “que está aí”. A única que admitem é a sua, e no Brasil de hoje isso quer dizer “cultura popular”.

ORLANDI (2016, p. 11) diz que “a palavra cultura tem sido usada como um coringa, significando a torto direito. Um de seus usos, em particular, especializa-se em evitar a palavra ideologia e seus sentidos mais contundentes.

Quando o Locutor x do texto retoma:

- “mas as figuras que mandam desde 2013 na máquina pública brasileira”
- “nos últimos doze anos o governo”
- “Cinquenta anos após a construção de Brasília, a capital do Brasil Potência”
- “o doutor Juca Ferreira, ministro de cultura”
- “Supremo Tribunal da Cultura Brasileira”
- “na cidade de São Paulo, o governo do PT do prefeito Fernando Haddad”

Ele refere a situação política do país, no momento da publicação do texto, apresentando-se, no contexto do Locutor x, contrário ao governo. A oposição política/ideológica do enunciador aflora em seu discurso.

Observa-se claramente que, a linguagem do texto utiliza-se de uma ideologia que, determina como correta, uma forma a cultura altamente financeira. Sua descrição de cultura desfavorece artistas e obras que também fazem parte da atual cultura brasileira, pois a cultura, assim como o ser humano não para, muda/transforma-se com o homem já que esta faz parte do homem.

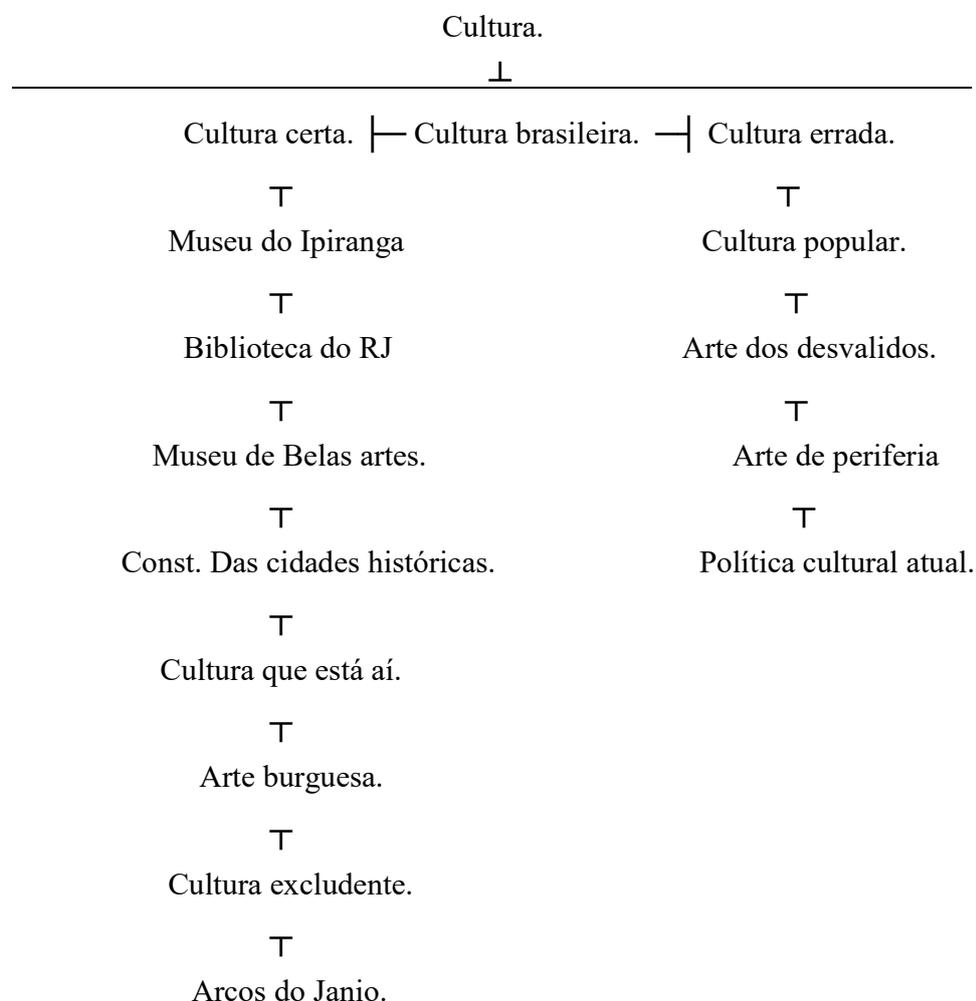
A Cultura compreende costumes, modos de pensar de cada época/geração. Ela se diversifica, se modifica e se manifesta em relações sociais e temporais. Possui especificidades que podem articular passado e presente construindo ideais e representações sociais.

“A cultura tem vida, com a vida da sociedade dos grupos sociais, regionais, religiosos e outros [...] são várias as determinações históricas, sociais e outras que entram e saem na construção de valores, padrões, ideais, modos de ser, visões de mundo” (IANNI, 2004, p. 167). A sociedade é constituída de grupos diversos, conseqüentemente, diferentes pensamentos, atitudes e hábitos, que marcam cada grupo, cada época, modificando e acrescentando a multipluralidade cultural.

O Brasil é um país de extensão continental formado por uma população miscigenada. Seus costumes, modo de viver e outros, são complexos, não se organizam em algo único. IANNI (2004, p.169) diz cultura brasileira heterogenia, múltipla, ploriferando diferentes modalidades de organização de vida.

Os acontecimentos históricos não são iguais para todos. As lutas, as perspectivas, os sentimentos são diversos, assim, não há como dizer existir uma única cultura brasileira, mas a “ Cultura Brasileira”, sem uma definição exata do que é, foi ou deixará de ser Cultura.

Esquema de DSD segundo o texto analisado.



Conclusão

A palavra cultura faz parte da linguagem enunciativa do texto. Apesar de não manter a semântica etimológico primário da palavra, esse sentido ainda perdura aos dias atuais.

Observa-se ainda, que sua proximidade etimológica se dá a descrição Romana, a mais parecida ao sentido que mantém no texto, e isso nota-se na presença de uma marcação ideológica construída de conceitos descritivos.

A palavra cultura no texto é direcionada em dois conceitos: certa e errada na semântica do acontecimento. Ela vem tomada de um pensamento deficitário, onde o enunciador a toma em duas vias (certa e errada) em uma classificação pessoal, exaltando o que considera ‘certa’ e criticando a “errada”. Vista dessa forma, a cultura propõe a soberania da extensão social de um grupo sobre o outro, abrindo e reabrindo debates sobre questões nacionais, recolocando uma cultura “dominante” sobre a “dominada”.

“É claro que hegemonia é uma categoria política. Mas, na medida em que envolve interesses, ideais, princípios, modos de viver e trabalhar, visões de mundo, abrange também a cultura...o poder político, em determinadas modalidades, implica largamente a cultura, em termos de arte, ciências e filosofia”. IANNI, 2004, p. 173).

O sujeito enunciador do texto, fala de sua posição histórico/social, jornalista da Revista Veja, integrante da alta sociedade, para seu público-alvo, de modo que posicionar sua memória discursiva diante do acontecimento, transformando sua produção em um espaço social que está afetado por uma ideologia de segregação do outro.

Tomando a Cultura como única, deixa “de fora” o sentido de Cultura como prática social. ORLANDI (2004, p. 14), diz “compreendido dessa forma, a cultura não é nem tesouro a proteger do tempo nem um conjunto de valores a defender; ela “conota” (nós diríamos significa) simplesmente um trabalho a empreender sobre toda a extensão da vida social”.

O pensamento do autor inclui cultura como algo que se divide em uma mesma sociedade por valores financeiros, e busca identificar a cultura correta.

Contudo, a análise aqui dirigida, não se detém a crítica, mas ao sentido que ocupa a palavra cultura no texto.

Web revista Página de debates

Questões de
LINGUAGEM

Edição 26 – Março de 2020
Artigo recebido até 25/01/2020
Artigo aprovado até 27/02/2020

Referências Bibliográficas

GUIMARÃES, Eduardo. 2002 apud GUIMARÃES, Eduardo. **Civilização na linguística brasileira no século XX** - artigo. Unicamp.

PEREIRA; SANTOS. Agnaldo; Valdineia Ferreira dos. Agnaldo Pereira; Valdinéia Ferreira dos Santos. 2013. **As relações de sentido da palavra estrangeirismo em quatro séculos** - Artigo. UFG.

GUZZO, José Roberto. **Supremo Tribunal da.Cultura** - Revista veja. Ed. Abril. Edição 2414 – ano 48 – nº 8. 25 de fevereiro de 2015, p. 98.

BOSI, Alfredo. **A origem da palavra cultura**. Disponível em: pandugihawordpress.com/2008/11/24alfredobosi-a-origem-da-palavra-cultura/. Acesso em 30/05/2015.

JAEGER, Werner Wilhelm, 1888-1961. **Paidéia: a formação do homem grego**. Tradução Artur M. Parreira;[adaptação do texto para a edição brasileira Monica Stahil. Revisão do texto grego Gilson César Cardoso de Souza]. 4ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

FREITAS, Eduardo de. **Cultura na Europa. Graduando de Geografia**. Disponível em: <https://m.brasilescola.uol.com.br/geografia/europa-cultural.htm>. Acesso em 14/11/2017.

AUGUSTI, Alexandre Rossetto. 2005. **Jornalismo e Comportamento: os valores presentes no discurso da revista Veja** - artigo. UFRGS.

Brasil: Entre a Civilização e o Sertão - artigo. UNICAMP –SP.

OLIVEIRA, Rosemar Regina Rodrigues de. 2013. **A Marcha Para o “Oeste” no Brasil: Entre a civilização e o sertão** – Tese. Unicamp. 2013



Edição 26 – Março de 2020
Artigo recebido até 25/01/2020
Artigo aprovado até 27/02/2020

IANNI, Octavio. **Pensamento Social no Brasil**. Bauru-SP. Edusc, 2004.

ORLANDI e MASSMANN. **Cultura e diversidade**. Eni P. Orlandi e Débora Massamann (orgs). Trilogia travessia e Diversidade. Vol. 1/ Campinas-SP. Ed. Pontes, 2016.

EAGLETON, Terry, 2000 – **A ideia de cultura**/ Terry Eagleton; tradução, Sofia Rodrigues; revisão técnica, Levi Condinho – Temas e Debates Editoriais, Ltd. Lisboa. 1º edição. 2003. ISBN: 9272-759-511-1.

Anexo

Crônica

Supremo Tribunal Cultural.

Por: José Roberto Guzzo.

Se alguém, seja lá pelo motivo que for, quer impedir que alguma tarefa útil seja executada na cultura brasileira, pode chamar o Ministério da Cultura; o resultado é 100% garantido. E as secretarias de Cultura, ou outros mamutes culturais do poder público – haveria algum risco de fazerem algo de bom? Fiquem todos sossegados: não há o menor perigo de que venha a acontecer, também aí qualquer coisa que preste. Os fatos, sempre eles, são a prova disso. O Museu do Ipiranga, monumento básico da cultura de São Paulo, está fechado até 2022; é uma proeza que se candidata ao livro dos recordes da cervejaria Guinness. A formidável Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro vive esperando o padre para receber a extrema-unção. (Ainda recentemente passou meses a fio sem ar condicionado, com temperaturas internas que chegaram aos 50 graus. Nos últimos doze anos o governo fez três planos de carreira para seus funcionários; não cumpriu nenhum). O Museu Nacional de Belas artes, também no Rio, com 200 anos de história e sua notável fachada de estilo Renascença francesa, é humilhada por goteiras. As construções das cidades históricas de Minas Gerais e do Norte, relíquias únicas da arquitetura colonial brasileira, podem virar entulho. Cinquenta anos após a fundação, Brasília, a capital do Brasil Potência, ainda não tem um museu decente. É a vitória do Bolsa-Cupim.

Mas as figuras que mandam desde 2003 na máquina pública brasileira não se contentam com isso. Além de se negarem a fazer o trabalho pelo qual são pagas, querem, acima de tudo, decidir o que é cultura nesse país e o que não é - ou o que é cultura certa e o que é cultura errada. São contra, é claro, essa cultura “que está aí”. A única que admitem é a sua, e no Brasil de hoje isso quer dizer “cultura popular”. Basicamente, trata-se de um conjunto de atividades exercidas por pessoas que não sabem pintar, escrever, compor uma melodia, fazer um filme ou montar uma peça de teatro capazes de interessar alguém – e que são sustentadas, de um jeito ou de outro, pelo Erário, por serem contra a “arte burguesa”, a favor da “arte dos desvalidos” ou praticarem algum outro truque que esconda a sua falta de talento, de mérito e de público. “Seu grão-vizir no momento é o doutor Juca Ferreira, ministro da Cultura (pela segunda vez), ex-secretário da Cultura da prefeitura de São Paulo e marechal de campo no combate contra o modelo de cultura “excludente”; imagina que, “uma política cultural abrangente é um essencial instrumento da construção de uma nova cultura política”. O ministro Juca e todos aqueles que ganham a vida como ele formam hoje o Supremo Tribunal da Cultura brasileira. Não cabe nenhum recurso contra as suas decisões.

O último feito de armas dos árbitros que ora determinam se podemos ou não gostar disso ou daquilo deu-se na cidade de São Paulo, governada pelo PT do prefeito Fernando Haddad. Para executar sua “política de cidadania cultura”, a prefeitura resolveu convocar grafiteiros amigos para pichar os “Arcos do Jânio”, um modesto conjunto de arcadas que alivia um pouco a paisagem de deserto do centro de São Paulo”. Esses arcos nunca fizeram mal a ninguém. Não são o Coliseu de Roma ou a Catedral de Notre-

Web revista Página de debates

Questões de
LINGUAGEM

Edição 26 – Março de 2020
Artigo recebido até 25/01/2020
Artigo aprovado até 27/02/2020

Dame de Paris, mas é o que temos – e, já que temos tão pouco, supõe-se que esse pouco deveria ser deixado em paz. Nada disso: a prefeitura de São Paulo tem uma política de cultura a executar. No caso, sem consultar ninguém, sepultou as arcadas sob um amontoado de rabiscos, borrões e desenhos deformados. Oficialmente, isso é “arte da periferia”. Na prática, trata-se apenas de degradar a superfície de um muro. Esse tipo de coisa, como se sabe, sempre pode ficar pior, e ficou. Não demorou muito e apareceu, no meio da pichação, um rosto que é a própria fotografia do coronel Hugo Chávez, o líder de massas da Venezuela que a esquerda mais rústica tenta transformar um novo “Che” Guevara, ou algo assim. Chávez? Nem pensar, diz a autoridade municipal. O autor queria apenas pintar um “rosto negro”, só isso. Foi pintando, pintando – e no fim, quem diria, saiu uma figura que é a cara do Chávez. Que coisa, não? Essa vida é mesmo uma caixinha de surpresas.

O prefeito se encanta com o homem que presenteou a Venezuela com a falta de papel higiênico? Problema dele. Mas Haddad foi eleito para governar a cidade por quatro anos; não tem o direito de privatizar a paisagem urbana para exibir suas crenças políticas, nem de mudar o “gosto conservador do Paulistano”. Isso não é promover cultura. É fazer propaganda, apenas.

A ARBITRARIEDADE OU A MOTIVAÇÃO DO SIGNO LINGUÍSTICO

Flávio Nascimento da Silva⁷
G/Letras/UEMS
Marlon Leal Rodrigues⁸
NEAD/UEMS

RESUMO: Este artigo objetiva abordar algumas teorias sobre a arbitrariedade ou a motivação do signo linguístico. Desde os filósofos gregos até os contemporâneos, são discutidos aspectos que envolvem as relações entre as palavras e os objetos que designam, entre o significante e o significado. O trabalho abordará estas perspectivas apontadas por meio da obra *Curso de Linguística Geral* (2000), de Saussure e *A estilística*, de Monteiro (1991).

Palavras-chave: Arbitrariedade; signo linguístico; significante; significado.

Introdução

Desde os primórdios da humanidade, há a preocupação em estabelecer a comunicação entre os indivíduos. A linguagem humana, sendo um complexo sistema de signos, envolve diversos fatores. A linguagem verbal é composta pelo principal meio de comunicação, a língua. Esta constitui-se enquanto um sistema de palavras, que, após teóricos linguistas como Saussure, serão classificadas como signos linguísticos. As palavras, conforme as línguas, o contexto, a comunidade na qual estão inseridas, são diferentes e adquirem outras denotações.

Os signos linguísticos, união entre o significado e o significante são intencionais ou apenas convencionais? Esta e outras questões repercutem e são estudadas desde os filósofos gregos até os gramáticos e linguistas contemporâneos. Perguntas recorrentes como: De onde surgiram as palavras? Existe alguma relação entre os vocábulos e os objetos por elas representados? Ou as palavras não refletem as coisas, sendo apenas um meio de estabelecer a comunicação?

Por meio de tais questões surgem divergências. Para alguns teóricos, a língua é convencional e arbitrária, isto é, as palavras não representam as coisas que designam. Para outros, entretanto, a língua é motivada, e suas palavras aludem aos objetos que representam.

⁷ Aluno do 2º ano do curso de Letras – Espanhol, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS).

⁸ Prof. Dr. Marlon leal Rodrigues da disciplina Linguística II, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS).

Apesar da maioria dos linguistas acreditarem na arbitrariedade do signo, alguns estudos na área de análise literária permitiram aprofundamentos nestas perspectivas sobre a motivação das palavras, enriquecendo as pesquisas ao abranger hipóteses e análises sobre as relações entre palavra e objeto.

Logo, este trabalho irá abordar alguns pontos teóricos que focalizam as perspectivas de arbitrariedade ou de motivação do signo linguístico, ressaltando as oposições das correntes teóricas. Utilizar-se-á, para estas abordagens, da obra *Curso de Linguística Geral* (2000), de Saussure e *A estilística* (1991), de Monteiro.

A língua e seus Componentes

Ao definir o que é língua, Saussure (2000, p. 17) explica que esta é “[...] ao mesmo tempo, um produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos”. Portanto, segundo esta definição, a língua é um produto social, um complexo sistema de signos convencionais, elaborados e pensados para permitir a linguagem, a comunicação entre os indivíduos.

Na língua estão inseridos toda a diversidade e identidade de uma nação ou comunidade. Porém, como surgem as palavras de uma língua? Como surgem as estruturas fonéticas de uma língua? Estas relações fonéticas, dos sons das palavras, têm alguma relação com aquilo que elas representam?

Saussure vai utilizar o termo signo linguístico em vez de “palavra”. Para ele (2000, p. 18) “a língua é uma convenção e a natureza do signo convencional é indiferente”, ou seja, para ele a língua não passa de mero componente comunicacional, no qual os signos não estabelecem relações com a realidade, podendo inclusive, qualquer signo representar qualquer objeto, desde que seja estabelecido para os usuários da língua.

Desta forma:

O signo linguístico une não uma coisa e uma palavra, mas um conceito e uma imagem acústica. Esta não é o som material, coisa puramente física, mas a impressão psíquica desse som, a representação que dele nos dá o testemunho de nossos sentidos; tal imagem é sensorial e, se chegamos a chama-la “material”, é somente neste sentido, e por oposição ao outro termo da associação, o conceito, geralmente mais abstrato. (Saussure, 2000, p. 80)

Ele afirma ainda:

Se pudéssemos abarcar a totalidade das imagens verbais armazenadas em todos os indivíduos, atingiríamos o liame social que constitui a língua. Trata-se de um tesouro depositado pela prática da fala em todos os indivíduos pertencentes à mesma comunidade, um sistema gramatical que existe virtualmente em cada cérebro ou, mais exatamente, nos cérebros dum conjunto de indivíduos, pois a língua não está completa em nenhum, e só na massa ela existe de modo completo. (2000, p. 21)

Logo, Saussure irá acreditar no viés social da língua, em perspectivas arbitrárias. Monteiro (1991), ao abordar um panorama sobre os teóricos que também são a favor da arbitrariedade do signo, cita Delacroix, dizendo que, para este, qualquer associação só existe na memória humana, sendo arbitrária. Para F. Boas, uma língua pode parecer arbitrária apenas na perspectiva de outra língua e, segundo Benveniste, para quem utiliza a língua a relação significado e significante é necessária e familiar.

Charles Bally (1962) também se inclui entre os teóricos que acreditam que não haja vínculos entre os sons dos vocábulos e os conceitos, pois segundo ele, se assim fosse, as palavras seriam iguais em todas as línguas.

Monteiro (1991) ainda cita as divergências entre os filósofos e gramáticos “naturalistas” e os “anomalistas”. Os naturalistas analisam as capacidades expressivas dos fonemas, as onomatopeias, as interjeições, observando as conexões entre a palavra e o seu significado. Os anomalistas eram aqueles que contestavam a relação natural entre as palavras e as coisas, utilizando-se de inúmeras irregularidades que não condiziam com a motivação como, por exemplo, os sinônimos, os homônimos, os parônimos.

Apesar das divergências, há teorias tanto a favor da motivação quanto a favor da arbitrariedade do signo linguístico.

Indícios das Teorias de Motivação e de Arbitrariedade

O confronto entre as duas vertentes (os naturalistas e os anomalistas) sobre a motivação do signo, persistiu por muitos séculos. Por meio de estudos, elaboravam argumentos que os favorecessem.

Monteiro (1991, p. 82), ao refletir sobre as duas vertentes, expõe, primeiramente, quanto aos indícios que favoreciam os anomalistas

Podiam [os anomalistas] facilmente apontar casos de irregularidade na língua, todos servindo como indício de que a relação significativa tinha caráter imotivado. Dispunham também a seu favor de milhares de sinônimos (duas ou mais formas com significados idênticos) e dos inevitáveis homônimos (formas iguais para significados diferentes), sem falar dos parônimos (nomes semelhantes referentes a coisas inteiramente diversas).

Portanto, havia a questão: se as palavras representam determinados objetos, seres ou situações, como que mesmas palavras podem representar coisas distintas? Como que palavras distintas podem representar mesma coisa?

Outro indício que, apesar de inicialmente ser a favor da motivação, passou a ser alvo dos anomalistas foram as onomatopeias. Inicialmente, os naturalistas afirmavam que as onomatopeias eram motivadas já que representavam fielmente aos ruídos, aos barulhos das coisas. Contudo, Saussure afirma que as onomatopeias

[...] não são jamais elementos orgânicos de um sistema linguístico. Seu número, além disso, é bem menor do que se crê. [...] Quanto às onomatopeias autênticas (aquelas do tipo *glu-glu*, *tic-tac*, etc), não apenas são pouco numerosas, mas sua escolha é já, em certa medida, arbitrária, pois que não passam de imitação aproximativa e já meio convencional de certos ruídos (compare-se o francês *ouaoua* e o alemão *wauwau*). (2000, p. 83)

Também sobre isto, Monteiro (1991, p. 83) cita:

Aliás, ruídos iguais em geral são representados linguisticamente por vocábulos nada semelhantes em termos fonológicos. Lembra Kurt Baldinger [...] que o latido do cão é expresso no português do Brasil por *au-au*, mas é *béu-béu* no português de Portugal, *gou-gou* no espanhol, *bow-wow* no inglês, *wan-wan* no japonês e *gnaf-gnaf* no francês. Semelhantemente, anota Serafim da Silva Neto [...], o grasnar de um pato é imitado em português por *quá-quá*, diferente do francês *couin-couin*, dinamarquês *rap-rap*, alemão *gack-gack*, rumeno *mac-mac*, russo *kriak*, inglês *guack* e catalão *mechmech*.

Vejamos o latido do cão:

- Au-au – português do Brasil
- Béu-béu – português de Portugal
- Guau-guau – espanhol
- Bow-wow – inglês
- Gnaf-gnaf – francês

As interjeições também mudam conforme a língua (MONTEIRO, 1991):

- Ai! – em português
- Aie! – em francês
- Au! – em alemão
- Ouch! – em inglês

Portanto, uns dos indícios mais relevantes da teoria da motivação, acabam por realçar e contribuir para a teoria da arbitrariedade, tanto a onomatopeia, quanto a interjeição.

Contudo, se há indícios a favor da arbitrariedade, também há a favor da motivação. De acordo com pesquisas em diversas línguas, existem pelo menos três tipos de motivação: a fonética, a morfológica e a semântica.

Quanto aos indícios que favorecem a tese da motivação tem-se:

Apelo sonoro de pequenez ou amplitude e grandeza nos diminutivos e aumentativos:

- Casinha – casarão.

O plural é mais extenso que o singular em qualquer língua, dando a ideia de que, quanto mais coisas, mais sons.

- Casa – casas

- Andei – andamos

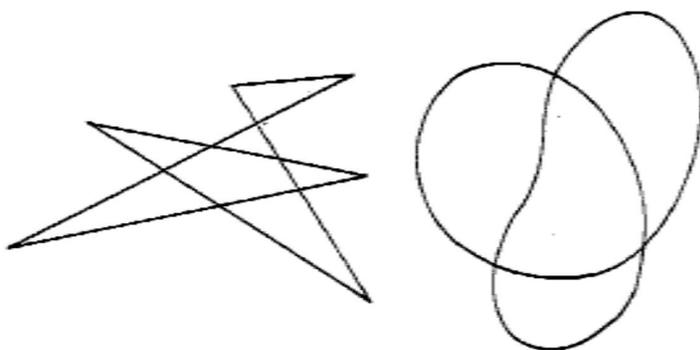
Numa sequência de adjetivos como “grande”, “enorme”, “gigantesco”, a gradação do tamanho é indicada pelos acréscimos de sílabas. (MELO, 1976)

Nas colocações dos termos, a sequência “o presidente e o ministro” é mais usual que “o ministro e o presidente”, refletindo a hierarquia estabelecida entre as categorias. (JAKOBSON, 1971)

Apelos sinestésicos em palavras como *ziguezague*, *lesma*, *fofo*, *áspero* que, tanto a escrita, quanto a forma dos sons dão a sensação da coisa em si.

Os palavrões, que geralmente tem ênfase em fonemas oclusivos que sugerem explosão ou desabafo: /p/, /b/, /t/, /d/, /k/ e /g/.

Após estas exemplificações, Monteiro apresenta uma experiência feita por W. Kohler, na qual foram mostradas estas duas imagens aos participantes:



E, em seguida a pergunta: Qual das figuras pode ser chamada de *maluma*? E de *takete*?

A maioria dos participantes escolheu o nome *takete* à figura com formas geométricas, com arestas.

Monteiro, citando Bosi (1977), diz que este interpretou que fonemas surdos e tensos como /t/, /k/, correspondem (sinestesticamente) às formas cheias de quinas e arestas, enquanto que sonoros e frouxos sugerem objetos arredondados.

Em outra experiência, feita por Allport, quase do mesmo estilo, o resultado das perguntas também teve relações entre os sons e as imagens. Foram apresentadas as imagens a seguir:



A



B

Deveriam responder qual das figuras poderia ser denominada *quidikaka* e a outra de *waleula*?

Bem como na experiência anterior, a maioria respondeu conforme o esperado. *Waleula* corresponderia à figura A, pois a sinuosidade das linhas, a impressão de movimento remete a líquida /L/ com a noção de fluidez ou deslizamento. E *quidikaka* remeteria à figura B devido aos fonemas oclusivos e tensos que sugerem algo mais reto, com quinas e arestas.

Portanto, tanto em uma linha, quanto em outra, os teóricos buscaram exaltar as características da língua e dos signos linguísticos que correspondessem aos requisitos de suas argumentações.

Monteiro (1991) irá ressaltar que, apesar de convencional, o signo é motivado, porque a própria condição de convencional já equivale a uma motivação. Logo, o termo mais adequado não seria o de arbitrariedade, formulado por Saussure, e sim, o termo “convencionalidade”, sendo o signo não arbitrário, mas sim necessário, pois é por meio dele que são efetivadas as comunicações humanas.

Considerações Finais

Desde os primórdios, a linguagem surge como algo inato e ao mesmo tempo, complexo ao ser humano. As línguas que integram a comunicação, são exemplos destes sistemas emaranhados de processos paradoxais. Dentro das línguas, temos as palavras, que carregam infinitas possibilidades semânticas, gráficas e sonoras conforme as línguas, os países, as comunidades que as empregam.

Desde os gregos até os filósofos contemporâneos, persiste as indagações ou as certezas quanto às relações entre as palavras e os objetos, entre os sons e aquilo que representam, alguns a favor da tese da arbitrariedade do signo, outros a favor da motivação do signo.

Entretanto, se há a motivação ou não, percebe-se que depende do ponto de vista e do modo como são abordados os argumentos. Tais teses e discrepâncias, demonstram a relatividade da língua e enriquecem, cada vez mais, sua complexa função e seu dinâmico organismo.

Referências Bibliográficas

MONTEIRO, José Lemos. **A estilística**. São Paulo: Ática, 1991.

SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral**. 24. ed. São Paulo: Editora Cultrix, 2000.

A QUEDA DO “S” NA DESINÊNCIA VERBAL DE NÚMERO E PESSOAS

Pedro Paulo de Souza Fattori⁹

G/Letras/UEMS

Marlon Leal Rodrigues

NEAD/UEMS

Resumo: Este trabalho tem por objetivo comprovar a ocorrência linguística da queda do “s” da desinência verbal de número e pessoas, utilizando para tais estudos primeiramente conceitos teóricos adquiridos através de gramáticas históricas sobre a linguagem e a língua, a história da península ibérica, desenvolvendo assim nossa língua portuguesa, noções de fonética e fonologia, e os fenômenos de metaplasmos.

Palavras-chaves: Desinência Verbal, Metaplasmos, Língua Portuguesa.

Introdução

Este trabalho tem por objetivo comprovar a ocorrência linguística da queda do “s” da desinência verbal de número e pessoas, utilizando para tais estudos primeiramente conceitos teóricos adquiridos através de gramáticas históricas sobre a linguagem e a língua, a história da península ibérica, desenvolvendo assim nossa língua portuguesa, noções de fonética e fonologia, e os fenômenos de metaplasmos.

Em seguida, utilizaremos a gramática normativa para apresentar as Desinências e assim será abordado o nosso objeto de tese, onde através de pesquisas e entrevistas em campo, abordando os mais diversos tipos de falantes em diferentes faixas etárias, e grupos sociais, tentaremos comprovar tal ocorrência de transformação da língua.

Gramática Histórica

⁹ Pedro Paulo de Souza Fattori. Acadêmico de Letras (Português/Inglês), Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul – UEMS, Campo Grande, MS, trabalho feiro na disciplina Linguística II ministrada pelo Prof. Dr. Marlon Leal Rodrigues.

As diversas transformações a quais as línguas se submeteram durante toda a história da humanidade, em um processo de constante mudança e desenvolvimento nas mais diversas partes do mundo e grupos de pessoas, é o amplo objeto de estudos o qual se ocupa a Ciência da Gramática Histórica.

Segundo Coutinho (1976) essas transformações não se deram por acaso, não foram produzidas por moda ou capricho, mas obedeceram a tendências naturais, a hábitos fonéticos espontâneos. A constância e a regularidade, que se observam em tais transformações, permitiram aos gramáticos formular-lhes os princípios e leis. O estudo destes princípios e leis se faz na Gramática Histórica. As mudanças na língua se dão de forma lenta e gradativa, porém contínua, ela está sempre em transformação, começando sempre por partes e não o todo, podendo ou não atingir um grande número de falantes e permanecendo por mais ou menos tempo, gerando um complexo jogo de mutação e permanência. Tão discreto pode vir a ser esse processo que segundo Faraco (2005):

"Os falantes normalmente não tem consciência de que sua língua esta mudando. Parece que, como falantes, construímos uma imagem da nossa língua que repousa antes na sensação de permanência do que na sensação de mudança [...] Há, porém, situações em que os falantes acabam por perceber a existência de mudanças. Isso ocorre quando, por exemplo, os falantes são expostos a textos muito antigos escritos em sua língua; ou convivem mais de perto com falantes bem mais jovens ou bem mais velhos; ou interagem com falantes de classes sociais que tem estado excluídas da experiência escolar e da cultura escrita, ou que tem pouco acesso a ambas; ou ainda quando escrevem e encontram dificuldades para se adequar a certas estruturas do modelo de língua cultivado socialmente na escrita". (Faraco, 2005)

A Gramática Histórica faz um estudo Diacrônico da língua, em que estuda suas mudanças se baseando em um olhar evolutivo de uma língua no tempo, a comparando entre diferentes épocas. Nisso ela se difere dos outros tipos principais de gramática que são a Gramática Normativa (Que se baseia em normas estabelecidas pelas camadas cultas da sociedade, se baseando na arte do bem dizer, como uma só regra linguística na sociedade), A Gramática Comparada (Que estuda duas ou mais línguas da mesma família, também de forma diacrônica, porém as comparando para tentar achar uma língua materna comum), e a Gramática Descritiva (Que estuda a língua de uma forma sincrônica, baseando-se apenas em um determinado contexto histórico).

A Gramática Histórica está subordinada a outra ciência, à Linguística (Que estuda a origem e o desenvolvimento da linguagem), nela baseando suas conclusões e princípios, e é dividida em Lexiologia (Que estuda a palavra isoladamente abrangendo os conceitos de Fonologia e Morfologia) e a Sintaxe (Que estuda as palavras relacionadas umas com as outras em frases).

A Língua

A origem da língua é um mistério ainda não desvendado ao longo da história, os estudiosos do assunto ficam divididos entre um dom divino ou um desenvolvimento natural do ser humano. Os cientistas acreditam mais na hipótese de um desenvolvimento natural, visto que a língua é um conjunto de signos estruturados formando um sistema de imagem acústica e conceitos dentro de uma determinada sociedade, privilégio exclusivo do ser pensante, falar e interpretar a sua língua.

Utilizando como base pesquisas em cima dos ideais de Saussure, que define a língua como um sistema de signos estruturados, um fato social no qual pode ser estudado separadamente e os signos são a junção do significante com um significado, imagem acústica e conceito.

Podemos tomar como exemplo as comunidades pré-históricas, alguns grupos se comunicavam através de sinais, ou seja, gestos, expressões e sons aleatórios. Enquanto outros grupos, mais desenvolvidos, já haviam montado um sistema para organizar esses sinais, sendo assim haviam criado um sistema de língua, com imagens acústicas e conceitos, fazendo com que esses grupos tivessem um desenvolvimento bem mais conceituado e organizado, pelo fato de ter uma comunicação estável.

A Língua possui algumas características individuais segundo Saussure:

1- Ela é parte social da linguagem, exterior ao indivíduo, que por si só não pode criá-la, nem modificá-la. Ela é uma coisa de tal modo que um homem privado da fala, conserva a língua, contanto que compreenda os signos vocais que ouve.

2- A Língua é um objeto que se pode estudar separadamente.

3- A língua é homogênea: constitui-se em um sistema de signos, onde de essencial só existe a união do sentido e da imagem acústica, onde as duas partes do signo são igualmente psíquicas. 4- A língua é um objeto de natureza concreta, o que oferece grande vantagem para o seu estudo.

História da Península Ibérica

A península Ibérica é invadida sob o comando de Cornélio Capitão durante a segunda guerra Púnica, no século III a. C. Após ter sido dominada por Cartago, a Península Ibérica se torna província romana em 197 a. C., passando então à aculturar a nova a península, tornando a dominação não somente territorial, mas também político cultural sendo obrigatório o uso do latim para as transações comerciais, os atos oficiais e as questões forenses, fazendo com que a difusão na Península Ibérica sejam aceitas facilmente em questão de fala e civilização.

A língua Portuguesa chega em sua forma inicial através da dominação do latim vulgar na península, esse processo pode ser dividido em 3 fases: Pré histórica, a Proto-Histórica e fase histórica (Bechara, 1976).

Desinências

Morfemas flexionais nos finais das palavras, que tem por objetivo expressar gênero e número em nomes (desinência nominal), ou pessoa, número, modo e tempo (desinências verbais). Segundo a gramática de Celso Cunha, desinências nominais definem gêneros e números, de acordo com a tabela:

Gênero		Número	
Masculino	Feminino	Singular	Plural
-O	-A	-	-S

(Celso Cunha, 1984, pag79)

E as desinências verbais, podem ser indicadas por três grupos; as do presente do indicativo, do pretérito perfeito do indicativo e do infinitivo pessoal (futuro subjuntivo):

oa	Pess	Presente		Pretérito Perfeito		Infinitivo Pessoal (Fut. do Subjuntivo)	
		Singu lar	Plu ral	Singu lar	Plu ral	Singu lar	Plu ral
	1º	-O	- Mos	-i	- mos	-	- mos
	2º	-S	-is (des)	-ste	- stes	-es	-des
	3º	-	-m	-u	- ram	-	-em

(Celso Cunha, 1984, pag79)

O Objetivo Geral de Nossa Tese

Com base nos conhecimentos adquiridos sobre a desinência, será definido o objeto ou ocorrência linguística, que o presente artigo buscará comprovar. Será estudado uma suposta perda da letra (s) na desinência verbal de número e pessoa, no presente, pretérito imperfeito e infinitivo pessoal, ocorrendo na primeira pessoa do plural, no morfema [mos].

Ex: " Vamos, Estamos, Conseguimos, Estivemos, Fizemos."

" Vamo, Tamo, Conseguimo, Tivemo, Fizemo."

Buscaremos tal ocorrência na fala corriqueira, no dia a dia de pessoas de diversos grupos sociais, diferentes faixas etárias, através de entrevistas, pesquisas e audições, nos atentando para elaborar perguntas que induzam os entrevistados a nos dar respostas contendo tal ocorrência.

Em seguida, buscaremos analisar as gravações das entrevistas e chegar as conclusões analisando as respostas de acordo com os conceitos teóricos já apresentados no decorrer desse artigo, sobre gramática histórica, normativa, conceitos de fonética e fonologia que será apresentado logo na sessão seguinte e conceitos de metaplasmos.

Fonética e Fonologia

A fonética e a fonologia são as áreas da Linguística que estudam os sons da fala. Por terem o mesmo objeto de estudo, são ciência relacionadas. No entanto, esse mesmo objeto é tomado de pontos de vista diferentes, em cada caso. (Introdução à linguística, Fernanda Mussalim e Anna Christina Bentes, pg 105)

Fonologia

A fonologia estuda as diferenças fônicas correlacionadas com as diferenças de significado (ex: [p]ato/[m]ato), ou seja, estuda os fones segundo a função que eles cumprem numa língua específica, os fones relacionados às diferenças de significado e a sua inter-relação significativa para formar sílabas, morfemas e palavras. A fonologia relaciona-se, também, com a parte da teoria geral da linguagem humana concernente com as propriedades universais do sistema fônico das línguas naturais, ou seja, refere-se aos sons possíveis que podem ocorrer nas línguas. (Introdução à linguística, Fernanda Mussalim e Anna Christina Bentes, pg 149)

Fonética

Parte da linguística que estuda e classifica os elementos mínimos da linguagem articulada (fones, sons da fala) em sua realização concreta. Estudo sincrônico das particularidades fônicas de um sistema linguístico determinado.
"f.portuguesa".

A principal preocupação da Fonética é descrever os sons da fala. Por exemplo, são afirmações típicas desta ciência dizer que o som [b] é articulado com uma corrente de ar pulmonar, egressiva, com vibrações das cordas vocais, com uma obstrução do fluxo de ar seguida de uma explosão; ou descrever a vogal [i] como aquela que tem os dois primeiros formantes mais afastados um do outro (Introdução à linguística, Fernanda Mussalim e Anna Christina Bentes, pg 105)

Metaplasmos

São modificações intencionais no significado da palavra, usando a criatividade na língua. Existem vários tipos de metaplasmos e podem ser encontrados em diversos níveis linguísticos. Podem ser considerados também metaplasmos as modificações que a palavra sofre na passagem do Latim, para o Português, nesse caso, são apenas fonéticas, sendo que as palavras se conservam no mesmo significado.

A seguir, alguns tipos de metaplasmos: icônico de extrapolação, cobertura de defectividade, metaplasmos clássicos e elíptico. Os metaplasmos são classificados em 4 maneiras: por aumento, por supressão, por transposição e por transformação. O metaplasmo tratado nesse trabalho é a apócope (metaplasmos por supressão), onde há a supressão de um fonema, no final da palavra, no nosso caso, a desinência numeral nos verbos.

Entrevistas e Análises

Para comprovar tal ocorrência linguística, iniciou-se uma coleta de entrevistas com o intuito de encontrar na fala dos nossos entrevistados o objeto dessa pesquisa, que seria a queda do S na desinência verbal de número e pessoa. As perguntas foram elaboradas, para obter-se respostas em que o entrevistado utilizasse a primeira pessoa do plural, sendo nosso propósito maior mostrar na prática a efetivação da lei do menor esforço da fonologia estudada com base no livro Gramática Histórica de Ismael de Lima Coutinho.

Era esperado nessa pesquisa de campo que na fala dos entrevistados ocorressem metaplasmos denominados apócope no final das conjugações de primeira pessoa do plural com o sumiço do (S) como por exemplo nas palavras:

vamos>vamo; estamos>tamo; chegamos>chegamo

Fato que efetivamente pudemos observar no dia a dia e em alguns programas de TV, músicas e na fala corriqueira. Porém resultou-se que após as primeiras entrevista que citaremos uma a uma, houve pouco uso desse tempo verbal nas respostas, entretanto a lei do menor esforço se efetivou de outra forma, ao

comprovamos que os falantes preferem utilizar o pronome “a gente” do que a conjugação do “nós”, para as respostas, talvez por essa ser mais fácil de se pronunciar por exigir uma conjugação na terceira pessoa do singular, que acaba sendo mais rápida e ágil. Porém esta ainda é uma conclusão prévia, nos parágrafos a seguir serão analisadas as entrevistas tomando por base as diversas faixas etárias de nossos entrevistados e suas respectivas classe sociais, observando como esses fatos podem vir a influenciar em suas respectivas falas e utilização do nosso objeto.

Na primeira entrevista, foram elaboradas perguntas para algumas alunas do ensino médio de uma escola estadual, na faixa de 15 á 16 anos, abrangendo temas sobre sua grade de ensino e conteúdos que estão estudando em literatura. Foi tomado o cuidado de sempre usar o pronome “vocês” nas perguntas para dar tom casual e tentarmos obter respostas contendo a nossa suposta ocorrência. Porém a aluna utilizou quase durante a entrevista toda, uma fala concisa da norma culta, se valendo de termos como “Nós estamos aprendendo...”, “nós já lemos...”. Ao fazer mais perguntas, acabou-se descobrindo que se tratava de uma aluna que tem o hábito da leitura, fato que contribui para a utilização de uma fala de acordo com a norma culta (Normalmente usada na literatura), assim pode-se notar tal influência da leitura na fala. A segunda aluna entrevistada, pouco fez uso da conjugação do nós, preferindo o pronome “A gente” acompanhado de verbos com a conjugação na terceira pessoa do singular, ou mesmo respostas diretas, sem conjugação alguma. Comprova-se com isso mais uma vez a lei do menor esforço e da praticidade na língua, porém, não ocorreu nessa entrevista a queda do “s” nas desinências, objeto principal de nosso estudo.

Em uma segunda entrevista, foram feitas perguntas á uma gerente bancária, de 47 anos, referentes a algumas mudanças em sua empresa, e á novas experiências que seus funcionários têm passado. Novamente foi tomado o cuidado na elaboração das perguntas para tentar se obter respostas em que ocorresse o uso da primeira pessoa do plural, o nós, e assim obtivemos novamente a preferência pelo uso do “a gente” nas respostas, oscilando também com respostas corretas segundo a norma culta empregando sempre que possível uma conjugação sem queda do “s” nos morfemas finais das palavras como no trecho transcrito abaixo:

P: “[...] como está sendo para vocês funcionários?”

R: “Para nós esta sendo uma nova experiência [...], A gente tá com bastante expectativa, Nós pretendemos dar o nosso melhor, até porque é o nosso emprego em jogo. [...]”

Atribuimos as características de sua fala a alguns fatos: A auto avaliação por estar diante de uma entrevista sobre um fato de seu emprego; o seu usual contato com pessoas no dia a dia e o "bem dizer" que sua profissão exige, para se comunicar com os clientes, o qual exige sempre um tom formal. Mais uma vez não conseguimos encontrar nosso objeto de estudo na fala do entrevistado.

Na terceira entrevista, estive se conversando e fazendo perguntas informalmente com uma funcionária do comércio alimentício em frente a uma universidade, abordando temas sobre o movimento de sua loja, e a quantidade de vendas ligada aos alunos. Pôde se perceber nas repostas uma objetividade maior com foco na rapidez e praticidade, muitas vezes com respostas sem a conjugação verbal como por exemplo "sim" e "não". Logo, pôde-se atribuir tal fato ao ambiente de vendas rápidas, com foco no rápido atendimento do cliente para economizar no tempo, fator primordial e valorizado em um contexto em que a máxima seria "Tempo é dinheiro". Tanto que a entrevista teve que ser interrompida algumas vezes, devido estar em horário de atendimento. Pôde se comprovar aqui mais um exemplo da lei do menor esforço na língua se efetivando na sociedade moderna, o que já é uma tendência linguística nas grandes cidades devido às rápidas relações do comércio no dia a dia.

Na quarta entrevista, o entrevistado foi um doutor em linguística e professor universitário. A conversa foi ambientada nos corredores da faculdade, nada formal. Mesmo assim, foi percebido o uso da norma culta durante a conversa. Porém, podemos ressaltar o pronome "a gente", que foi bastante usado na conversa.

P: [...] Quais foram as mudanças percebidas com a vinda do campus para nova sede?

R: [...] "A gente" tem mais espaço, com uma estrutura melhor [...].

[...] Agora "a gente" pode fazer muito mais [...]

Portanto, apesar de se tratar de um ambiente não formal, não foi identificado objeto estudado. Talvez por se tratar de uma pessoa com especialidade na área da linguística e que possui um alto grau de formação. A única coisa percebida durante a entrevista foi o uso do pronome "a gente" que, como nas entrevistas anteriores, ressalta a lei do menor esforço.

Na quarta entrevista questionamos uma professora da nossa universidade sobre as transformações ocorridas após a mudança para o novo campus, podemos observar o uso de uma linguagem mais elaborada e

voltada para a norma culta, porém já de início o uso do pronome "a gente" que é uma tendência atual que comprova novamente a lei do menor esforço (com base nos estudos de Ismael de Lima Coutinho). A seguir o trecho dessa entrevista:

R:[...] Muitas mudanças, todas. Porque até então a gente não tinha sala de aula[...]

Porém logo depois dessa fala ela segue com o uso do pronome "nós"

R:[...] Hoje aqui nós temos tudo separado, curso de letras, bloco da letras, da pedagogia, de artes cênicas[...]

Podemos observar que a entrevistada tem um bom domínio da língua em sua norma culta mesmo em uma conversa informal.

Conclusão

O primeiro fato que se pode por em pauta para conclusão desse artigo é a não comprovação da ocorrência linguística, que foi proposta no início das pesquisas, que seria a queda do “s” na desinência verbal de número e pessoa, no presente, pretérito imperfeito e infinitivo pessoal, ocorrendo na primeira pessoa do plural. Apesar de previamente ter se observado constante uso de tal termo em alguns programas de Televisão, Músicas, e na fala corriqueira, seja em conversas informais, ou uso no dia a dia, não foi possível registrar em nossas entrevistas tal fato linguístico. Porém a análise das entrevistas nos possibilitou diversos outros questionamentos e outros fatos linguísticos que os falantes utilizam em sua comunicação ligados a diversos fatores que, entrelaçados a cada contexto pôde-se chegar a diferentes conclusões ao se valer de um olhar sociolinguístico.

Registrou-se na fala de nossos entrevistados a grande preferência pelo uso do pronome “a gente” que vêm como um fato linguístico substituir o uso do “nós”, ou às vezes respostas tão objetivas que se encurtam a ponto de não haver conjugação verbal alguma, assim foi atribuído tal ocorrência á “Lei do menor esforço” que é uma das leis da fonética, encontradas na Gramática Histórica do Autor Ismael de Lima Coutinho, e que através desse menor esforço no falar, as relações e comunicações cotidianas podem ser mais rápidas e práticas,

economizando assim o tempo, que é fator primordial e super valorizado em uma sociedade a qual preza-se por informação e lucros rápidos, e resultados imediatos, já inseridos em sua cultura.

Outro fato que se pode concluir através das entrevistas é a ligação dos entrevistados com a educação e leitura, conectada com o uso da norma culta da língua em sua fala. Os entrevistados que convivem diariamente com a literatura, mantêm, ou repassam esse hábito a outras pessoas, utilizam um dialeto normativo, mesmo em falas corriqueiras e informais.

Não se deve pois classificar quaisquer ocorrência ou fato analisado na fala como a mais clara expressão de certeza, ou o mais grave erro, pois a língua como objeto vivo e fato social está sujeita a mudanças e variações dependendo de seu falante, da região, do contexto em que se é falada, podendo certa ocorrência que hoje é considerada um erro, vir a abranger um número de falantes expressivo, tornar-se tendência, e se transformar em norma através dos jogos linguísticos através do tempo.

Referências Bibliográficas

FARACO, Carlos Alberto. *Linguística histórica*. São Paulo: Ática. 1991.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Editora Cultrix. 141p.

COUTINHO, Ismael de Lima. *Gramática Histórica*. São Paulo: Livraria Acadêmica. 1958 385p.

SILVA, José Pereira da. *Gramática Histórica*. Rio de Janeiro: Editora Botelho. 2008. 262pg.

LIMA, Carlos Henrique da Rocha. *Gramática normativa da língua portuguesa - Edição revista segundo o novo Acordo Ortográfico*. Editora José Olympio. 2002. 556p.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. Nacional: Editora Nova Fronteira. 2015. 696p.

Web revista Página de debates

Questões de
LINGUAGEM

Edição 26 – Março de 2020
Artigo recebido até 25/01/2020
Artigo aprovado até 27/02/2020

CUNHA, Celso; CINRA, Lindley. Nova gramática do português contemporâneo. Rio de Janeiro: Lexikon Editorial. 2013. 800p.

MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina. Introdução à linguística Vol.1. São Paulo: Editora Cortez. 2001. 270p.

GARCIA, Dolores Carvalho; NASCIMENTO, Manoel. Editora Ática - 13 edição. Pg 35 a 42

ANÁLISE DO DISCURSO DE PROFESSOR ATUANTE EM SALA DE AULA DE ESCOLA PÚBLICA

Marly Custódio da Silva¹⁰

UEMS

Resumo: O presente artigo tem como objetivo analisar aspectos do discurso do professor em escola pública. Para tanto, foi aplicado um questionário aos professores de forma que esses pudessem emitir conceitos pessoais relativos à profissão. A partir das regularidades discursivas observadas na materialidade linguística que apontam para esses conceitos, chegamos às representações sobre tais. Apoiando-se em pressupostos teóricos do linguista russo Bakhtin (1986), segundo os quais a linguagem é instância ideológica por excelência, presentes na obra *Marxismo e filosofia da linguagem*, procuramos analisar o discurso do profissional como efeito de sentido.

Palavras-chave: Escola Pública. Professor. Discurso.

Introdução

Pode-se considerar que a compreensão de todo o processo de letramento é de fundamental importância para uma profissional. Dom Pedro I, em atitude no ano de 1827 determinou que em todas as cidades, vilas e vilarejos tivessem escolas de primeiras letras, contribuindo assim para o início da profissão de professor.

A partir da tarefa de ensinar, algumas questões foram levantadas e despertou o desejo de analisar os discursos de professor atuante em escola pública, procurando compreender a língua fazendo sentido, enquanto parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e da sua história.

A linguagem é a primeira instituição em que é possível identificar uma disputa por poder e um instrumento para impor ou expor várias ideias. Assim, a Linguagem contextualiza-se por estar situada em um determinado ambiente e controle.

¹⁰ Aluna da Disciplina de Análise do Discurso: UEMS Campo Grande
E-mail: mcsilva05@hotmail.com

O estudo será sobre o discurso utilizado por professor atuante em escola pública. Sabemos que a palavra é a forma natural para se comunicar e segundo Bakhtin, filósofo da linguagem, a palavra ocupa o papel de fenômeno ideológico por excelência, pois trata-se de veículo de comunicação na vida cotidiana.

A palavra é o fenômeno ideológico por excelência. A realidade toda da palavra é absorvida por sua função de signo. A palavra não comporta nada que não esteja ligado a essa função, nada que não tenha sido gerado por ela. A palavra é o modo mais puro e sensível de relação social (BAKHTIN, 1999: 36).

A Linguagem é a primeira instituição social humana, por meio do qual a sociedade é interiorizada e exteriorizada através da palavra ao indivíduo.

É através das palavras que produzimos o discurso, de forma oral e às vezes escrito e ainda o discurso de pensamento interdiscursivo, e segundo Orlandi, o discurso “ é assim palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando” (2005, página 15).

O objetivo de nosso trabalho é analisar o discurso do professor atuante em sala de aula de escola pública, para melhor compreensão da realidade atual vivenciada pelo profissional de educação, podendo explicitar discursos, anseios e angustias e abrir espaço para futuras reflexões.

Será analisado também como é o discurso do profissional ao planejar suas aulas e qual postura e procedimento da fala perante esse período, se poderá ocorrer à impressão da realidade do professor através da escolha que foi feita por determinadas palavras ou expressões. O professor sendo capaz de apreciar o que faz, em um saber crítico e ético, forma cidadão crítico e questionador de seus interesses. Neste sentido, os específicos são realizar estudo sobre o discurso do profissional em educação atuante, qual é o discurso empregado, quais são as dificuldades encontradas e como são sanadas estas questões, e observar se as expectativas vivenciadas pelo profissional durante a graduação foram/é correspondidas na atual realidade em que se encontra profissionalmente.

Fundamentação Teórica

Aquele que consegue, por meio da linguagem, expressar e persuadir o outro, certamente terá o poder de melhor manipular uma expressão simbólica, e valer-se de campos de ordenação do significado. Ao selecionar, tenderá promover determinado interesse de mensagem. Todo esse cuidado no momento de expressar-se, não é uma simples produção e reprodução de mensagens, mas, é produção e reprodução de posições e significações. Para Bakhtin:

o signo não existe apenas como parte da realidade, reflete e refrata as realidades. Pode até distorcer a realidade mesma. Todo o signo está sujeito a uma reflexão e avaliação ideológica. O domínio da ideologia é o domínio dos signos. (BAKHTIN: 1999, p. 09)

A linguagem atua nas representações simbólicas, e consegue definir, identificar e desqualificar a partir de critérios de inclusão e exclusão. Marx definiria o Poder como meio da dominação, num discurso mais agressivo, a medida que se faz uma transação de sentidos e de modos de existência. Prega a igualdade, mas promove a desigualdade. Para isso, a ideologia se descola da realidade.

os pensamentos da classe dominante são também, em todas as épocas, os pensamentos dominantes, ou seja, a classe que tem o poder material dominante numa dada sociedade é também a potência dominante ‘espiritual’. A classe que dispõe igualmente dos meios de produção intelectual, de tal modo que o pensamento daqueles a quem são recusados os meios de produção intelectual está submetido igualmente a uma classe dominante. Os pensamentos dominantes são apenas a expressão ideal das relações materiais dominantes concebidas sob a forma de ideias, e portanto, a expressão das relações que fazem de uma classe dominante; dizendo de outro modo são as ideias de seu domínio. (MARX/ENGELS: 1986, p. 55)

Para Orlandi, 2002, “o trabalho da ideologia é produzir evidências colocando o homem na relação imaginária com suas condições materiais de existência”. O domínio da linguagem, garante o poder de atuação de troca, de convencimento através de outro domínio de uso: o mundo das ideologias. Percebe-se, o indivíduo seleciona, usa e rodeia -se de estratégias, porém, há um grande dilema. Somente consegue isso, porque pode atuar apenas em um contexto determinado. Consequentemente, deve adequar-se a esse modo de determinação da vida.

Pensando na atual realidade escolar, surgiu o interesse de estudar o discurso de professor em sala de aula. Esse estudo visa a compreensão em explicitar como o texto organiza os gestos de interpretação que relacionam sujeito e sentido. Também faremos entrevistas semi estruturadas e questionário para melhor acompanhamento e estudo desses discursos, que ainda, segundo Orlandi “[...] ao falarmos, o fazemos de uma maneira e não de outra, e, ao longo do nosso dizer, formam-se famílias parafrásticas que indicam que o dizer sempre podia ser outro” (2005, página 35).

Metodologia

Pretende-se elaborar uma edição de jornal escolar e, através das produções de textos feitas pelos alunos, ensinar como devemos utilizar a norma culta da língua, valorizando as variações linguísticas existentes no seu cotidiano.

Serão realizadas atividades com alunos da Rede Estadual de ensino, na 4ª fase da EJA, do turno noturno.

A esses alunos serão propostas atividades de leitura, releitura e produções textuais, utilizando diferentes gêneros, a fim de recolher dados e materiais para a elaboração e edição do jornal.

Os trabalhos serão desenvolvidos com a participação ativa dos alunos para a maior riqueza e veracidade da análise; todo conteúdo do jornal será elaborado e finalizado por eles. A partir daí, as reflexões sobre a adequação da escrita ao gênero textual e sua importância para a comunicação e interação serão enfatizadas, lembrando-os que suas produções são de suma importância para a escola e para o mundo, pois traduz o conhecimento cultural e individual de cada um.

No jornal serão desenvolvidos textos de interesse dos alunos e da escola, com produções reais como: “minha história, minha vida”, receitas, matérias sobre esporte, cultura, lazer, calendário de prova, dentre outros temas relativos à rotina da escola.

Assim, o jornal proporcionará o estudo e ensino da gramática que é de interesse do aluno, além de proporcionar a valorização das variações linguísticas.

Os discursos são processos, são lugares e falares, constituídos de uma condição histórica determinada e de uma prática em que o sujeito revela estratégias e meios de existência:

a AD problematiza a atribuição de sentido(s) ao texto, procurando mostrar tanto a materialidade do sentido como os processos de constituição do sujeito, que instituem o funcionamento discursivo de qualquer texto. (ORLANDI: 1987, p. 13)

Em um estudo de análise discursiva, busca-se confrontar o discurso institucional, em uma determinada instância social, que transmite uma mensagem e reflete o sujeito e sua existência. ORLANDI (2002) sugere em seu livro “*Análise de Discurso: Princípios e Procedimentos*”, a análise que mobilize a possibilidade de um entremeio, a descrição e a interpretação no texto:

o analista de discurso, á diferença do hermeneuta, não interpreta, ele trabalha(n) os limites da interpretação. Ele não se coloca fora da história, do simbólico ou da ideologia. Ele se coloca em uma posição deslocada que lhe permite contemplar o processo de produção de sentidos em suas condições. (ORLANDI: 2002, p. 61)

Nesse sentido, destacamos os processos de identificação de nossa análise. Os professores enquanto sujeitos profissionais que pertencem a um campo de existência. Nesta linguagem atual, que mobiliza os sujeitos na busca por habilidades, lembrando o passado promissor dos professores na existência de uma memória discursiva. Em momentos fala de uma memória do imediato, da sua inscrição como indivíduo deste tempo, e em momento revive a memória dos professores de um passado na exaltação de uma profissão como o modelo de respeitabilidade.

Discursos dos Professores

As falas transcritas dos professores são retiradas de entrevistas, na experiência de entrevistas realizadas com professores do ensino fundamental público no ano de 2012. Duas escolas serviram de apoio para as entrevistas, uma escola da REME - Escola Municipal Consulesa Margarida Maksoud Trad e a Escola Estadual Professor Henrique Cirylo Correa, ambas situada na Zona Norte da cidade de Campo Grande - MS.

A aplicação das perguntas seguia um roteiro de questões elaboradas na forma de perguntas abertas e aplicadas sobre a forma de diálogo. Foram desenvolvidas duas entrevistas. Todas foram realizadas no local de trabalho dos professores.

Como forma de preservar a identidade pessoal das entrevistadas, numa questão de ética, decidimos citá-los, durante a transcrição através de heterônimos, retirados da natureza, citando as entrevistadas com nomes de flores, que tem a beleza, a simplicidade e a força de um profissional da educação. Utilizaremos, então, para as duas pessoas entrevistadas, dois nomes relacionados a natureza.

A primeira entrevistada chamaremos de "Professora Orquídea", a segunda entrevistada, de "Professora Hortêncina".

A primeira entrevistada "Orquídea", é casada e leciona há mais de 35 anos. Kursou Normal Médio em 1974, concluiu Pedagogia no ano de 1977, em 1979 kursou História e no ano 1995 fez Pós-Graduação em Psicopedagogia Educacional e Clínica. Sempre atuou em séries iniciais e garante que já "*nasceu*" professora, oportunidade de trabalhar em outros departamentos sempre teve e até tentou, porém não obteve bons resultados e nem satisfação pessoal. Retornou à sala de aula, lugar que, segundo a professora, se sente realizada enquanto profissional. Trabalha na Rede Estadual de Ensino.

A segunda entrevistada "Hortêncina", leciona há 20 anos. Durante um bom tempo trabalhou em três escolas - estadual, particular e municipal - permanecendo nesta última até os dias atuais, também é casada. Sempre atuou em séries iniciais. Sua formação é Pedagogia e Pós-Graduação em Psicopedagogia e Gestão Escolar, Coordenação Pedagógica. Conforme relato da professora, gosta muito do que faz, e não saberia ter outra profissão, o único desconforto, segundo a entrevistada é o salário, pois ao comentar sobre a profissão, toca na questão da remuneração, um dos elementos centrais na construção da identidade nesta profissão.

A remuneração, por ser uma aferição pública de valor ao trabalho dos professores, é um ponto delicado de discussão, o que pra nós, neste momento não nos convém.

Quanto à vocação, os professores resgatam muitos aspectos positivos, quando dizem o que os impulsionou a "abraçar" a profissão e como veem o sentido da mesma. Também percebem que a mudança é um ponto central na nova postura do professor enquanto profissional, fazendo pensar sua atuação nesse futuro e a aderir ao uso das tecnologias.

A seguir, apresentaremos duas transcrições de fragmentos discursivos referentes a dois momentos dos professores em sua atuação, um em horário de planejamento e outro momento com alunos em sala de aula.

Professora Orquídea

"Leciono desde 1975, comparando a formação que tive com a formação atual, posso garantir que tive uma excelente formação para exercer minha profissão, mas nunca parei de estudar, fazer cursos e participar de encontros e congressos. Eu também tive oportunidade de trabalhar na SED/MS (Secretaria Estadual de Educação de Mato Grosso do Sul). Retornei ao magistério por amor à profissão, pois me sinto realizada nesta área."

Professora Hortência

"O tempo para planejarmos as atividades de sala de aula é muito curto e o planejamento não é tão simples assim, temos que ter atenção e pensar em todos os alunos, inclusive àquele que tem maior dificuldade, pois temos que pensar na elaboração, na correção e nas possíveis e futuras intervenções que irão ocorrer. Todo esse processo demanda tempo e dedicação para ter qualidade."

A professora "Orquídea" recorre a legitimação do saber, como detenção de poder marcada por uma credencial "leciono desde 1975". Os sentidos estão claros. Existe um "não-dito" neste fragmento. Quando a professora diz, "já nasci professora", ela está querendo dizer, ao mesmo tempo implicitamente, que é alguém diferente, pois teve oportunidade de ter outra profissão, porém escolheu ser professora por vocação e amor à educação.

Já a professora "Hortência" faz uma reflexão na ação, reflexão sobre a ação e reflexão sobre a reflexão na ação, principalmente quando diz "temos que pensar na elaboração, na correção e nas possíveis e futuras intervenções que irão ocorrer", a professora se preocupa com as atividades elaboradas para os alunos as quais estão relacionados à aprendizagem.

Considerações finais

A análise de discurso, é um recurso teórico e metodológico associando -se ao universo social, ampliando o entendimento não somente da dimensão da Linguagem, mas em uma dimensão do sujeito e da sociedade demonstrando uma das possibilidades "entremeio" que a AD propõe. Neste objetivo, o trabalho buscou a formação discursiva e ideológica de professores atuantes em sala de aula da rede pública de ensino.

Pelo discurso, as professoras vive essa experiência diluída na sua vida pessoal, através da flexibilidade e busca constante de um aperfeiçoamento de si, pois não são profissionais estagnadas se adequa ao novo, às novas tecnologia para melhor engajamento de sua profissão e conquista dos educandos pelo aprendizado e prazer de descoberta do conhecimento..

Referências Bibliográficas

BAKHTIN, M. (Volochinov). *Marxismo e filosofia da linguagem: Problemas fundamentais do método sociolingüístico na ciência da linguagem*. (Trad. M. Lahud e Y. F. Vieira), 4 ed. São Paulo: Hueitec, 1988.

MARQUES, Vanda Lúcia Godoi Garcia. *Discurso da representação do professor*. Disponível em: <http://www.cepad.net.br/>, acesso em 25 abril 2012.

POSSENTI, S. *Discurso, estilo e subjetividade*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *A Ideologia Alemã (Feurbach)*. São Paulo: Hucitec, 1986.

ORLANDI, Eni. *Análise de discurso. Princípios e Procedimentos*. Campinas: Pontes, 2002 e 2005.

A Linguagem e seu funcionamento: as formas de discurso. Campinas, SP: Pontes, 1987.

A Análise de Discurso e seus entremeios: notas a sua história no Brasil.

ERAS ,Lígia Wilhelms - Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). PG / CAMARGO,

Wander Amaral - Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). OR

Análise de discurso e a ideologia do profissionalismo: um Confronto de falas no discursos dos profissionais professores - Anais do 6º Encontro Celsul - Círculo de Estudos Lingüísticos do Sul.

Web revista Página de debates

Questões de
LINGUAGEM

Edição 26 – Março de 2020
Artigo recebido até 25/01/2020
Artigo aprovado até 27/02/2020

SITES

www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/outubro/dia-do-professor-14.php, acesso 30 abril 2012.

www.cepad.net.br/discursividade/EDICOES/02/arquivos2/Vanda%20Lucia%20Godoi%20Marques%20e%20Marlon%20Leal%20Rodrigues.pdf. Acesso 25 abril 2012.

<http://www.slmb.ueg.br/iconeletras/artigos/volume8/AvaliacaoEscolar.pdf> - Acessado em 08 dezembro 2012

MARQUES, Vanda Lúcia Godoi Garcia. Discurso da representação do professor. Disponível em: <http://www.cepad.net.br/>, acesso 25 abril 2012.

MEMÓRIAS DIDÁTICO-PEDAGÓGICA: EXPERIÊNCIAS DE UM PROFISSIONAL DA EDUCAÇÃO BÁSICA

Aline Cléia de Matos - G/Pedagogia/UEMS
Ariane Calazans Mori - G/PIBID/Pedagogia/UEMS
Pollyana de Oliveira - G/PIBID/Pedagogia/UEMS
Priscila Batista Mendes de Oliveira - G/Pedagogia/UEMS
Saiaca Naise Silva dos Santos - G/PIBID/Pedagogia/UEMS
Marlon Leal Rodrigues - NEAD/UEMS

Resumo: O presente trabalho foi desenvolvido pelas acadêmicas do 3º ano do curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS. A proposta tem por finalidade a retomada das memórias didático-pedagógica dos profissionais da educação. A profissão professor é cercada de desafios a serem superados, embora haja inúmeras funções do profissional. É uma profissão rodeada de desvalorização e precariedade. Além da agressão física e verbal, que vem marcando o fim da segunda década do século XXI, cada vez mais o professor exerce função além do conteúdo, a educação de valores que deveria ser função das famílias dos educandos. Diante de fatos, observados e anunciados constantemente, foi elaborada uma entrevista com o objetivo a Memória Didático-Pedagógica de profissionais da educação.

Palavras-chave: Memórias Didático-Pedagógica. Profissionais da Educação. Entrevista.

Introdução

É importante entender as definições de memória. Vale ressaltar que memórias e lembranças embora assemelhem-se possuem características distintas. Podemos considerar as memórias além de lembranças, senão identidade individual, ou seja, história.

Lembrança é uma trivial recordação preservada em nossas memórias, uma história já vivenciada que se relaciona ao pretérito.

A memória, sempre pronta para se defender de outras lembranças, faz parte da própria existência de indivíduos e grupos sociais, apresenta soluções de continuidade e rompimento, fundamentais em qualquer configuração cultural. A história não está livre dessas vinculações (Ramos, 2010, p. 411).

Por meio das memórias podemos ir adiante, pois deste modo há possibilidade de recordar experiências vivenciadas coletivamente, não se limitando ao consciente de um único indivíduo, transformando-se até em História.

A memória e a história não precisam necessariamente exteriorizar apenas ressentimentos ou ser castigadas por lembranças desagradável. A memória pode ser observada como um processo cultural e de identidade do ser.

A Escolha

A escolha da professora ocorreu mediante a observação da regência da entrevistada. As acadêmicas Ariane e Pollyana desenvolvem o projeto de ensino PIBID¹¹ na Escola Estadual Antônio Delfino Pereira, em Campo Grande - MS, escola que a professora leciona.

Desta forma, o contato com a professora ser acessível, ainda há um outro aspecto relevante que decorreu da atuação na educação básica, na qual a desvalorização profissional e salarial é mais evidente.

A vontade de lecionar tem sido deixada de lado diante das dificuldades e dos dilemas da vida profissional, a desmotivação é causada quando se observa que a sociedade e o governo desvalorizam a profissão uma vez que é a base do desenvolvimento intelectual de uma pessoa, depois da família (Melo, 2015, p. 3).

Embora haja desvalorização, a professora entrevistada acredita na profissão e ainda almeja um futuro diferente para os educadores. Com uma fala simples e descontraída a professora de 30 anos de idade narrou suas experiências ao longo de seus 5 anos de docência.

Mayara Alves Correia concluiu o curso de pedagogia em 2013 no Centro Universitário de Campo Grande – UNAES, instituição extinta em 2016, após a fusão de duas mantenedoras. Atualmente, cursa sua

¹¹ Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID. O programa oferece bolsas de iniciação à docência aos alunos de cursos presenciais que se dediquem ao estágio nas escolas públicas e que, quando graduados, se comprometam com o exercício do magistério na rede pública. O objetivo é antecipar o vínculo entre os futuros mestres e as salas de aula da rede pública. Com essa iniciativa, o PIBID faz uma articulação entre a educação superior (por meio das licenciaturas), a escola e os sistemas estaduais e municipais.

segunda graduação, também licenciatura, Artes Visuais. Por ser portadora de diploma, concluirá ainda em 2019.

Desde seus 15 anos de idade trabalha em instituição de ensino, direta ou indiretamente, com a regência. Trabalhava auxiliando os professores na época de estudante, quando era bolsista, para suprir uma necessidade da escola. Em 2009, mudou-se para o Rio Grande do Sul, e passou a trabalhar como monitora em uma escola de surdos. Em 2010, assumiu a coordenação de uma catequese, que embora não fosse escola, exigia de Mayara atuação pedagógica.

Em 2012, quando ainda cursava a faculdade, trabalhou com a educação infantil na Associação Franciscanas Angelinas – ANFRANGEL – Lar das crianças vivendo e convivendo com o vírus HIV. Uma associação filantrópica, sem fins lucrativos, fundada em 1996. Atende crianças de zero a doze anos de idade de ambos os sexos.

Finalmente, em 2014, após formada, passou a dar aula de artes, por meio de substituição, na rede estadual de ensino para alunos do 6º ao 9º ano do ensino fundamental.

Embora tivéssemos um roteiro pré-determinado acerca das perguntas a serem feitas, em alguns momentos houve a necessidade de adequação do questionário baseada nas respostas da entrevistada. A Mayara foi muito atenciosa com o grupo, reservou sua tarde para nos atender. Sentimo-nos acolhidas. A entrevista teve um tempo médio de 1 hora em 30 minutos.

Convidamos a também professora Lurdete Francisco da Silva, de 39 anos de idade, com intuito de comentar o trabalho da professora Mayara. Lurdete iniciou a entrevista de maneira tímida, no entanto aos poucos sentiu-se mais à vontade. As duas além de colegas de trabalho, possuem uma relação de amizade fora da escola.

A entrevista foi gravada, transcrita e por questões de ética disponibilizada as entrevistadas com a intenção de que posteriormente fosse autorizada a divulgação e que após a leitura pudessem ajustar conforme julgassem pertinente. Somente o professor, o grupo que entrevistou e as professoras entrevistadas possuem acesso ao material.

O grupo sentiu-se gratificado pela presteza das professoras em conceder a entrevista e compartilhar momentos de suas histórias conosco.

Relatório das Entrevistas

No primeiro momento entrevistamos a professora Lurdete, no laboratório de informática da escola. Em seguida, entrevistamos a professora Mayara no mesmo laboratório.

Entrevista com a Professora Lurdete Francisco da Silva

- **Grupo:** Quando e como conheceu a professora Mayara Alves Correia? Comente.

- **Profa. Lurdete:** Eu a conheci bem antes de começar a minha vida aqui na escola, a conheci na igreja. E quando nos encontramos aqui na escola, a nossa amizade se fortaleceu ainda mais com a ajuda com orientações significativas que ela me oferece.

- **Grupo:** Que tipo de relação que a senhora mantém ou manteve com a professora Mayara? Relação pessoal e/ou profissional? Comente.

- **Profa. Lurdete:** A nossa relação atualmente é mais na escola, e como o *WhatsApp* está em alta, nós conversamos bastante via aplicativo, e as vezes ao domingo quando nos encontramos na igreja. Fortalecendo ainda mais a amizade.

- **Grupo:** Conte uma passagem, um episódio importante na carreira da professora Mayara, caso seja possível. Comente.

- **Profa. Lurdete:** Acredito que a Mayara estar aqui é devido sua força, firmeza e persistência. Pois devido a essas qualidades ela consegue se manter no local que ela almeja. Eu gosto muito dela devido a esta firmeza que ela possui.

- **Grupo:** Em sua opinião, como definiria professora Mayara, profissionalmente e pessoalmente?

- **Profa. Lurdete:** Uma pessoa guerreira e batalhadora.

- **Grupo:** A professora Mayara a influenciou de alguma maneira em sua carreira ou relação profissional ou pessoal?

- **Profa. Lurdete:** Quando estou com a Mayara tudo fica mais claro. A Mayara nem sabe, mas ela transmite uma segurança muito forte. Ela ensina e transmite para as pessoas, especialmente para mim, um sorriso, uma alegria, que vai abrindo portas e ela nem sabe disso. Ela pode estar com qualquer problema, mas ela continuará com o sorriso no rosto. É uma maravilha estar próximo a ela.

- **Grupo:** Comente como é a relação da professora Mayara com os colegas de trabalho e com seus alunos?

- **Profa. Lurdete:** Com os colegas de trabalho a Mayara é uma mãezona, no sentido de estar sempre ajudando, principalmente em fechamento de bimestre para o conteúdo. Não sei de onde ela tira tanta informação, de tudo que precisamos, ela dá um jeito para ajudar, seja com ideias ou para pesquisar quando ela não sabe. Está sempre disposta a ajudar. Já com os alunos ela é firme no momento certo. Sabe dosar, no momento de ser firme é firme, no momento de ser doce ela é. Tem muitos alunos que param no corredor e perguntam quando ela dará aula. O ditado “morde e assopra” a define, pois na hora de ser firme ela sabe ser e quando é a hora do carinho ela sabe oferecer.

- **Grupo:** O que acha que permanecerá da professora Mayara em suas atividades, para os alunos e seus colegas de trabalho?

- **Profa. Lurdete:** Para os alunos acredito que ela deixará uma marca em um futuro próximo, para que eles não desistem, para que sejam pessoas fortes e honestas. Pois ela é uma pessoa muito correta, gosta das coisas certas e acaba transmitindo isso aos seus alunos. Já aos colegas, ela ajuda muito, então eu aprendi a ter um olhar mais clínico ao observar quando um colega necessita de ajuda e a me oferecer para ajudar. E desta maneira, eu mesma, estou passando esta corrente que iniciou com a Mayara adiante.

- **Grupo:** Quais atitudes e prática julga significativos da professora Mayara?

- **Profa. Lurdete:** A Mayara é uma pessoa muito amiga, tanto dentro quanto fora da escola, precisando não tem hora, não tem dia. Se você precisa de ajuda a Mayara está disposta. Então, eu a defino como amiga verdadeira, aquela amiga disposta a ajudar em qualquer momento.

- **Grupo:** Caso queira deixar uma mensagem a professora Mayara, fique à vontade.

- **Profa. Lurdete:** Não vai contar para a Mayara que eu a amo, porque ela vai se achar muito (risos). Mas a mensagem é gratidão. Gratidão por tudo o que ela fez e por tudo que ela ainda fará por mim, porque eu digo a ela, que se eu precisar, eu vou atrás solicitando ajuda. Então, Mayara eu amo você. Não conte a ela (risos).

Entrevista com a Professora Mayara Alves Correia

- **Grupo:** Por que você escolheu ser professora? Comente.

- **Profa. Mayara:** Porque eu acredito que podemos fazer alguma coisa de significativo pelo mundo.

-**Grupo:** Fazer a diferença?

- **Profa. Mayara:** Não! Não fazer a diferença. Porque quando usamos essa expressão parece que é abraçar uma causa, se vestir de mulher maravilha e vai lá salvar o mundo. E eu já sai dessa fase. Mas eu sempre acreditei desde pequena, com uns 9 anos de idade, quando eu colocava minhas bonecas para assistir aula, que nós podemos contribuir para o mundo, com as pessoas e deixar marca nas vidas das pessoas. Então, para mim, ser professora é deixar minha estrelinha na vida de alguém. Não de fazer a diferença e sim ser significativo para alguém. Portanto, eu escolhi, desde criança. Sempre gostei, sempre fui comunicativa, criativa é devido a minha busca muito grande por conhecimento e aprendizado, embora tenho origem de uma família humilde. Eu como professora, sou uma pessoa que viso o futuro, viso o mundo. Então quero deixar uma marca e não fazer a diferença, porque não quero ser mulher maravilha (risos).

- **Grupo:** O que é ser professor educador hoje para você? Comente.

- **Profa. Mayara:** É um desafio e uma inconstância. Porque para ser educador, temos que conhecer normas e legislação, ter um amparo para chegar na sala de aula. E hoje isso é uma busca solitária, porque esse amparo está desatualizado, nós estamos no século XXI com um amparo do século XV, onde o professor tinha autonomia e era autoridade dentro de sala. Hoje já não funciona desse jeito. Então o professor tem que ter domínio de conteúdo, estar um passo à frente do aluno, tem que motivar, se envolver, que possui um *insight* (compreensão súbita de alguma coisa ou determinada situação) para entender que determinado conteúdo deve ser transmitido com algo a mais, algo diferente. E hoje possuímos muita informação e a formação dos conhecimentos acabam nos levando a rotina. Então acredito ser mais desafiante dar aula hoje do que há 50 anos. Porque há 50 anos, pegava-se um livro, dominava o conteúdo existente e havia o respeito da sala de aula. Atualmente não funciona desta maneira, eu tenho que conquistar o respeito do aluno, respeito da família, conquistar a minha postura – porque ficamos presos no ideal de salvar o mundo – então eu preciso ocupar o meu lugar como professor, entender quem eu sou, o que eu faço e quais são minhas habilidades e as minhas dificuldades. Porque a sala de aula nos mostra tudo isso, ela escancara suas dificuldades e suas facilidades. Então eu preciso me trabalhar, psicologicamente, humanamente, profissionalmente e buscar todo um pré-requisito de conhecimentos para me tornar um professor. Porque senão você entra em uma sala de aula, vai assustar, e não conseguirá dar aula. Porque sonhamos com uma sala de aula perfeita e ideal e esse tipo de sala não existe e nem nunca existiu.

- **Grupo:** Não é possível ter uma sala de aula homogênea?

- **Profa. Mayara:** Não, nem em uma escola particular. Isso é surreal. E hoje, principalmente em escola pública, não há investimento, o professor precisa muitas vezes estar arcando, auto custear. A expressão “*a profissão é por amor*”, porque gostamos, investimos e queremos o melhor. Acabamos dando mais do que recebendo, e isso se torna desproporcional na balança, causando um desequilíbrio. Estressa e cansa. Me faz pensar “*será que vou aguentar 20 anos de sala de aula?*”, e eu percebo que não quero isso pro resto da minha vida (com relação ao desamparo).

- **Grupo:** Você dá aula desde 2013, durante a faculdade, você chegou a dar aula?

- **Profa. Mayara:** Eu dava aula como substituição. Na verdade, eu trabalho com instituição escolar desde os meus 15 anos de idade, eu era bolsista e eu trabalhava na escola quando faltava professor, acabava dando aulas, sendo esta minha primeira experiência escolar. Já em 2009, eu morei no Rio Grande do Sul e trabalhei em uma escola de surdos, e lá eu era tanto professora quanto monitora, pois eu estava aprendendo libras e eu os monitorava. Em 2010, eu assumi a coordenação da Rosário, era catequese, não era escola, mas existia o lado pedagógico. No mesmo ano comecei a faculdade. Em 2011, eu trabalhava em um convento. Em 2012, eu intercalava entre estágios e substituições. Em 2013, eu entrei na educação infantil com as irmãs angelinas, que eu odiei (risos), sendo a pior experiência da minha vida, porque não consigo trabalhar com crianças que ainda não falam e não andam. Em 2014, eu entrei na rede estadual como professora de artes, eu já era pedagoga, porém consegui aulas como professora de artes, dando aulas do 6º ao 9º ano. E eu acabei aprendendo *na raça, no susto*.

- **Grupo:** É pouco tempo de formada, porém com bastante experiência.

- **Profa. Mayara:** Sim (risos).

- **Grupo:** Quais professores que mais a influenciaram pela escolha do Magistério?

- **Profa. Mayara:** Os professores do fundamental você diz?

- **Grupo:** Não necessariamente, de toda a sua vida escolar. Alguém te influenciou?

- **Profa. Mayara:** Olha, eu tive um professor do 4º ano, professor Gercílio. Eu achava fantástico a maneira que ele dominava a sala. Ele tinha domínio. Eu sempre disse com aquela ingenuidade de criança: *“eu quero ser como ele”*, por causa deste domínio que ele tinha. Depois de um tempo eu entendi que esse domínio era na verdade um respeito que eu tinha por ele, que apesar dele ser homem ele já tinha esse respeito natural, mas ele tinha um domínio que era incrível.

- **Grupo:** E será que ele dá aula ainda?

- **Profa. Mayara:** Não, ele aposentou (risos).

- **Grupo:** E ele é daqui de Campo Grande mesmo?

- **Profa. Mayara:** Ele é daqui mesmo.

- **Grupo:** Então o Gercílio se tornou uma inspiração para você? Quando você atua, você lembra dele de alguma maneira?

- **Profa. Mayara:** Ele serviu um pouco de inspiração. Mas não, eu tenho muita convicção e clareza do que eu sou, então o meu jeito de dar aula, sou bastante sistemática. Então o Gercílio foi uma pessoa que eu admirei, mas a professora que sou hoje é uma construção de todos que já passaram pela minha vida, incluindo professores de faculdade, professores que conheci e acabei trocando ideias, pessoas de encontro até de catequese, de retiros. Então é um conjunto. Eu professora tive uma ideia, achei interessante, bonito, então vou incorporar? Não, não vou. A professora que eu criei é um conjunto de professores, de experiências, de sofrimentos, de psicologia; então hoje quando eu vou para a sala de aula, eu vou convicta que eu sou a Mayara, estou ocupando meu papel como professora. Da sala de aula para dentro eu resolvo, tento não levar as coisas para casa, porque senão adoecemos. E tento não levar meus problemas, por mais que isso influencia, para dentro da sala de aula. A professora Mayara, não é a pessoa Mayara. Porque dentro de sala de aula eu sou exigente, as vezes saio do controle, sou enérgica. A pessoa Mayara é mais tranquila, não é tão exigente com as pessoas, é tranquila; é bem diferente. Eu digo *“não me queira ter como professora porque sou brava”*.

- **Grupo:** Já te vimos dando aula, não é tão assim (risos).

- **Profa. Mayara:** Não, eu sou brava sim (risos). Às vezes eu percebo que tenho que ser menos brava, dar mais liberdade aos alunos, mas preciso ter o controle da situação, senão os alunos pensam que tudo é brincadeira e aí eles ficam sem limite.

- **Grupo:** Você já trabalhou como alfabetizadora?

- **Profa. Mayara:** Em 2017, eu era professora do 3º ano, e eu tive esse desafio. E eu não me identifico como alfabetizadora, porque para mim “a” é “a”, “b” é “b”, o som, a letra, isso pra mim é claro. Mas quando falamos de transposição didática, você transformar esse conhecimento, formação, informação em conteúdo que a criança possa aprender, isso se torna outro universo. Quando estava no 3º ano isso para mim foi muito difícil, fazer com que a criança leia, entenda matemática, porque pra mim o sinal de adição é mais, pra mim não há como confundir o sinal da adição com o sinal de multiplicação. Então, essa clareza que possuo, faz com que eu não consiga transmitir isso para as crianças. E como alfabetizadora, o professor tem que saber transmitir para os alunos de uma maneira que os alunos entendam. Na alfabetização não podemos impor que o teclado é amarelo por exemplo, precisamos construir aos poucos, ir formando. Eu sou pedagoga, admiro os alfabetizadores, eles possuem papel fundamental, são muito importantes. Eu tenho muita didática, mas eu não tenho a competência alfabetizadora.

- **Grupo:** Cite e comente um fato relevante positivo de seu período de sua formação escolar.

- **Profa. Mayara:** No meu estágio. A professora me ensinou que domínio de sala você tem ou não. Se você não tem, você precisa se trabalhar para adquiri-lo. Porque o domínio controla tudo.

- **Grupo:** Foi legal o que ela disse, porque ela não te desanimou, ela te encorajou a se construir.

- **Profa. Mayara:** Sim, mas depende da pessoa ir se construindo para conquistar o domínio. Porque o domínio de sala envolve o respeito, o conteúdo, os conhecimentos que você possui. Claro que para mim, minha altura, o tom da minha voz é um facilitador (risos). Mas essa fala dessa professora foi fundamental. Toda aula eu me trabalho bastante para que eu não perca este domínio.

- **Grupo:** Cite e comente um fato relevante negativamente de seu período de formação escolar.

- **Profa. Mayara:** Para mim um negativo ocorreu quando fui professora regente do 5º ano. Ser professora regente para mim é um problema, porque você tem que ser polivalente, saber e entender de todos os conteúdos. Saber lidar com todas as disciplinas e dominar. E o pior de tudo é você tem a responsabilidade de ensinar a criança, não é nem o melhor. Dominar o conteúdo é até tranquilo e fazer uma resenha e exercícios de determinado assunto também. Agora, transmitir isso para uma sala de 30 ou 40 alunos, que há crianças com dificuldade de aprendizagem, crianças especiais e ter que adaptar o conteúdo. Para mim isso foi um ponto negativo, porque para mim o professor não tem obrigação de ser polivalente, por mais que seja pedagogo não é obrigatório que dominar tudo. Há pessoas sem habilidade pra isso. Eu acredito que seria melhor se professores com habilidade em matemática dessem aulas de matemática, por exemplo. Se tem habilidade em língua portuguesa, dar aula em língua portuguesa então.

- **Grupo:** Seria bem melhor, se considerarmos por exemplo, que há muitas crianças com dificuldade em matemática, porque a maioria dos pedagogos não possuem afinidade com a disciplina.

- **Profa. Mayara:** E é uma coisa que é fundamental. Por exemplo, quando eu era professora do 5º ano, eu dominava muito língua portuguesa e matemática, de fazer com que as crianças saíssem lendo e interpretando os problemas e os resolvendo. Porém, quando eu precisava dar aulas de história e de geografia, eu entendia o conteúdo para mim. Eu lia o texto, entendia, porém não conseguia motivá-los, o que acabou tornando-se um peso. E isso acabou-se tornado um ponto muito negativo e ainda é. Se algum dia, devido eu ser pedagoga, eu precisar ser a professora regente, será porque eu preciso (sentido financeiro), eu vou tentar fazer o meu melhor, mas não é algo que eu tenho facilidade.

- **Grupo:** Comente um pouco sobre suas lembranças na educação infantil.

- **Profa. Mayara:** Tenho, tanto positivo quanto negativo. Ponto positivo é quando você observa o desenvolvimento da criança. Eu gosto de ensinar costumes, organizações e acabo ensinando as crianças a ter um ritmo organizado. E negativo era quando as crianças vomitavam, eu tenho problema com vômitos até hoje (risos). A criança vomita e eu quase vomito junto (risos). Eu vomitei junto com um menino. Ele estava

passando mal, tomou remédio, ele tinha dois aninhos e vomitou no meu pé e eu virei do outro lado e vomitei. Até hoje se eu vejo uma pessoa vomitando eu já saio de perto. Educação infantil não é para mim não (risos).

- **Grupo:** Quais disciplinas mais o(a) influenciaram para sua carreira de professora e educador?

- **Profa. Mayara:** Língua portuguesa. Eu amo língua portuguesa. Na quinta série eu tive a professora Gladis, que era professora de língua portuguesa e inglês. E eu aprendi verbo, conjunção... tudo com ela. E quando eu fui para o ensino médio, redação, ENEM, essas coisas da vida (risos), e tive o professor Ascânio, professora Cláudia.

- **Grupo:** Ascânio é famoso, né?

- **Profa. Mayara:** Ascânio é o melhor professor de língua portuguesa, a Cláudia é professora de redação, a professora Soraya de interpretação de textos, a professora Ivana de literatura. Foram professores que me marcaram. Nossa! O que eu sei de língua portuguesa é graças a eles.

- **Grupo:** Então, sabe o que me lembrei? Você comentou que gostaria de ser professora para deixar uma marca. Então esses professores conseguiram deixar uma marca muito grande em você e eles nem imaginam. Se perguntar para o Ascânio da Mayara ele nem deve lembrar.

- **Profa. Mayara:** Não, o Ascânio nem vai lembrar (risos). Olha o tanto de alunos que ele teve e tem (risos).

- **Grupo:** Então, é esse tipo de marca que você quer deixar em seus alunos? Que daqui há 30 anos eles possam se lembrar da professora Mayara?

- **Profa. Mayara:** Olha, eu acho que eu já deixo. Porque as vezes eu estou na rua e algum aluno me cumprimenta. E eu logo penso: *“quem é você na fila do pão?”* (Risos). Nós entramos na vida das pessoas. Então isso acaba se tornando inevitável.

- **Grupo:** E já aconteceu de você sentir que deixou essa marca em algum aluno que você nem esperava?

- **Profa. Mayara:** Olha, às vezes muitas coisas que eu falo, até mesmo na brincadeira, os alunos me dão um *feedback*.

- **Grupo:** Esquecemos de perguntar, em qual universidade você se formou?

- **Profa. Mayara:** UNAES (União da Associação de Educação Sul-Matogrossense).

- **Grupo:** Embora você tenha se formado há pouco tempo, você sente que há diferença de pessoas que se formaram em 2013 para pessoas que se formaram em 2018, por exemplo?

- **Profa. Mayara:** Eu sinto diferença de pessoas que fizeram o curso a distância e cursos semipresenciais, sem contato com a prática. Eu observo isso até mesmo em uma colega que se formou no ano passado, e ela não sabe muita coisa. Porque educação é relação. Na faculdade a distância só há contato com o computador, livros, vídeos e um colega ou outro. E na faculdade ninguém te ensina a falar com o pai, com o aluno, com a coordenação, com a maneira que você irá reportar um problema. Porque nem tudo o que acontece em sala de aula você consegue levar para a coordenação, pois o questionamento da coordenação é: “*mas o que você fez diante disto?*”. E as vezes você nem sabe como fez e se fez corretamente. Então é preciso dosar. E isso você aprende a partir da prática. E eu vejo que o ensino a distância te ensina menos ainda por falta de relacionamento interpessoal. Eu não tenho nada a contra, há pessoas que fazem a distância e que saem melhores preparadas do que quem cursou presencial.

- **Grupo:** E em relação ao conteúdo? Profissionais formados em 2013 e em 2018, como você percebe o domínio destes profissionais?

- **Profa. Mayara:** Eu vou dizer como saem todos os profissionais (risos). Saem achando que a escola é um paraíso, que os alunos estão na escola com vontade de estudar.

- **Grupo:** E esta é a importância do estágio, não?

- **Profa. Mayara:** Sim, mas quando você é estagiário, você não tem a responsabilidade com a turma. Há poucas universidades que cobram do aluno a boa formação. A residência e o estágio dessas universidades cobram do aluno. Porém, eu sinto ineficiência dos estágios, que muitas vezes possuem apenas uma aula de regência. Observa uma semana e tem apenas uma aula de regência. É necessário mais de uma semana e mais de uma regência.

- **Grupo:** Não está no questionário, mas você nos fez querer fazer uma pergunta: o professor regente nem sempre recebe o estagiário de braços abertos, por que?

- **Profa. Mayara:** Porque ele não está preparado. O professor se sente avaliado. Quando não temos a noção de qual é o nosso lugar, o outro realmente amedronta. E é isso que eu digo de nós nos construirmos. Aquele termo *resiliente*, o termo mais lindo. O que é ser resiliente? É me dobrar, me esquentar e voltar a ser o que eu era? (Risos). Eu digo, para fazer estágio na minha sala, as portas estão abertas e eu sempre digo para absorver aquilo que achar importante e aquilo que não é não absorve. Há vários métodos de ensino, construtivismo – acho ótimo, porém não temos recurso no Brasil. O montessoriano – acho legal. Mas você tem que ter domínio da sua metodologia, porque ficar preso em teóricos você acabará se perdendo, se a cada dia basear-se em um diferente. Ao escolher a metodologia, faça seu melhor e domine. Eu sou totalmente a favor dos estagiários fazerem exatamente o que vocês estão fazendo, uma residência pedagógica¹², um PIBID, para olhar, vivenciar, aprender, interferir e fazer parte disto, porque após formado, ninguém se preocupa se você é recém formado ou não. Você precisa entrar na sala, dominar a sala, o conteúdo e apresentar resultado.

- **Grupo:** E você acaba sendo cobrado por todos, sociedade, família, escola...

¹² Iniciativa do Ministério da Educação – MEC, coordenada pelos Programas da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES.

Inicialmente, a Residência Pedagógica é vinculada à formação das disciplinas da Base Nacional Comum Curricular. O programa é uma das ações que integram a Política Nacional de Formação de Professores. Com o objetivo de aperfeiçoar a formação prática nos cursos de licenciatura, promove a imersão do licenciando na escola de educação básica a partir da segunda metade de seu curso.

- **Profa. Mayara:** Então, vocês querem ser professora mesmo? (Risos). Daqui a pouco vocês vão largar tudo e fazer medicina (risos).

- **Grupo:** Achamos bem interessante o que você disse a respeito de encontrar uma metodologia a qual você se adapta. Porque é uma dificuldade que nós temos quando vamos fazer o estágio obrigatório, pois ficamos com o receio de que o professor regente está nos avaliando, e principalmente pela falta de experiência e de estarmos no processo de aprendizagem. Isso torna-se válido para nós ainda graduandos.

- **Profa. Mayara:** O estagiário quer fazer uma correlação entre teoria e prática. E quando você se torna professor, você acaba fazendo aquilo que é possível com as condições que você possui. E eu sempre digo que a metodologia é o que vai definir sua sala de aula. Eu tive uma estagiária que eu disse a ela que eu não iria interferir na aula dela, apenas ao comportamento dos alunos, porque a aula era dela e que ela deveria saber o que ela iria passar de conteúdo e o tempo de aula, eu estou aqui para te ajudar com o comportamento dos alunos. Ela entrou na sala de aula e me perguntou: *“o que eu vou dar para eles?”*, e eu disse: *“meu bem! Pegue o livro para te orientar”*. E ela escolheu trabalhar língua portuguesa. Em uma aula de 50 minutos, ela trabalhou em 20 minutos e os outros 30 minutos ficaram perdidos. Mas tranquilo, ela estava aprendendo, faz parte do processo. Mas quando vamos para uma sala de aula precisamos saber o tempo de aula, quanto tempo leva cada atividade, testar as atividades e suas habilidades.

- **Grupo:** E se eu estou no primeiro dia de aula, eu não conheço os alunos. Como planejar uma aula sem conhecer a turma?

- **Profa. Mayara:** Eu trabalho com um esquema já. No primeiro dia de aula, trabalho regras e combinados, se necessário, fico três ou quatro aulas trabalhando isso. Faço apresentação, uma acolhida, regras e combinados – eu passo no quadro, eles copiam, eu levo impresso e eles colam no caderno. Porque isso mostra para eles quem eu sou e o meu sistema de dar aula.

- **Grupo:** Você se julga tradicional?



Edição 26 – Março de 2020
Artigo recebido até 25/01/2020
Artigo aprovado até 27/02/2020

- **Profa. Mayara:** Bastante (risos).

- **Grupo:** Mas e para quem irá te substituir, e não conhece sua turma, como planejar essa aula?

- **Profa. Mayara:** Eu vou te passar a atividade e o plano de aula detalhado que você irá reger. Eu evito atividades que desafiem os alunos para não gerar uma desarmonia. Eu preparo atividades direcionadas e que eles já saibam fazer.

- **Grupo:** Como foi seu ingresso no magistério?

- **Profa. Mayara:** Olha, foi na sorte (risos). Porque eu havia saído da AFRANGEL, onde eu trabalhava com educação infantil. E ligaram para minha irmã que já era professora de artes e ela já estava com suas aulas definidas, então ela recursou, porém me citou na ligação, pois eu estava desempregada. Precisavam da substituição para o mesmo dia e eu fui. Comecei dando aula para o 7º ano, e foi assim (risos). Sem conteúdo e sem material. Então eu fiz o que eu faço nos primeiros dias de aula: as apresentações e combinados, e levei isso para a vida.

- **Grupo:** Então de uma substituição, virou emprego?

- **Mayara:** Sim, isso já era o emprego. A professora antiga assumiu na rede municipal. Era uma escola integral, tenho sorte com escolas integrais (risos) – a escola Antônio Delfino Pereira, é escola da autoria¹³ da rede estadual, com ensino integral – e chegou avisando que não iria mais, a escola precisava de professor, indicaram a minha irmã, que acabou me indicando, e a partir daí já me passaram a lista de documentação necessária para admissão.

- **Grupo:** Desde a sua vida escolar, você já se imaginava como professora? Comente.

¹³ Uma proposta que trabalha a formação do jovem autônomo, com as competências necessárias para o século XXI, e incentiva o protagonismo juvenil para que os estudantes sejam autores de seu conhecimento e protagonistas na construção da aprendizagem.

- **Mayara:** Desde os 9 anos de idade, com as bonecas, que eu doutrinava, elas tinham que saber ler (risos). A minha mãe conta até hoje as histórias, eu tenho até hoje o quadro negro que eu dava aulas para as bonecas, e eu dizia: “*fulano, você está bagunçando, você não vai para o recreio*”. E eu penso, meu Deus, e eu com 30 anos de idade fazendo a mesma coisa que eu fazia com as bonecas ao 9 anos de idade (risos).

- **Grupo:** Também não está no questionário (risos), está ficando longo porque não paramos de perguntar coisas além (risos). Temos nossa opinião, mas gostaríamos de saber a sua, professor é dom ou é construção?

- **Profa. Mayara:** Vocês estão muito curiosas, aguçadas. Eu tenho esse poder mesmo (risos). É construção. Dom é pegar um violão e tocar. Professor precisa se construir. Porque as vezes você olha para sua carreira e pensa se é isso mesmo que você quer.

- **Grupo:** É a opinião que a nossa. Porque embora você aos 9 anos de idade, dava aulas às bonecas, outra coisa é transmitir conteúdos aos alunos efetivamente. Você tem pouco tempo de formada. Na sua fala, ao mesmo tempo que você tem entusiasmo, nós vemos um desânimo. Ao mesmo tempo que você diz querer deixar marca em seus alunos, você questiona, nós, ainda acadêmicas, se temos certeza do que queremos. Por que essa inconstância?

- **Profa. Mayara:** Pelo sistema que vivemos. Temos essa guerra interna. O sistema exige que sejamos um excelente professor sem nos dar recursos e isso nos frustra. Porque queremos também um retorno financeiro.

- **Grupo:** Então o que te frustra é o sistema e não os alunos? Os alunos não são problemas?

- **Profa. Mayara:** O sistema. O aluno não é problema. O aluno pode vir com mil problemas, mas eu estou aqui para dar aula. Esse é o meu trabalho. Vou dar um exemplo: o médico tem que fazer uma cirurgia no paciente, e este paciente é chato, o médico deixará de fazer a cirurgia em você? Não. Ele vai fazer a cirurgia independente, porque este é o trabalho dele.

- **Grupo:** Este um ponto importante, porque as pessoas se esquecem que professor é profissão, este é o seu trabalho.

- **Profa. Mayara:** É isso! Então o aluno tem problema familiar. Sim ele tem. O que posso fazer? Não tenho tirar ele deste problema, não tenho como tirar o pai dele da cadeia, por exemplo. Eu digo sim para esta realidade. Porque esta é a realidade que temos enfrentado. Mas o meu papel com ele é de ser professora e este aluno precisa demonstrar habilidade e conhecimentos, este aluno precisa atingir os objetivos. Se este aluno tem problemas familiares, nós vamos tentar na medida do possível, o que está ao nosso alcance mediar e auxiliar. Eu não posso ir além.

- **Grupo:** Então se não fosse o sistema. Esquece o sistema. Vamos imaginar o sistema perfeito, o sistema da Finlândia, por exemplo, que abraça o professor. Você indicaria a profissão para nós, acadêmicas, com certeza ou de maneira nenhuma?

- **Profa. Mayara:** Com certeza.

- **Grupo:** Então você não nos desmotiva.

- **Profa. Mayara:** Não, eu apenas digo a vocês para serem realistas (risos). Há uma crença de que o professor tem a bola mágica, e nós não temos, nós não temos apoio. Você já tentou de tudo com o aluno e a direção ainda diz que professor bom é professor que não manda aluno para a direção. Então essas incoerências nos desanimam. Você está dando uma aula das quais você precisa de pinças novos, por exemplo, os pinças ali existente já tem quatro anos, estão quebrados e você não tem condições de trabalhar com este material. E eu tenho custear isso? Não, eu não tenho. E acabamos custeando para facilitar o nosso trabalho, mas não tem que ser assim.

- **Grupo:** É, vamos voltar para o exemplo da cirurgia do médico. O médico fará a cirurgia e ele não vai custear os gastos com os materiais. Se ele precisar custear ele irá cobrar do paciente.

- **Profa. Mayara:** Exatamente. Nós não temos este apoio. Nós não temos para quem cobrar. O aluno quebra, joga fora, xinga, e você não tem nada que te ampare? Vivemos em uma sociedade em que o professor leva a culpa de tudo, mas ninguém nos dá nada. As escolas públicas estão cada vez mais sucateadas. Professor muitas vezes precisa trabalhar em três ou quatro escolas para conseguir pagar suas contas. E há quem diz que professor ganha bem. Não, professor não ganha bem, ganha o que qualquer outra profissão deveria ganhar. Se fizermos os comparativos, outros profissionais deveriam ganhar o que o professor ganha e o professor ganhar o dobro, pois ele forma os outros profissionais. A educação nos possibilita escolhas e não melhora de vida. Pode ser diarista, mas com educação eu posso fazer escolhas para saber o que me traz benefícios bons ou não. O estudo não deve ser para ganhar dinheiro e sim para nos possibilitar escolhas e ampliar nossos conhecimentos.

- **Grupo:** E este é o maior erro da educação, forma pessoas para serem bem sucedidos em sua profissão e ganhar dinheiro. Vamos para uma pergunta utópica: o que você pensa que deveria ser diferente, o que poderia melhorar a educação do Brasil?

- **Profa. Mayara:** No máximo 20 alunos por sala, livros didáticos consumíveis todos os anos (livros que sejam dos alunos, que não precisa ser devolvido no fim do ano letivo, possibilitando que o aluno faça os exercícios no próprio livro didático) e uma legislação que faça com que os pais sejam cobrados através de impostos, a alienação parental, a falta de acompanhamento, a falta de apoio aos filhos e as instituições escolares. Porque se países onde a educação funciona de fato, como Japão, por exemplo, é porque a família é cobrada energeticamente. No nosso sistema brasileiro, de democracia livre, tudo se torna permissível.

- **Grupo:** Como foi, até 2018, sua relação com alunos ao longo desses anos?

- **Profa. Mayara:** Difícil e prazerosa. Um *morde e assopra*. Pela minha personalidade, por vezes, explosiva, acaba dificultando, faz com que os alunos me temem. Porém ao mesmo tempo que tenho esse temperamento eu consigo puxar os alunos para o meu lado. Na maioria das minhas aulas, os alunos

participam e se envolvem. Acaba sendo proveitoso para ambos. E através da minha didática com aula, sendo flexível ou não, mostra ao aluno que a disciplina presente da aula, determinará como a mesma será.

- **Grupo:** Qual sua opinião da relação afetiva entre professor e aluno? Onde eu trabalho, eu abraço as crianças, se vejo triste já quero conversar e entender o motivo da tristeza, por exemplo. Qual sua opinião com relação a isso?

- **Profa. Mayara:** Eu vou usar a teoria. Vygotsky diz que precisamos criar laços com o aluno. Este laço quem estipula é o professor. Você quer criar laços com o aluno e sua família, tranquilo. O que não pode é o aluno e sua família invadir a sua vida. A criança está triste, você não pode esquecer que você é a professora, a criança pode desabafar e chorar para você, mas você não vai resolver o problema dela. Se estiver ao seu alcance, por exemplo, conseguir uma cesta básica porque a criança está passando fome, tudo bem. Mais que isso, pegar uma responsabilidade, isso você não pode. Eu não tenho alunos no meu *Facebook*, porque eu tenho a minha vida pessoal, vou à festas, e os alunos podem me cobrar dependendo da publicação que verem. A minha vida pessoal e meu trabalho não precisam se misturar. Você pode participar da vida da criança, mas você não deve permitir que a criança participe da sua. Porque perde o limite hierárquico entre aluno e professor, do qual o aluno se sente amigo e acaba confundindo as coisas. É diferente da graduação, que acabamos adquirindo vínculo com os professores, adquirindo amizade. Mas já somos adultos, temos noção. A criança e sua família não têm noção (risos).

- **Grupo:** Como é a sua relação com os colegas de trabalho ao longo desses anos? Lembrando que os colegas não são só os professores, é o funcionário dos serviços gerais, o inspetor, a merendeira. Olha, todo mundo quer dar palpite na sala de aula.

- **Profa. Mayara:** Você tem sua sala de aula e eu sou da portaria, e eu penso que a maneira como você está regendo sua sala de aula tem que ser diferente. E isso sem falar na inveja.

- **Grupo:** Bacana você citar a moça da portaria. Porque voltamos a questão da construção. Você teve seu processo de construção e ela não. Ela domina a criança enquanto está no pátio, mas na sala de aula é outro contexto.
- **Profa. Mayara:** São outros requisitos dentro de sala de aula: é o domínio de sala de aula, conteúdo e é a didática.
- **Grupo:** Exatamente. Às vezes escutamos coisas do tipo: *“eu criei três filhos, 5 sobrinhos, eu consigo dominar uma sala de aula”*.
- **Profa. Mayara:** Parabéns para você (risos). São coisas distintas. Entre os colegas falta parceria e respeito. Porque o professor que sente um excelente professor, nem sempre é. Cada um deve ocupar seu espaço, sem achar que todo mundo tem que fazer como você e que o outro professor está dando aula de maneira errada. E aí que os conflitos são gerados, porque as pessoas não sabem ocupar seus lugares, não respeitam a hierarquia. É quando surgem as fofocas, professor adora uma fofoca. Se eu penso que dou uma aula boa e o outro professor não, eu preciso respeitar o momento do outro professor, pois ele é o profissional no momento, ele se preparou para aquela aula e não eu. Talvez este professor esteja fazendo aquilo que ele acredita ser o melhor. E quem está de fora precisa respeitar sem comparações. Porque isso desune a classe.
- **Grupo:** Você pensa em dar aulas para adultos, EJA ou graduação?
- **Profa. Mayara:** Meu sonho. Sou fascinada pela graduação.
- **Grupo:** E você pensa em mestrado? Porque há exigência de no mínimo mestrado.
- **Profa. Mayara:** Eu não penso em mestrado não, penso em doutorado. Vou bem além (risos). Eu só tenho 30 anos de idade, tenho muita coisa para fazer.
- **Grupo:** O que é a escola de forma geral para você atualmente? E o que ela precisa ter de diferente?

- **Profa. Mayara:** A estrutura escolar não irá mudar. A escola manterá a hierarquia piramidal. O que precisaria mudar é a maneira como vemos o aluno. Pois ele é um ser humano e nós vamos encará-lo conforme ele se abre. Hoje em dia queremos um aluno que fale, pense e se comporte como queremos e falta ferramentas para que este aluno possa mudar de postura. O olhar que damos aos alunos não deve ser de piedade, não podemos tirar a responsabilidade da família, ter um olhar apenas para o mercado de trabalho e apenas quantitativo – no sentido de quantos alunos já leem, por exemplo, mas de ser realmente formadora de crítica e reflexão – porque quando permitimos isso, humanamente nós crescemos. Trabalhando o grupo de pessoas, como pessoas em desenvolvimento. Devemos tirar a responsabilidade do professor de que tem obrigação de salvar o mundo. Nós não vamos salvar ninguém. Nem Jesus fez isso, e lembramos dele todos os anos na Páscoa, que sua morte foi para nos salvar. Então, este papel, de julgar, diminuir e supervalorizar não nos cabe, de criar cidadãos para o mercado de trabalho. O papel da escola é fundamental para construir conexões humanas, cerebrais e aprender a (com)viver em sociedade.

- **Grupo:** O que é a universidade e sua função? A escola para você é para (com)viver em sociedade, e a universidade?

- **Profa. Mayara:** E a universidade é para refletir a sociedade. A universidade é a reflexão. Porque se algo não está dando certo, é na universidade, na academia que precisamos analisar e refletir para encontrar respostas, para os tempos atuais. Não é apenas o curso de sociologia que deve ser capaz disso. Todas as graduações precisam refletir e encontrar respostas para os tempos atuais.

- **Grupo:** E você acredita que durante o seu tempo de formação, até 2013, foi capaz de despertar isto?

- **Profa. Mayara:** Um pouco. A universidade particular deixa a desejar neste aspecto. E isto é outro problema. Há uma venda de diplomas.

- **Grupo:** Como é a sua relação, atual, com os alunos? Comente.

- **Profa. Mayara:** Aluno para mim deve ser autônomo. Eu passar uma atividade e ele ser capaz de fazer sozinho. A história de professor mediador para mim não é correto. Professor é professor, mediador é mediador. O tutor, ele é mediador entre professor e aluno, o tutor não incita pergunta nem respostas. Hoje, para mim, os alunos até o fim do ano precisa ser capaz de ser autônomo, organizados, articulados e comunicar seus pensamentos e emoções. E serem capaz de sonhar. O professor é capaz de plantar sonhos nos alunos.

- **Grupo:** A partir de sua experiência de sala de aula, o é ser educador? Aliás, você concorda com a palavra “educador”?

- **Profa. Mayara:** Sim, concordo. Infelizmente adquirimos isso devido a sociedade em que vivemos.

- **Grupo:** E o que você pensa que isso causou na educação, com esse termo “educador”?

- **Profa. Mayara:** Aí iremos falar dos problemas sociais. A partir do momento em que a figura do professor se tornou educador, confundiu-se a hierarquia de pai, de mãe e transferiu a responsabilidade para a escola. Infelizmente, o professor educador, além de transmitir o conhecimento precisa de outras habilidades. Por exemplo, ensinar a criança a escovar os dentes, não cabe a nós, mas assumimos isso, porque senão fizermos a situação fica pior do que já está. Para mim é sempre o sistema. Eu acho disfuncional uma criança de 7 anos estar no 1º ou 2º ano, porque não respeita a maturidade e o espaço da criança. Pois a criança que deveria estar brincando não está preparada para escrever, por exemplo, acabamos roubando da criança a infância que ela nunca mais terá, criando problemas posteriores, consequente a isto – depressão, suicídios. E quando chega em um momento conflitante, que precisa deixar de ser criança, para virar algo que ainda não é adulto, o indivíduo não consegue dar este passo, porque no início foi roubado o seu momento de ser criança.

- **Grupo:** E você pensa que existe uma idade ideal para a criança? E qual seria?

- **Profa. Mayara:** A idade ideal é da maturidade.

- **Grupo:** Mas cada criança amadurece em tempo diferente.

- **Profa. Mayara:** Eu acredito exatamente nisso. Colocar uma criança de 5 anos de idade em uma escola porque a família trabalha o dia todo, você não está a colocando porque você acredita que ela tenha habilidade para ler e escrever, você está colocando em uma escola para resolver um problema social.

- **Grupo:** Na prática de sala de aula, você aplica algum método em particular? Se sim ou não, comente.

- **Profa. Mayara:** Sim, as metodologias são chave de leitura. Atualmente eu abracei a metodologia que deu certo comigo: pedagogia sistêmica. A postura de ser e ver o professor mudou, porque a partir do momento que eu passo a entender o que sou, o que faço e como ocupo meu lugar eu consigo dar os passos para minha profissão. A pedagogia sistêmica me ajuda muito, me dá subsídios para enfrentar a sala de aula com mais firmeza e certeza. O teórico é novo, é Bert Hellinger¹⁴. É recente. Mas eu também utilizo algumas coisas de teóricos mais aclamados, como Piaget, por exemplo. Mas através da pedagogia sistêmica adquiri mais confiança para encarar a sala de aula. O conheci através de um curso de aperfeiçoamento. Infelizmente, não é porque você não quer dar uma aula melhor, é porque todos os seus planos foram esgotados: no plano A você precisava do *Datashow*, não tem, está estragado. No plano B, você pensa em fazer os recortes que havia pensado, mas não tem tesouras e os alunos não trazem de casa. E o que fazemos? O que todo mundo faz, passa atividade no quadro.

- **Grupo:** Você poderia relatar uma experiência positiva de sala de aula em relação ao ensino.

- **Profa. Mayara:** Durante uma formação que os pais foram envolvidos aqui na escola, eu trabalhei o projeto “*O lugar onde eu vivo*”, fizemos uma pesquisa aqui na comunidade Tia Eva¹⁵, entrevista e todo um trabalho pedagógico. E a mãe de um aluno disse que se sentia muito contente com o envolvimento que os alunos

¹⁴ Filósofo, teólogo, psicanalista e pedagogo alemão. Baseia-se em três leis ou necessidades: hierarquia, pertencimento e equilíbrio.

¹⁵ Comunidade remanescente de quilombo desde 1905 reconhecida pela Fundação Cultural Palmares, situada em Campo Grande – MS. Recebe este nome em homenagem a Eva Maria de Jesus, ex escrava, migrou do Estado de Goiás, para o Estado até então denominado Mato Grosso, trabalhou como lavadeira, parteira, cozinheira, curandeira e benzedeira. Procurada por inúmeras pessoas, tornou-se referência na comunidade.

tiveram **com a comunidade e passaram a entender a importância da comunidade para a comunidade**. A mãe me agradeceu pois viu o entusiasmo e a importância que o projeto teve. E a mãe de um outro aluno que eu não gostava muito (risos), me disse que seu filho se sentiu parte da comunidade mesmo não morando aqui, por conhecer a história da comunidade. Isso para mim foi muito honroso. A gratidão, por muitas vezes, paga o que não conseguimos expressar em valores.

- **Grupo:** Você poderia relatar uma experiência não muito boa de sala de aula em relação ao ensino.

- **Profa. Mayara:** Fofoca (risos). O que estraga para mim é a fofoca.

- **Grupo:** Mas e na sala de aula?

- **Profa. Mayara:** Tem muitas. De aluno cuspir na água, xingar, inventar que você bateu nele.

- **Grupo:** Essa de bater acredito que todos já passaram. E teve algo que mais tenha te marcado?

- **Profa. Mayara:** O que atrapalha o meu trabalho não são os alunos. São os adultos. É a fofoca, não respeitar o meu espaço como professora e pensar que eu tenho que ser como querem que eu seja.

- **Grupo:** Se fosse homenagear a um ex-professor, ou colega de trabalho, quem seria e por quê?

- **Profa. Mayara:** A professora Marinete¹⁶, porque ela tem didática, tempo de serviço, uma maneira de transcrever o conteúdo que eu acho fenomenal, a clareza – porque este mundo de metodologia faz com que nós nos perdemos, nós estudamos tanto que as vezes não sabemos o que fazer e ela tem uma dinâmica que gosto muito. Homenagearia também a professora Daniela¹⁷, ela é metódica, gosta das coisas perfeitas, porém muito simples, acessível.

- **Grupo:** Que mensagem você deixaria para os alunos que estão pensando ou estudando para professor?

¹⁶ Atualmente coordenadora do ensino fundamental I na Escola Estadual Antônio Delfino Pereira.

¹⁷ Professora de Artes na Escola Estadual Antônio Delfino Pereira.

- **Profa. Mayara:** Façam medicina (risos). Brincadeira. Eu digo a vocês: encontre uma metodologia, aprendam a fazer diário e entendam que planejamento um gesso, e sim um prever, sonhar possibilidades, eventos que podem acontecer ou não.

- **Grupo:** Que mensagem deixaria para os colegas de trabalho nessa longa caminhada?

- **Profa. Mayara:** Gente, me deixem em paz! (Risos). Saem do meu pé. Me deixem trabalhar em paz (risos). Eu diria *força na peruca*, porque não vamos aposentar tão cedo.

- **Grupo:** Mesmo formada a pouco tempo, se você pudesse recomeçar do zero, sua atividade profissional, o que faria de diferente?

- **Profa. Mayara:** Pedagogia novamente. Por causa da possibilidade que a pedagogia nos dá como humano, profissional e suas percepções. Não sou pedagoga porque gosto de criança. Porque gostar de criança eu gosto do meu sobrinho, que toma banho sozinho, come sozinho e me obedece (risos). Mas sim pelo diálogo com outros cursos, entendimento com a política. A pedagogia nos *empodera* quanto a isso. Não mudaria nada. As coisas são exatamente como são.

- **Grupo:** Qual é a maior dificuldade de sua época como estudante?

- **Profa. Mayara:** Ficar quieta (risos). Eu sempre fui inteligente capaz de fazer duas coisas ao mesmo tempo e não tinha noção que meus colegas não tinha a mesma habilidade. Eu terminava as atividades e conversava, e isso atrapalhava o rendimento dos colegas.

- **Grupo:** Qual é a maior dificuldade do estudante de hoje?

- **Profa. Mayara:** Ler um texto e interpretar. Entender a informação. Eles leem, porém, não absorvem o conteúdo.

- **Grupo:** Exceto fofoca, citada por você diversas vezes, quais os dissabores evidenciados na sua carreira? Comente.

- **Profa. Mayara:** Falta de material, recursos, uma sala de aula muito numerosa. Preciso usar microfone para falar com as crianças e maior investimento financeiro para a carreira.

- **Grupo:** Lembra de algum aluno que tenha recebido influência sua para seguir carreira do magistério? Comente.

- **Profa. Mayara:** Eu tenho pouco tempo de formada, mas já trabalhei em ensino médio. Eu tive uma aluna que hoje faz pedagogia na UFMS porque segundo ela, era lindo a maneira como eu dava aula.

- **Grupo:** O que lhe proporcionou maior alegria na carreira?

- **Profa. Mayara:** Quando um pai ou uma mãe de aluno vem agradecer ou até um aluno. Isso nos dá motivação.

- **Grupo:** Mayara, este espaço é destinado para a senhora deixar alguma mensagem ou complementar algo que não disse, caso sinta vontade. Este é o fim da entrevista, fique à vontade.

- **Profa. Mayara:** Acho que não. A vivência nos ensina a tomar decisões conforme os fatos acontecerem. Não há respostas para tudo, os livros nos ensinam para determinadas épocas, os teóricos tentaram achar respostas para suas épocas. E nós precisamos achar respostas para época em que vivemos.

Considerações Finais

Seria difícil abordar os diversos pontos da entrevista, no entanto, vamos destacar algumas questões: o questionário enquanto espaço de inscrição de discursividade possibilita pelos efeitos de sentido, a inscrição de acontecimentos da memória, isto considerando o fluxo da memória na relação com a discursividade fez fluir a inscrição.

As questões ou perguntas são provocações para aberto do espaço de inscrição dos discursos. Convém ressaltar que em alguns momentos, de acordo dos discursos, algumas perguntas não previstas, foram elaboradas para maior discussão. Situação que foi muito proveitosa em termos de sentidos.

Assim, a inscrição de discursos que representa não apenas a trajetória da professora como também a construção de sua identidade de educadora. Também foi importante os surgimentos no fluxo da memória o cotidiano escolar, seus sentidos que pode nos levar há uma compreensão mais sistemática entre academia e escola.

Referências Bibliográficas

- RAMOS, F. R. L.. Uma Questão do Tempo: Os Usos da Memória nas Aulas de História. Cad. Cedes, Campinas, vol. 30, n. 82, p. 397-411, set.-dez. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32622010000300009>. Acesso em 16 mai. 19.
- MELO, D. S.. Profissão Docente: Um Estudo Sobre a Desvalorização/Valorização da Carreira. 2016. (Apresentação de Trabalho/Conferência ou palestra). Disponível em: <http://nead.uesc.br/jornaped/anais_2015/formacao_de_professores_e_profissionalizacao_docente/PROFISSAO_DOCENTE_UM_ESTUDO_SOBRE_A.pdf>. Acesso em 16 mai. 19.
- BRASIL. Ministério da Educação. PIBID – Apresentação. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/pibid>>. Acesso em 16 mai. 19.
- BRASIL. Ministério da Educação. CAPES dá início ao pagamento da Residência Pedagógica. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/45681>>. Acesso em 16 mai. 19.

Web revista Página de debates

Questões de
LINGUAGEM

Edição 26 – Março de 2020
Artigo recebido até 25/01/2020
Artigo aprovado até 27/02/2020

MATO GROSSO DO SUL. Secretaria de Estado e Educação. Escola da Autoria. Disponível em:
<<http://www.sed.ms.gov.br/Geral/escola-da-autoria/>>. Acesso em 16 mai. 19.

GRICKSCH. M. F.. Sobre Bert Hellinger. Disponível em: < <https://www.cf-evajacinto.pt/constelacoes-familiares-2/bert-hellinger/biografia-bert-hellinger/>>. Acesso em: 16 mai. 2019.

BRASIL. Palmares – Fundação Cultural. Comunidade Tia Eva é reconhecida como comunidade quilombola. Disponível em: < <http://www.palmares.gov.br/?p=2530>>. Acesso em 16 mai. 2019